



A curadoria de eventos culturais

UM ESTUDO DE CASO DA BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ



Joedita Leal Fernandes Vieira



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

A CURADORIA DE EVENTOS CULTURAIS:
UM ESTUDO DE CASO DA BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ

Joedilia Leal Fernandes Vieira

FORTALEZA

2010

JOEDILIA LEAL FERNANDES VIEIRA

**A curadoria de eventos culturais:
um estudo de caso da Bienal Internacional de Dança do Ceará**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, sob orientação da prof^a. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha.

Fortaleza

2010

JOEDILIA LEAL FERNANDES VIEIRA

**A curadoria de eventos culturais:
um estudo de caso da Bienal Internacional de Dança do Ceará**

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha
Universidade Federal do Ceará

Prof^ª. Ms. Joelma Soares da Silva
Universidade Federal do Ceará

Prof^ª. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão
Universidade Estadual do Ceará

Nota: _____

*Aos meus pais, eternos
companheiros e amigos*

AGRADECIMENTOS

No dia 5 de maio de 2010, quarta-feira, às 9 horas da manhã, “comecei minha monografia”. Foi exatamente esta frase que escrevi na minha agenda - tenho memória péssima! - assim que terminei a capa - obviamente eu tinha que começar pela capa. Então fui seguindo passo a passo até aqui. Impulsivamente comecei a escrever: “A Deus... Aos meus pais... A minha orientadora... e assim continuei até colocar todas as pessoas que lembrava no momento. É! Escrevi exatamente nesse conservador e metódico formato - minha cabeça tem grande tendência a funcionar assim muito frequentemente, pra não dizer quase sempre. Passei então a escrever os outros tópicos da monografia e deixei os Agradecimentos pra depois.

Hoje, dia 26 de maio de 2010, quarta-feira, às 9h da noite - depois de duas noites pensando o que escrever aqui e inspirada nos Agradecimentos dos meus queridos, eternos e grandes amigos André e Nilton, começo meus sinceros agradecimentos. Obviamente que não serão tão poéticos quanto os do André, nem tão incríveis - porque não existe palavra melhor pra expressar tudo que ele faz - quanto os do Nilton, mas serão, no mínimo, verdadeiros.

Bom, sempre soube me expressar melhor oralmente - às vezes, falo até demais! - mas vou tentar registrar aqui algumas lembranças que tenho de importantes momentos que vivi durante esses quatro anos e meio de universidade em respeito a todos aqueles que me ajudaram nessa jornada acadêmica.

Primeiro quero agradecer a Deus, que é pai de bondade e luz do meu caminho - sem Ele, nada, na minha vida, é possível. Ele iluminou meu coração, o encheu de paz, e eu finalmente tive coragem de desistir do vestibular para Medicina e tentar Publicidade. Passei então em 2º lugar - possivelmente com pontos suficientes para passar também em Medicina. E, antes que pense o contrário, eu não me arrependo até hoje! Agradeço aos meus pais, que sempre estiveram presentes, apoiando-me em todas as minhas decisões e dando-me força nos momentos mais difíceis e por acreditar em mim quando eu mesma já não acreditava; a minha irmã, que sempre teve muita paciência, ajudando-me em tudo que podia; à Bitá, pela amizade e pelos adoráveis momentos de descontração; à prima e madrinha Graciela, pelos conselhos; ao Ray, pelos momentos de gargalhadas - apesar dos de raiva - e a todos os membros da minha família, obrigada pelo amor, carinho e apoio.

Agradeço ainda ao Leo, por estar ao meu lado na matrícula, pelo amor de um dia e pelo carinho de sempre; ao meu grande amigo Thiago, pela eterna disposição em ajudar e pela

força; ao Torben, pelo carinho, pela dedicação e pelos momentos de diversão; ao Kenny, pela eterna amizade, pela ajuda e pelas visitas; à Edneide e Martinha, pela disponibilidade; ao Fernando Henrique, pelo apoio no MSN; ao Fernando Elpídio, pela dedicação, disponibilidade em me ajudar desde a primeira vez em que nos conhecemos e companhia no MSN; à Karina Parente - não sei nem por onde começar!, pelo amor fraterno, pela amizade, pelo carinho, pelas conversas, pelos conselhos - “Obrigada por tudo, amiga!”; à Lêda, por ser uma segunda mãe tão maravilhosa, cheia de amor, carinho e amizade; à Myrna e à Béa, por serem também minhas amigas e a todos os meus amigos que indiretamente me ajudaram a seguir em frente.

No dia que era pra ser teoricamente o primeiro dia de aula, tive o prazer de conhecer três pessoas interessantíssimas - aproveito para agradecer-lhes por aquele momento: Álvaro, obrigada pelo carinho; amiga Vivian, obrigada pela paciência, companhia e sinceridade; Diego, obrigada por compartilhar Química e Publicidade - incríveis coincidências da vida! Logo nos primeiros dias de aula, eu já fazia parte de um trio: Walber, muito obrigada pela amizade e inteligência e Tayce, muito obrigada pelo carinho. Foi uma honra compartilhar momentos de alegria, de tristeza e até, logicamente, de dúvidas pessoais e profissionais com vocês, amigos jornalistas! Infelizmente vocês seguiram o curso no turno da tarde, e nós, publicitários, seguimos no turno da manhã. Como diz o dito, há males que vem para o bem, foi depois disso que comecei uma grande amizade: Obrigada, amigo Nilton “Ótimo”, por ter me escolhido para ser sua dupla - sempre!, pela sintonia - “Lembra do dia da matrícula?”, pelos conselhos mafiosos e por me aguentar durante toda nossa vivência acadêmica. 50% do meu diploma devo a você, eu Apolo, você Dionísio!

Como a universidade não é só ensino, agradeço a todos que compartilharam comigo momentos inesquecíveis no ENECOM Salvador e ERECOM Fortaleza, em especial ao meu amigo André, por ser uma pessoa maravilhosa, com quem posso contar sempre, por cuidar de mim com tanto carinho, por ter sido meu colega de universidade e de trabalho, por todas as companhias na volta pra casa - “Obrigada, amigo!”. Um obrigado especial também ao Jonas pelas conversas e por ter enviado meu *Curriculum* ao meu primeiro trabalho. Como não podia faltar, também tenho amigas na universidade. Muito obrigada: Mary, pela beleza e dança; Jéssica, pela disposição e coragem; Jú Vasconcelos, pela descontração e ajuda e Juli Ximenes, pela serenidade e simplicidade. Obrigada ainda a todos os meus colegas de universidade, não só os do curso de Comunicação Social, mas os de todos os cursos, que compartilharam comigo momentos de conhecimento.

Quero agradecer ainda ao grande mestre Dr. Gilmar de Carvalho, pelo conhecimento e por ter sido meu professor, tornando possível uma viagem culturalmente enriquecedora; a Tadeu Feitosa, por me indicar caminhos e torcer por meu sucesso profissional; ao professor e músico Ricardo Leite, pelas conversas, pelos conselhos e pela sincera simpatia; à Grazi Albuquerque, pela amizade e por acreditar no meu potencial; à Carol Moraes, pela paciência e dedicação; ao Riverson, pela graça e disponibilidade; à Iraci Moraes, pela simpatia, amizade e por ser uma das melhores professoras que já tive; à Paula Tesser, pela marcante passagem acadêmica; à Gabriela Reinaldo, pela inteligência, sabedoria, humildade, grandeza, riqueza de espírito - a pessoa mais culta que eu já conheci na minha vida, no mínimo, ela lhe deixa de boca aberta com tanto conhecimento!; ao Marcelo Dídimo, pela competência e pelo reconhecimento; em especial, à coordenadora Glícia Pontes, por ser uma professora maravilhosa, por acreditar na minha capacidade, por me ajudar sempre, por me indicar uma orientadora, tornando possível minha tão esperada formação e pelo carinho. A todos os mestres que tive o prazer de conhecer, muito obrigada pelo conhecimento passado.

Enfim, gostaria de agradecer a todos os profissionais que de alguma forma tornaram possíveis a realização desta monografia que, desde meu primeiro semestre, gerou tantas expectativas em todos aqueles que me conhecem pela dedicação que coloco em tudo que faço - espero não decepcionar ninguém! Agradeço à bolsista Georgia Cruz, pela paciência e dedicação nos primeiros passos do meu projeto; a minha orientadora Rosa Primo, que sempre viu com otimismo meu trabalho, abriu caminho até os curadores e diretores da Bienal, me forneceu textos importantes para meu entendimento sobre arte e dança contemporânea, além do seu próprio livro sobre dança cênica cearense - “Rosa, muito obrigada do fundo do meu coração!”; à museóloga Graciele Siqueira, que me emprestou livros importantíssimos para o desenvolvimento deste trabalho; ao diretor do MAUC, Pedro Eymar, que gentilmente me emprestou livros e permitiu meu acesso ao acervo bibliográfico do MAUC, além de me conceder entrevista; aos diretores e curadores da Bienal Internacional de Dança do Ceará: David Linhares, sempre disponível e prestativo; Ernesto Gadelha, uma pessoa de clareza e saber inquestionável; Andréa Bardawil, sempre atuante e Cláudia Pires, sempre simpática; aos curadores entrevistados: Dodora Guimarães, sempre disponível e bastante atenciosa e José Guedes, bastante simpático; a Joubert Arrais, pelas observações pertinentes e artigos jornalísticos de caráter bastante crítico; a Sandra Meyer, pela disponibilidade. Agradeço também às professoras Joelma e Cleudene, que aceitaram com desvelo meu convite para serem membros da Banca Examinadora.

E assim vou agradecendo e me despedindo de todos aqueles que de alguma forma tornaram possível a realização da minha graduação no curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Ceará.

**Os termos faltam, as palavras escorregam,
mas o sentimento, sua atenção e significado,
por variados que sejam, querem ser
compartilhados.**

Luiz Camillo Osorio

RESUMO

Partindo de uma breve identificação dos principais aspectos históricos do conceito de curadoria para entendimento do que se apresenta como curadoria contemporânea, este trabalho busca elaborar um estudo conceitual sobre as formas, os usos e as características de uma curadoria para eventos culturais, tendo como foco a VII Bienal Internacional de Dança do Ceará. Neste sentido, realizou-se um percurso de desvelamento acerca da prática curatorial na Bienal, analisando em que medida se realiza, de que forma se dá, quais as questões que suscita, dentre outras questões. Com isso, foi feito o cruzamento de informações teóricas - adquiridas através de literatura sobre curadoria, eventos e dança - e práticas - vindas da experiência relatada por meio de entrevistas com curadores - como forma de responder a inquietações acerca da curadoria que se forma e se mantém na comissão organizadora de um evento cultural, bem como seu importante papel para a consagração do mesmo.

PALAVRAS-CHAVES: Curadoria. Eventos. Dança. Bienal Internacional de Dança do Ceará.

ABSTRACT

After a brief identification of the main historical aspects of the curatorial concept for understanding what is presented as contemporary curator, this work seeks to formulate a conceptual study on the forms, uses and characteristics of a curator for cultural events, with a focus on *VII Bienal Internacional de Dança do Ceará*. In this sense, there was a way of disclosure about the curatorial practice on *Bienal*, analyzing the extent to which it is performed, how it happens, what issues it raises, among other issues. With that, it made the crossing of theoretical - acquired through literature about curator, events and dance - and practical information - coming from the experience reported by interviews with curators - as a way to respond to concerns about the way that curators and remains on the organizing committee of a cultural event and its important role for the consecration of it.

KEY WORDS: Curator. Events. Dance. *Bienal Internacional de Dança do Ceará*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tipologia de eventos 1.....	31
Figura 2 - Tipologia de eventos 2.....	31
Figura 3 - Categorias de marketing promocionais.....	33
Figura 4 - Etapas de realização de uma curadoria contemporânea e de um evento cultural....	40
Figura 5 - Eventos de Dança da Agenda Cultural do Ceará.....	53
Figura 6 - Identidade visual da VII Bienal.....	61
Figura 7 - Capa do <i>folder</i> com programação da VII Bienal.....	62
Figura 8 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do <i>folder</i> da campanha p.1 e 2).....	63
Figura 9 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do <i>folder</i> da campanha p.3 e 4).....	63
Figura 10 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do <i>folder</i> da campanha p.6 e 7).....	64
Figura 11 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do <i>folder</i> da campanha p.8 e 9).....	64
Figura 12 - Patrocinadores da VII Bienal (imagem digitalizada do <i>folder</i> da campanha contracapa).....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
SEÇÃO I CURADORIA CONTEMPORÂNEA	
1.1 Definição dos vocábulos curadoria e curador.....	20
1.2 Breve histórico do surgimento da curadoria no Brasil.....	22
1.3 Cenário atual da curadoria cearense.....	24
1.4 Definição de curadoria contemporânea e suas características.....	26
SEÇÃO II EVENTOS CULTURAIS	
2.1 Conceito de eventos.....	29
2.2 Tipos de eventos.....	30
2.3 Marketing de eventos ou eventos no mix promocional de marketing?.....	32
2.4 Etapas de produção de um evento cultural.....	34
2.5 Atividades do organizador de eventos.....	37
2.6 Construção de uma concepção de curadoria de eventos culturais.....	39
SEÇÃO III DANÇA CONTEMPORÂNEA	
3.1 Concepção de dança contemporânea.....	44
3.2 Breve histórico da dança cênica cearense.....	47
3.3 Eventos de dança.....	52
3.4 Os eventos de dança do Ceará.....	53
SEÇÃO IV BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ	
4.1 Breve histórico da Bienal de Dança.....	56
4.2 VII Bienal de Dança.....	60
4.3 A curadoria e seus curadores.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICES.....	79
ANEXOS.....	107

INTRODUÇÃO

Desde a mais remota existência do ser humano, o homem naturalmente buscou compartilhar momentos que considerava especiais, fazendo assim, eventos. Historicamente, a origem da atividade denominada Eventos data de 776 a.C. com os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Possuindo, na época, um caráter religioso, atualmente conhecido como Olimpíadas Mundiais, eles são consagrados como um evento que faz parte da tradição cultural de muitos países.

Posteriormente aos Jogos Olímpicos, outros tipos de eventos foram surgindo e, assim como tal, foram atravessando diversos períodos da história da humanidade, atingindo os dias de hoje. “Nessa trajetória, os eventos foram adquirindo características econômicas, históricas, sociais e políticas das sociedades representativas de cada época” (MATIAS, 2001, p.31).

Segundo Matias, todo esse processo evolutivo provocou a organização do setor de eventos que foi estabelecendo-se com o surgimento de entidades e associações especializadas no planejamento e na criação de mecanismos de sustentabilidade dessa atividade no Brasil e no Mundo. No caso do Brasil, de acordo com dados do SEBRAE, o setor realiza anualmente “mais de 330 mil eventos, envolvendo 80 milhões de participantes, o que resulta na geração de cerca de 3 milhões de empregos diretos, terceirizados e indiretos” (FERNANDES, 2004).

Por trás de todos esses números e resultados, estão o trabalho e o empenho de uma equipe que pensa, organiza, executa e avalia o evento. O começo de todo esse processo está exatamente no momento do surgimento da ideia – sobre o que o evento vai tratar – e na definição do conceito – de que forma essa ideia será abordada. Quem então seria responsável por estas atividades? Naturalmente, parece-nos óbvio que este papel poderia ser desempenhado por qualquer pessoa capaz de ter ideias. Entretanto, quando nos referimos a eventos culturais, como as Olimpíadas, são necessários conhecimentos específicos que só um organizador de eventos tem.

Quando se trata da organização de um evento cultural, vários personagens estão envolvidos neste processo, como: diretores; coordenadores; técnicos; assistentes; produtores; assessores de imprensa; designers; projetistas; editores; consultores; programadores; artistas; entre muitos outros.

Observando a ficha técnica de alguns eventos culturais, percebi que atualmente, além destes profissionais que compõem normalmente a organização de um evento, está surgindo,

na comissão organizadora, a composição de uma curadoria, seja na figura de um curador, seja na formação de um conselho curatorial – composto por mais de um curador. Como exemplo, posso citar os seguintes eventos: Bienal Internacional do Livro do Ceará, Festival Internacional de Dança do Recife, Fórum Internacional de Dança (MG) – FID, Festival Panorama de Dança do Rio de Janeiro, Bienal Internacional de Dança do Ceará, dentre outros.

Além disso, pude verificar que esta figura do curador, original e normalmente encontrada em museus e galerias de arte, aparece como protagonista de todo o processo de produção de um evento cultural. Mais adiante, explicarei como ele surge no cenário das artes.

A partir da observação desta tendência, surgiram os seguintes questionamentos: Do que se trata exatamente uma curadoria? Qual o papel do curador e qual sua relação com o evento cultural? Quais suas atribuições e do que ele é capaz? Como é desenvolvido e visto o trabalho da curadoria num evento cultural? Esta curadoria realizada em um evento cultural tem relação com a origem do termo curadoria? Um evento cultural pode efetivamente ter uma curadoria?

Diante de tantas questões, o assunto apresentou-se com bastante pertinência tanto teórica quanto prática. O aspecto teórico diz respeito à necessidade de ampliação dos conhecimentos no que concerne à prática curatorial e a sua atuação na contemporaneidade. Já o aspecto prático refere-se ao fato de, dentre as pessoas que produzem eventos culturais, não existir uma concepção geral a respeito do termo curadoria e de suas relações e implicações.¹

Para tanto, o trabalho aqui proposto surgiu como uma tentativa de iniciar um estudo em busca de respostas para as inquietações acerca da curadoria que se forma e se mantém na equipe de produção de um evento cultural, bem como seu importante papel para a consagração do mesmo.

Como forma de viabilizar um estudo conceitual sobre as formas, os usos e as características de uma curadoria para eventos culturais, objetivo geral deste trabalho, busquei escolher um objeto de estudo, que obviamente se mostrasse com relevância teórica e viabilidade de estudo. Sendo assim, dentre os inúmeros eventos culturais realizados no Ceará, escolhi a VII Bienal Internacional de Dança do Ceará como objeto. Por quê?

Primeiro porque tem curadoria em sua comissão organizadora; segundo porque se trata de um segmento artístico cujo envolvimento emocional e afetivo, grau de intimidade e

¹ Este fato foi observado por meio de entrevistas e conversas informais com os profissionais envolvidos na área de eventos. Entretanto, é necessária uma pesquisa mais aprofundada para melhor embasar a afirmação em questão.

interesse pessoal são inquestionáveis, pois a dança está presente na minha vida desde os meus seis anos de idade e terceiro porque apresenta os pré-requisitos estabelecidos para definição do objeto de estudo², ou seja, é um evento de dança, ocorre em Fortaleza, está consolidado no cenário artístico e calendário cultural da cidade e trata-se de um mix de micro eventos constituído por diversas manifestações artísticas, ou seja, compõe-se, além de espetáculos de dança, de mostras artísticas; visitas; workshops; cursos; oficinas; palestras; mesa redonda; residências; shows musicais; vivências; dentre outros eventos.

Como dito anteriormente, todo o desenvolvimento de um evento se dá a partir das decisões tomadas pela pessoa que concebe a ideia, que define o conceito, ou seja, que pensa o evento como um todo. Essa pessoa é o organizador do evento. No caso de um evento cultural, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, ele aparecerá normalmente como diretor artístico, acumulando diversas funções curatoriais e assim assumindo a figura do curador.

Portanto, estudar a curadoria de um evento cultural é essencial para compreender todo o evento. Além disso, esse estudo pode ser uma forma de potencializar a curadoria do evento através da visualização dos pontos fortes e fracos de sua formação, além de ser uma forma de registro para a comissão organizadora da Bienal, muito além da documentação do próprio evento como já existe.³

Tendo em vista que o campo da curadoria tem um sentido que, muitas vezes, escapa com questionamentos que precisam ser feitos, a análise do objeto de estudo partiu de algumas questões anteriormente apresentadas.

Portanto, para a proposição deste trabalho, levei em consideração o que aqui foi exposto, sua relevância, sua atualidade e seu ineditismo no que diz respeito à temática, sua relação com os estudos sobre eventos de dança, bem como as contribuições que ele pode oferecer para a área da cultura.

² Foram utilizados os seguintes critérios para determinação do objeto de pesquisa no Projeto Monográfico: ser um evento cultural - considerando-se o termo cultura ligado à arte; ocorrer no mercado cearense - para viabilizar a realização do estudo de campo, além de, ao final do estudo, ter possivelmente relevância e conseqüentemente importância para a sociedade; ter tradição - já faça parte do calendário anual de eventos da cidade, ou seja, já tenha se consagrado, possibilitando assim a percepção do amadurecimento do mesmo ao longo dos anos; e oferecer um mix de segmentos artísticos (eventos mistos ou de variedades) - atua dentro de uma temática ampla - cultura - e oferece as mais diversas atividades para o público, além de ser atualmente uma tendência do mercado de eventos e um importante aspecto para o estudo da curadoria.

³ Atualmente existe uma comissão responsável pela copilação de todo material gráfico e audiovisual referente a todas as edições da Bienal com o propósito de escritura de um livro sobre o evento. Infelizmente este material não é de fácil acesso, pois a organização do evento não fez arquivamento dos mesmos. Entretanto, a documentação da Bienal pode ser encontrada nos registros jornalísticos, como clippings, releases e artigos.

Para isso, como metodologia utilizada, realizei um estudo de caso o qual consiste na concentração do estudo de um caso ou evento particular, de forma verticalizada, aprofundando-se numa unidade que pode ser uma pessoa, uma marca, uma instituição, um evento cultural etc. (WIKIPÉDIA, 2009), ou seja, ocorre “quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento” (SILVA e MENEZES, 2001, p.21).

Como trabalho de investigação, o estudo de caso foi exploratório, proporcionando assim maior familiaridade com o objeto, com vistas a torná-lo explícito (SILVA; MENEZES, 2001), além de problematizá-lo e confrontá-lo com a teoria já existente (RODRIGO, 2008). Para tanto, inicialmente através de pesquisa bibliográfica, procurei construir uma possível concepção para o termo curadoria de eventos culturais, baseada na análise de literatura, já publicada em meios impressos e eletrônicos, que trazem um conceito para curadoria contemporânea. Paralelamente, como técnicas de pesquisa, utilizei estudo conceitual, documentação e entrevistas com pessoas que estão ou estiveram envolvidas na organização da Bienal de Dança, além de curadores atuantes no cenário cearense atual.

Dentre os profissionais atuantes em algum momento na Bienal Internacional de Dança do Ceará, busquei entrevistar aqueles que, além de terem participado da direção e/ou da curadoria da última edição – que se trata do objeto de estudo deste trabalho, foram e continuam sendo importantes articuladores das várias edições da Bienal. Seguindo estes critérios, os entrevistados foram: David Bessa Linhares⁴, diretor geral e curador da Bienal, Mestre em Letras e Linguística pela Sorbonne Paris VII Jussieu; Ernesto de Sousa Gadelha Costa⁵, diretor artístico e curador da Bienal, programador/curador do Festival Internacional de Dança do Recife, coordenador da Escola Pública de Dança da Vila das Artes, professor de dança clássica em algumas escolas privadas de Fortaleza, pós-graduado em Dança Contemporânea na Escola Superior Folkwang (Essen/Alemanha); Andréa Bardawil Campos⁶, diretora pedagógica da Bienal e do Curso Técnico em Dança (IACC/SECULT/SENAC) e Cláudia Pires da Costa⁷, diretora da Mostra Local, Interior e Nova Cena e curadora da Bienal, coordenadora da Academia de Dança 7 de Setembro e do Programa Dançando na Escola, Especialista em Arte-Educação pela Faculdade 7 de Setembro.

⁴ Informações cedidas pelo entrevistado. (N.T)

⁵ Informações cedidas pelo entrevistado. (N.T)

⁶ Informações cedidas pela entrevistada. (N.T)

⁷ Informações cedidas pela entrevistada. (N.T)

Procurei também entrevistar os dois profissionais que atuam na curadoria de museu e que ocupam oficialmente o cargo de curadores em museus de Fortaleza com o propósito de ter um melhor entendimento da curadoria cearense. São eles: Maria Auxiliadora Guimarães⁸ – mais conhecida como Dodora Guimarães, pesquisadora e curadora de Artes Visuais do Sobrado Dr. José Lourenço, Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará e José Guedes⁹, curador do Museu de Arte Contemporânea – MAC do Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura. Além disso, entrevistei o diretor do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC, Pedro Eymar Barbosa Costa¹⁰, com o objetivo de buscar mais informações sobre o MAUC e sobre seu trabalho, já que o Museu apresenta bastante pertinência histórica para o entendimento do surgimento e desenvolvimento do termo “curador” no cenário museológico cearense.

As entrevistas realizadas foram de extrema relevância para o desenvolvimento deste trabalho. Após terem sido analisadas, alguns trechos foram acrescentados ao corpo textual das Seções com cuidado e adequação. Além disso, o material das entrevistas foi aproveitado para a reflexão dos conceitos abordados e construídos ao longo do trabalho.

Diante do que até aqui foi exposto e para melhor compreensão de cada assunto que será abordado ao longo deste trabalho, a presente monografia foi dividida em quatro seções. Na Seção I, intitulada **Curadoria Contemporânea**, procuro inicialmente ambientar os termos curadoria e curador a partir de uma perspectiva etimológica. Em seguida, apresento os profissionais que mais comumente exercem o papel de curador e suas principais características. Caminho então para uma perspectiva histórica e mundial da prática curatorial que, segundo dissertação de mestrado em Arte de Cinara Sousa, pode ser apresentada em dois momentos marcantes: no primeiro, o curador aparece como um mantenedor de acervos ou conservador de museu; enquanto, no segundo, ele passa a ser visto como um agente legitimador da arte.

Após esta primeira parte, apresento um panorama histórico do surgimento da atividade curatorial e da figura do curador no Brasil a partir da perspectiva da Bienal de São Paulo. Esse curador aparece então através de uma diversidade de modalidades curatoriais, tais como: o curador de coleção, o curador de exposição, o artista curador e os curadores independentes.

⁸ Informações cedidas pela entrevistada. (N.T)

⁹ Informações cedidas pelo entrevistado. (N.T)

¹⁰ Informações cedidas pelo entrevistado. (N.T)

Este último, por sua vez, é apresentado mais detalhadamente, pois parece ser o que mais se aproxima do trabalho realizado por um curador de eventos culturais.

Em seguida, faço uma breve explanação no cenário atual da curadoria no Ceará com base nas entrevistas realizadas com os curadores de alguns museus de Fortaleza, conforme apresentado anteriormente. Por fim, baseado na pesquisa previamente realizada e na escassa literatura que aborda o assunto, procuro desenvolver uma concepção do que se pode apreender do termo curadoria contemporânea, além de suas características.

Ao longo da Seção II, intitulada **Eventos**, abordo alguns tópicos que circundam o assunto, como: o que se entende por eventos; quais tipos de eventos existem; quais são eventos culturais; onde os eventos culturais se encontram dentro do marketing; quais as etapas de produção de um evento cultural e quais as principais atividades de um organizador de eventos. Com base nessas informações e nas desenvolvidas sobre curadoria contemporânea, ao final desta seção, procuro construir uma concepção para curadoria de evento cultural, apresentando também suas etapas de realização, suas funções, suas formas, seus usos e suas características.

Para compreensão do tipo de curadoria de que trato ao longo da análise do objeto de estudo – a Bienal Internacional de Dança do Ceará, na Seção III, intitulada **Dança**, faço inicialmente uma breve explanação de conceitos e características em torno do termo dança, abordando principalmente as categorias balé clássico e dança contemporânea numa perspectiva histórica. Sob este pano de fundo mundial, contextualizo estas categorias através da apresentação de um pouco da história da dança cênica cearense.

Ainda nesta seção e após compreensão do que se entende por *evento* e por *dança* na contemporaneidade, desenvolvo o que entendo por evento de dança e o que, para mim, o classifica quanto a sua natureza. Com isso, apresento os principais eventos de dança que compõem atualmente a Agenda Cultural do Ceará.

Na última seção, intitulada **Bienal Internacional de Dança do Ceará**, opto pela abordagem do estudo de caso da última edição do evento de dança que dá nome à seção. Nela abordo primeiramente sua origem e os pontos mais marcantes das suas edições. Em seguida, apresento e analiso detalhadamente os principais aspectos pertinentes ao evento e ao trabalho da curadoria no mesmo. Com isso, analiso a curadoria da VII Bienal através da concepção de curadoria de eventos culturais construída ao final da Seção II.

Por fim, apresento as habilidades, atitudes e competências de um curador de eventos culturais, identifico quem mais adequadamente poderia utilizar-se da denominação “curador”

em um evento cultural e finalmente aponto alguns aspectos da campanha publicitária da VII Bienal, que poderiam melhorar, referentes ao atual trabalho realizado pela comissão organizadora da Bienal Internacional de Dança do Ceará.

SEÇÃO I - CURADORIA CONTEMPORÂNEA

Como ponto de partida para o estudo conceitual de uma curadoria de eventos culturais, esta Seção se propõe a estudar o desenvolvimento do termo curadoria contemporânea a partir da ambientação dos termos curadoria e curador em uma perspectiva etimológica e histórica, primeiramente no Mundo, depois no Brasil a partir da perspectiva da Bienal de São Paulo.

A partir desta contextualização, é possível fazermos uma breve explanação no cenário atual da curadoria para finalmente desenvolvermos uma concepção do que se pode apreender do termo curadoria contemporânea, além de suas características.

1.1 Definição dos vocábulos curadoria e curador

Para que possamos compreender de que se trata este trabalho, precisamos inicialmente ter em mente o que se entende por curadoria e conseqüentemente curador. “Definir um conceito com larga e difusa aplicação, como é o caso de curadoria, pressupõe enunciar as qualidades essenciais de algo que o singularize, mas, também, limitar, demarcar, procurar razões e raízes, buscar explicações e referendar constatações” (BRUNO, 2008, p.15). Para tanto, começemos analisando as definições encontradas no Dicionário Aurélio Buarque de Holanda.

Nele, os termos *curador* e *curadoria* tem originalmente significados no campo jurídico, passando, mais tarde, a serem utilizados também no campo das artes, como consta a seguir:

CURADOR (ô). [Do lat. *curatore*.] S. m. 1. Pessoa que tem, por incumbência legal ou judicial, a função de zelar pelos bens e pelos interesses dos que por si não o possam fazer (órfãos, loucos, toxicômanos, etc.); aquele que exerce curadoria. 2. Membro do Ministério Público que, por efeito de lei, exerce junto às varas cíveis e especializadas funções específicas na defesa de incapazes, ou de certas instituições e pessoas. 3. Curador de artes. Responsável pela organização e manutenção de acervo de arte. [Tb. se diz apenas curador.]

CURADORIA [De *curador*1 + -ia1.] S. f. 1. Cargo, poder ou função de curador1; curatela (FERREIRA, 1999, p.594).

Com isso, podemos constatar que é atribuído ao substantivo “curador” o sentido de “zelar”, “tomar conta”. Em um primeiro momento da prática curatorial, sem a pretensão de determiná-lo como a origem do papel do curador, ele é visto como aquele responsável pela documentação, análise, restauração e armazenamento de objetos de arte em museus e galerias, ou seja, um mantenedor de acervos ou conservador de museu. Nessa mesma linha de pensamento, Cristina Bruno (2008) nos fala que

a história dos museus testemunha, pelo menos há quatro séculos, o surgimento das atividades de curadoria em torno das ações de seleção, estudo, salvaguarda e comunicação das coleções e dos acervos. Desde o início desse percurso, as ações curatoriais denotaram certa cumplicidade com o prazer e o fazer [...]. Cabe sublinhar que a origem das ações curatoriais carrega em sua essência as atitudes de observar, coletar, tratar e guardar que, ao mesmo tempo, implica em procedimentos de controlar, organizar e administrar (BRUNO, 2008, p.16).

Com isso, o curador deste primeiro momento, visto como um guardião da arte, desempenharia as seguintes tarefas: selecionar, tratar, controlar, estudar, salvaguardar, organizar, administrar e expor as obras de artes. Partindo dessa ideia, o curador poderia ser um crítico de arte, um historiador da arte, um museólogo, um marchand, um galerista, um designer ou um produtor de arte. “Devido a esta diversidade de profissionais exercendo a função de curador, torna-se mais difícil tentarmos defini-los” (GONÇALVES, 2005, p.37), mas, via de regra, são consultores de artes que tem vasta experiência na área, “possuem habilidades administrativas [e] conhecimento (financeiro) sobre o mercado de arte, trabalham sem precisar estar vinculados a nenhuma instituição [...] e alguns possuem até influências políticas” (GONÇALVES, 2005, p.67).

“Estudar a etimologia das palavras – ou seja, a origem de um termo, na forma mais antiga conhecida, ou em alguma etapa de sua evolução – nos ensina que o significado dessas unidades da língua escrita pode ir sendo desdobrado e ganhar novos sentidos” (BITTENCOURT, 2008, p.3). Com isso, queremos dizer que o conceito de curadoria, com o tempo, se amplia e “a figura do curador toma vulto, tornando-se ele mesmo um agente legitimador da arte” (SOUSA, 2009, p.13). Para isso, alguns acontecimentos são destacados por Cinara Sousa¹¹, como: “o crescimento de exposições temporárias, a remodelação

¹¹ “Pesquisadora, curadora independente e mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa em Arte e Tecnologia. Possui especialização em “A Fotografia com Instrumento de

organizacional da Bienal de Veneza e o surgimento da *Documenta* de Kassel [criada em 1955]” (SOUSA, 2009, p.13).

A partir daí, que a autora chamou de segundo momento da prática curatorial, “surge na área a noção de autoria, a idéia de conceito, a eleição de temas, a escolha de artistas e parceiros, o exercício da autoridade e tipos de curadoria” (SOUSA, 2009, p.13). Sendo assim, podemos definir curadoria como uma atividade – exercida pelo curador com profundo conhecimento de história da arte – que se configura na criação de uma proposta conceitual a partir da observação da realidade atual e no desenvolvimento de um projeto artístico através da pesquisa e da eleição de obras, artistas, públicos e parceiros, baseado no conceito definido.

1.2 Breve histórico do surgimento da curadoria no Brasil

Em sua obra *As Bienais de São Paulo*, Alambert e Canhête (2004) nos trazem uma exposição cronológica de todas as bienais até o ano de 2000. Interessa-nos, para desenvolvimento deste trabalho, analisar os acontecimentos a partir da “era dos curadores (da XVI à XXIV Bienal)”, que trata da ascensão da figura do curador, no lugar do crítico de arte ou do diretor artístico. Segundo Gonçalves (2004, p.113), anteriormente aos anos 80, nas bienais de São Paulo, o diretor artístico era o responsável pela organização artística; enquanto, nas exposições em geral, a função de curador cabia ao crítico de arte, ao museólogo ou ao artista expositor.

Em meio a crises políticas, conceituais e de concepção, em 1981, na XVI Bienal de São Paulo, surge a primeira figura representativa da curadoria, o historiador e crítico de arte Walter Zanini, marcando assim o primeiro momento para emergência do conceito de curadoria no cenário artístico brasileiro. Ele foi responsável pela curadoria das edições de 1981 e 1983 e sucedido por Sheila Leirner, curadora das edições de 1985 e 1987.

Pesquisa nas Ciências Sociais” pela Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro; e é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Tem experiência na coordenação e produção de diversas exposições artísticas. Foi coordenadora-adjunta do FotoRio - Festival de Fotografia do Rio de Janeiro; sócia-diretora da galeria Câmara Clara (RJ) e coordenadora no Brasil da leitura de portfólios do Festival Internacional de Fotografia de Buenos Aires, tendo atuado também como revisora. Na área de Artes vem desenvolvendo pesquisa e trabalhos na área de arte tecnológica e vídeo” (Disponível em: <<http://www.arte.unb.br/6art/textos/cinara.pdf>>. Acesso em: 8 jun 2010).

Determinando o segundo momento na era curatorial da Bienal de São Paulo, Sheila Leiner, por sua vez, faz com que a ideologia da autoria curatorial se concretize e atinja um verdadeiro estatuto teórico, conforme afirmam Alambert e Canhête:

Sobretudo após a passagem de Walter Zanini e de Sheila Leiner, o curador passa a receber mais destaque que os artistas programados. Novas e antigas problemáticas são despertadas, como por exemplo o “conceito” da exposição, o discurso “poético” da exibição *versus* a apresentação não pré-conceituada, o questionamento da forma de apresentação por delegações de países, a existência ou não de “salas históricas”, a ascensão de preocupações com arte-educação, a “assinatura” do curador substituindo o artista (ALAMBERT; CANHÊTE, 2004, p.15).

Muitas destas características, como a autoria do curador; a preocupação em definir um conceito para a exposição e a arquitetura do museu a partir dos seus espaços de exposição, por sua vez, ainda marcam profundamente o cenário curatorial atual. Após esse momento, temos as últimas Bienais do século XX que passam a ser chamadas de megaexposições e buscam atingir uma “massa” de espectadores-consumidores de arte contemporânea. Estas se caracterizam pela marcante presença de “homens de negócios” e carência de artistas e críticos, além da contratação de ecléticas equipes de curadores.

Como podemos observar, a figura do curador aparece inicialmente apenas nas bienais, só depois de alguns anos, surge também em museus, galerias de arte etc., consolidando-se assim como “agente mediador na década de 1990” (GONÇALVES, 2004, p.110). Além disso, ao pesquisarmos sobre o vocábulo curador percebemos que “no exercício desta função estão sendo desenvolvidas diferentes modalidades de curadoria, tais como: o curador de coleção, o curador de exposição, o artista curador e os curadores independentes” (GONÇALVES, 2005, p.41).

Interessa-nos, para âmbito deste trabalho, conhecer melhor, além dos pontos em comum entre essas atividades, o curador independente que é o que possivelmente mais se aproxima do trabalho realizado por um curador de eventos culturais.

Surgida na última década do século XX no Brasil, a figura do curador independente apresenta as seguintes funções: montar exposições; criar diferentes projetos, de acordo com as necessidades da instituição cultural; bem como oferecer consultorias. Além disso, muitas vezes, possuem também habilidades empresarias.

Diante destes aspectos, é pertinente observar, nas palavras de Andrea Gonçalves¹², que

o aparecimento da função do curador no Brasil também é fruto das mudanças no conceito da Arte: este, no início trabalhava, somente com exposições de Arte Moderna e Contemporânea mas atualmente disseminou-se o uso da palavra curador para várias atividades nos museus e não só de Arte. Com esta abertura também podemos detectar um problema no uso da palavra *curador* que virou uma espécie de generalidade na área cultural no Brasil, e a utilização deste por pessoas nem sempre devidamente qualificadas para desempenhar esta função. (GONÇALVES, 2005, p.29).

Como toda a Arte, a curadoria também trilha seu caminho na contemporaneidade, apresentando, por sua vez, como característica de destaque sua capacidade de atuação em diversas linguagens artísticas, como as artes visuais, a dança, a literatura, a música, o teatro, entre outras. Contudo, essa expansão é acompanhada por uma preocupação quanto à qualificação dos profissionais que atuam e ingressam na área. É preciso ter bastante cautela quando se propõe utilizar o termo curador. Com isso em mente, é pertinente conhecermos um pouco da presença deste termo no cenário cearense.

1.3 Cenário atual da curadoria cearense

Encontrar literatura que trate do assunto curadoria já não é um trabalho muito fácil, encontrar sobre curadoria cearense, então, é praticamente impossível. Por isso, para termos apenas uma ideia superficial da curadoria no Ceará, apresentamos abaixo algumas informações adquiridas através de entrevistas realizadas com dois curadores de museu¹³ em Fortaleza: Dodora Guimarães, curadora do Sobrado Dr. José Lourenço e José Guedes, curador do MAC (Museu de Arte Contemporânea) Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura.

De acordo com Dodora Guimarães, foi em 1986 a primeira vez que a palavra curador entrou no glossário da arte cearense, através da idealização e curadoria da Exposição

¹² Bacharel em Museologia pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

¹³ Conforme citado na “Introdução” deste trabalho, a escolha de entrevistar apenas estes dois curadores deve-se ao fato de eles serem aparentemente os únicos profissionais que ocupam oficialmente o cargo de curador em Fortaleza.

Internacional de Esculturas Efêmeras por Sérvulo Esmeraldo, escultor, gravador e desenhista¹⁴, na época, recentemente retornado ao Brasil. Depois deste fato inaugural, a utilização dessa palavra se espalhou para outras exposições, galerias de arte, até chegar aos museus.

Segundo José Guedes, “nos últimos anos, com o surgimento de equipamentos como o MAC Dragão do Mar, o Centro Cultural BNB, O Centro Cultural dos Correios, para citar alguns, essa atividade [de curador] cresceu bastante. [...] O MAUC, da Universidade do Ceará, bem mais antigo do que os espaços citados, também se enquadra nesse cenário de relevância”.¹⁵

Apesar de não se ter registros de nenhum cargo oficial de curador na história do MAUC, este sempre teve profissionais que grandiosamente contribuíram para seu desenvolvimento no que se refere tanto ao seu acervo de arte quanto às salas de exposição permanentes e temporárias. Nas palavras de Pedro Eymar, diretor do MAUC, podemos observar este fato:

Devo esclarecer que essa atividade [de diretor], que pode assemelhar-se a uma ação curatorial, é exercida prioritariamente sobre um acervo sob minha responsabilidade. Toda essa ação é feita sem nenhuma dotação orçamentária, quando a criatividade, o improviso e a utilização de materiais de baixo custo tornam-se fatores determinantes para o pleno êxito de uma boa montagem.¹⁶

A partir desta fala, percebemos que pode existir uma relação bem próxima entre a atividade de curador e de diretor dentro de um museu de arte. Além disso, dentro desse cenário atual da curadoria cearense, conforme nos fala José Guedes, temos importantes artistas plásticos, que também são curadores independentes, como “Roberto Galvão, Mauricio Coutinho, Solon Ribeiro, Herbert Rolim, [...] [e que] têm feito um trabalho dos mais significativos na área”.¹⁷

¹⁴ Informações cedidas pela entrevistada. (N.T)

¹⁵ Entrevista realizada com José Guedes no dia 1º de junho de 2010.

¹⁶ Entrevista realizada com Pedro Eymar no dia 4 de junho de 2010.

¹⁷ Entrevista realizada com José Guedes no dia 1º de junho de 2010.

1.4 Definição de curadoria contemporânea e suas características

Curadoria é um conceito em constante transformação com origem e longo caminho permeados por ações e reflexões relevantes para o cenário museológico, mas, pela forte capacidade de migração e de pouso em diferentes contextos, levou para outros cenários os atributos que caracterizam e valorizam as ações curatoriais inerentes aos acervos e coleções (BRUNO, 2008, p.16).

Conforme dito anteriormente na subseção acima, o termo *curadoria*, na contemporaneidade, migra para outros contextos, onde o profissional da área artística passa também a utilizar “[...] os parâmetros de estabelecer critérios para seleção de referências de um universo referido, de organizar dados para a realização de um processo comunicacional, de tutelar a guarda e extroversão de acervos. [Estes atributos, por sua vez,] são relevantes para o desenvolvimento de projetos que têm caracterizado os campos das artes [...]” (BRUNO, 2008, p.20).

A partir dessa reflexão referente ao aspecto migratório do termo *curadoria* e dos contextos históricos mundiais, brasileiros e cearenses apresentados, podemos conceituar curadoria contemporânea como a **função de conceber, desenvolver, supervisionar e avaliar um processo ligado à arte**. Esse processo detalhadamente se dá a partir das seguintes etapas:

- 1ª Realização de “um diagnóstico da situação atual, definindo os pontos positivos e negativos” (CABRAL; RANGEL, 2008, p.165) e estabelecimento de um conceito;
- 2ª Identificação de “quais públicos se pretende atingir, buscando saber suas necessidades e expectativas” (CABRAL; RANGEL, 2008, p.165);
- 3ª Desenvolvimento de um “plano de trabalho, estabelecendo as metas, um cronograma, os recursos humanos e financeiros para as ações a curto, médio e longo prazos” (CABRAL; RANGEL, 2008, p.166);
- 4ª Preparação da equipe, através de treinamento e da distribuição de responsabilidades;
- 5ª Avaliação do trabalho, buscando mensurar os resultados, analisar as estratégias utilizadas e reestruturar futuros trabalhos.

Diante do exposto, concluímos que algumas faces do universo curatorial contemporâneo são o: “processo criativo; processo legal; processo documental; processo de

pesquisa; processo de conservação; processo de criação e desenvolvimento de exposições; processo educativo; processo de agregação comunitária; processo de realocação de referências” (SCHEINER, 2008, p.35); entre vários outros processos.

Além disso, podemos caracterizar a curadoria contemporânea através das seguintes operações que se relacionam com as atividades museológico-curatoriais:

- “delimitação do recorte patrimonial no âmbito das coleções e dos acervos, a partir de intenções pré-estabelecidas;
- concepção do conceito gerador a partir da delimitação do enfoque temático e do conhecimento das expectativas do público em relação à temática selecionada, valorizando as vocações preservacionistas e educacionais dos discursos expositivos;
- seleção e enquadramento dos bens identificados como referenciais para a abordagem do tema proposto, respeitando as articulações com os processos de conservação e documentação;
- conhecimento do espaço expositivo e de suas potencialidades públicas;
- definição dos principais objetivos do discurso expositivo e dos critérios para avaliação do produto expográfico, respeitando as potencialidades de ressignificação das coleções e acervos, as necessidades de entrelaçamento com as premissas educacionais e a realidade conjuntural da instituição;
- concepção do roteiro do circuito expográfico, a partir do delineamento das questões de infra-estrutura e das linguagens de apoio;
- elaboração do desenho expográfico, indicando as características técnicas da proposta expositiva e
- organização e realização do projeto executivo, considerando os parâmetros de produção, cronograma, orçamento e avaliação” (BRUNO, 2008, p.22).

Por fim, devemos levar em consideração que “as atividades museológico-curatoriais são, imperiosamente, ações coletivas e multiprofissionais. Nesse sentido, o protagonismo do curador deve ser o reflexo de sua capacidade de liderança e de sua compreensão em relação às reciprocidades entre as atividades acima indicadas” (BRUNO, 2008, p.22), ou seja, devemos considerar e principalmente dar visibilidade as chamadas “*curadorias mistas* ou *eixo*

curatorial” (GONÇALVES, 2005, p.45), que se caracterizam por serem organizadas e realizadas com mais de um curador.

SEÇÃO II – EVENTOS CULTURAIS

Tendo em mente o que se entende por curadoria contemporânea, precisamos agora entender o termo *eventos culturais* para sermos capazes de, ao final desta Seção, como um dos objetivos principais do trabalho, verificamos a possibilidade da construção de uma concepção para a curadoria de eventos culturais. Portanto, inicialmente devemos delinear o conceito de eventos a partir da compilação de definições apresentadas por autores da área de Eventos.

Com esse conceito em mente e para uma melhor compreensão da dinâmica de um evento, procuramos adotar uma classificação, em que se tenha uma interligação entre eventos culturais e artísticos. Após delinear o conceito de evento cultural, determinamos então sua relação com o marketing, no que se refere ao contato com colaboradores e à formação de parcerias.

Após este aparato inicial, foi possível determinar as etapas de produção de um evento cultural, bem como as atividades realizadas pelo organizador de eventos em cada uma delas. Com base nessas informações e nas desenvolvidas sobre curadoria contemporânea, construímos uma concepção para curadoria de evento cultural, apresentando também suas etapas de realização, suas funções, suas formas, seus usos e suas características.

2.1 Conceito de eventos

Conceituar eventos não é uma tarefa fácil por mais simples que pareça, pois se trata de um vocábulo que pode ser amplamente utilizado. Buscamos, neste trabalho, delinear o conceito de eventos no âmbito de sua área de atuação específica, onde passou a adquirir valor semântico próprio. Segundo Dicionário Houaiss, por exemplo, “evento é todo acontecimento ou fato que desperta atenção e tem público, local, dia e horário determinados ou, de forma mais sucinta, é um acontecimento devidamente organizado com fins específicos. Seu propósito é agrupar pessoas em torno de um interesse comum” (SOARES, p.1).

Andrade o conceitua como “fenômeno multiplicador de negócios, pelo seu potencial de gerar novos fluxos de visitantes, ou ainda, [...] **fenômeno capaz de alterar determinada**

dinâmica da economia” (ANDRADE, 2002, p.41). Giacaglia, por sua vez, afirma que a principal característica de um evento é o fato de “propiciar uma ocasião extraordinária ao encontro de pessoas, com finalidade específica, a qual constitui o ‘tema’ principal do evento e justifica sua realização” (GIACAGLIA, 2004, p.3).

Por fim, Britto e Fontes apresentam a seguinte definição: “ação profissional que envolve pesquisa, planejamento, organização, coordenação, controle e implantação de um projeto, visando a atingir o seu público-alvo com medidas concretas e resultados projetados” (BRITTO; FONTES, 2002, p.14).

A partir dos conceitos apresentados acima, podemos dizer que “muito mais do que um acontecimento de sucesso, uma festa, uma linguagem de comunicação, uma atividade de relações públicas ou mesmo uma estratégia de marketing, o evento é a soma de esforços e ações planejadas com o objetivo de alcançar resultados definidos junto ao seu público-alvo” (BRITTO; FONTES, 2002, p.14).

Com isso, podemos definir eventos como uma “ação profissional” planejada, que gira em torno das atividades de pesquisa, organização, coordenação, controle e implantação de um projeto e tem como objetivo principal atingir concretamente seu público-alvo.

2.2 Tipos de eventos

Para melhor compreendermos a dinâmica de um evento, é importante adotarmos uma classificação para assim definirmos o tipo específico de evento que pretendemos estudar. Portanto, precisamos ter em mente que a classificação de um evento depende de seu contexto e pode acontecer por diversas vertentes. A literatura de eventos é bem abrangente e diversa quanto às tipologias. Por isso, utilizaremos a classificação dos eventos de Britto e Fontes (2002) que se segue:

- **Classificação por categoria:** podem ser classificados em institucionais e promocionais ou mercadológicos. “Essa classificação permite ao organizador de eventos definir e captar corretamente seu público-alvo, real e potencial (BRITTO; FONTES, 2002, p.57);

- **Classificação por área de interesse:** a área pode ser artística, científica, cultural, educativa, cívica, política, governamental, empresarial, de lazer, social, desportiva, religiosa, beneficente ou turística. “Conhecendo-se a classificação por categoria, situa-se o evento em sua área de interesse, sendo que algumas modalidades de eventos se enquadram em várias áreas de interesse ao mesmo tempo” (BRITTO; FONTES, 2002, p.58);
- **Classificação por tipologia:** os eventos devem ser classificados por sua característica mais marcante. Os tipos podem ser programas de visitas, exposições, encontros técnicos e científicos, encontros de convivência, cerimônias, eventos competitivos, inaugurações, lançamentos, excursões, desfiles, leilões, entre muitos outros. Abaixo seguem quadros com as tipologias acima citadas:

Programas de Visitas	Famtour Openday
Exposições	Feiras Exposições Road-shows Show case Mostras Salões Vernissages
Encontros Técnicos e Científicos	Congressos Conferências Videoconferências Ciclos de Palestras Simpósios Mesas-redondas Painéis Fóruns Convenções Seminários Debates Conclaves Brainstormings Semanas Jornadas Concentrações Entrevistas coletivas Workshops Oficinas Assembléias Estudos de caso Comícios Passeatas Carreatas
Encontros de Convivência	Saraus Coquetéis Happy-hours Chás da tarde Chás-de-bebê Chás-de-cozinha Chás beneficentes Chás-bar Almoços Jantares Banquetes

Figura 1 - Tipologia de eventos 1
 FONTE: BRITTO, Janaína; FONTES, Nena. **Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo.** São Paulo: Aleph, 2002 (Série Turismo). p.61.

Encontros de Convivência (continuação)	Cafés da manhã Brunches Coffee-breaks Guest Coffees Encontros culturais Shows Festivais
Cerimônias	Cerimônias de cunho religioso Cerimônias fúnebres Casamentos Bodas Cerimônias de Posse Cerimônias acadêmicas (formatura, outorga de títulos, aula magna)
Eventos competitivos	Concursos Gincanas Torneios Campeonatos Olimpiadas
Inaugurações	Espaços físicos Monumentos (históricos e homenageativos)
Lançamentos	De pedra fundamental De livros De empreendimentos imobiliários De maquetes De produtos De serviços
Excursões	Técnicas De incentivo Educaçãois
Desfiles	Desfiles cívicos Desfiles de moda
Lelões	Variados
Dias Específicos	Variados
Outros	Variados

Figura 2 - Tipologia de Eventos 2
 FONTE: BRITTO, Janaína; FONTES, Nena. **Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo.** São Paulo: Aleph, 2002 (Série Turismo). p.62.

- **Classificação por localização:** esta “distingue os eventos por sua localização de ocorrência e, por conseguinte, estabelece seu porte e seus intervenientes. Podem ser locais (de bairro), distritais, municipais, regionais, estaduais, nacionais e internacionais” (BRITTO; FONTES, 2002, p.58);
- **Classificação por características estruturais:** esta classificação é determinada por algumas especificidades do evento. Pelo porte do evento, este pode ser pequeno, médio ou grande; pela data de realização, o evento pode ter caráter fixo, móvel ou esporádico; e pelo perfil dos participantes, ele pode ser de caráter geral, dirigido ou específico.

Para fins de desenvolvimento deste trabalho, interessa-nos especificamente analisar a classificação por área de interesse, que apresenta os eventos artísticos como aqueles que estão relacionados “a qualquer espécie de arte, como música, dança, pintura, poesia, literatura, teatro e outras” (BRITTO; FONTES, 2002, p.58) e os eventos culturais como aqueles que ressaltam “os aspectos da cultura, objetivando sua divulgação e reconhecimento, com fins normalmente promocionais [...], [bem como englobam] todas as manifestações culturais regionais e folclóricas nacionais e internacionais, abordando lendas, tradições, costumes típicos, hábitos e tendências” (BRITTO; FONTES, 2002, p.58). Desta forma, utilizaremos o termo eventos culturais para nos referir aqueles eventos que estão ligados à divulgação, manutenção ou fortalecimento de alguma expressão artística.

2.3 Marketing de eventos ou eventos no mix promocional de marketing?

Após delinear o conceito de evento cultural, é importante agora delimitar a área em que este se insere. Para isso, inicialmente devemos ter em mente que, “provavelmente por se tratar de uma área de desenvolvimento muito recente e acelerado” (GIACAGLIA, 2004, p.15), muitos autores divergem quanto ao posicionamento da atividade de eventos dentro da área de Marketing. Apresentaremos a seguir dois posicionamentos: o primeiro procura colocar a atividade Eventos dentro de uma das categorias do mix promocional de Marketing – mais

conhecido como o composto Promoção dos 4P's do Marketing¹⁸; enquanto o segundo apresenta o evento como uma modalidade do Marketing.

Considerando o primeiro posicionamento, segundo a autora Giacaglia, em seu livro *Organização de eventos: teoria e prática*,

essa divergência [de posicionamento entre os autores] pode estar ocorrendo, ainda, como consequência do amplo espectro de atividades consideradas como eventos. [...] Dessa forma, decidir pela sua classificação como Recursos Humanos, Propaganda, Promoção de Vendas, Venda Pessoal, Relações Públicas, Desporto, ou até mesmo Marketing Direto, torna-se tarefa complexa e passível de posições diferentes entre os autores (GIACAGLIA, 2004, p.15).

A partir do exposto acima, podemos dizer que os eventos possuem elementos das quatro ações promocionais (propaganda, vendas pessoais, relações públicas, promoções de vendas e marketing direto) que formam o composto Promoção quando analisados seus benefícios, sua definição e os objetivos de cada elemento acima citado do mix promocional.

Levando-se em consideração o exposto acima, a escassez de bibliografia que trate com profundidade de Eventos e de sua localização na área do mix promocional de Marketing, optamos pela utilização do termo *marketing de eventos* para desenvolvimento deste trabalho, que, por sua vez, se trata do segundo posicionamento acima citado. Para se ter mais clareza quanto à localização dos eventos dentro do Marketing, apresentamos o gráfico abaixo:

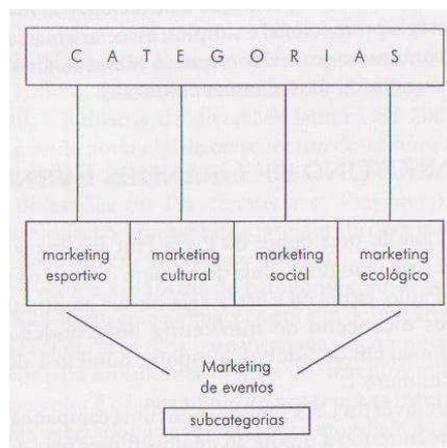


Figura 3 - Categorias de marketing promocional

FONTE: NETO, Francisco Paulo de Melo. **Marketing de eventos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999. p.23.

¹⁸ Para saber mais sobre Mix promocional de marketing ou Promoção, ver KOTLER, Philip & ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. 12.ed. Prentice Hall Brasil: 2007.

Segundo Neto, Marketing de Eventos “é uma modalidade de marketing promocional que objetiva criar ambientes interativos onde o negócio do patrocinador se junta a consumidores potenciais, promove a marca e aumenta as vendas” (NETO, 1999, p.22). De acordo com o gráfico, podemos classificar o marketing de eventos como uma subcategoria dentro das categorias de marketing promocional. Isso se deve ao fato de o conceito de eventos ser bastante amplo, podendo ser aplicado a qualquer modalidade, além do patrocínio de eventos ser “uma modalidade de investimento em qualquer um desses segmentos” (NETO, 1999, p.23).

Interessa-nos, mais especificamente, dar destaque ao marketing cultural o qual trata-se de uma ação de marketing que usa a cultura como ferramenta de comunicação com o objetivo de difundir o nome/produto ou fixar a imagem de uma empresa patrocinadora. Normalmente “compreende a política e a estratégia de financiamento da cultura pela iniciativa privada” (NETO, 1999, p.36), ou seja, o patrocínio de eventos culturais. A autora ainda vê o evento cultural como “a melhor estratégia de investimento na área cultural” (NETO, 1999, p.36).

Em sua maioria, “o objetivo de tais eventos são: divulgar a cultura, democratizar o seu acesso ao grande público, promover um maior contato entre o público e os artistas, [...] além de divulgar a cidade onde se realiza o evento e reforçar a sua imagem de centro cultural” (NETO, 1999, p.201). Com isso, temos como principais agentes do marketing cultural: o agente ou produtor cultural; o artista; o patrocinador e o público-alvo. “Todos e cada um destes agentes podem ter funções e objetivos diferentes, mas todos trabalham para um mesmo fim: o evento cultural” (COSTA, 2009).

2.4 Etapas de produção de um evento cultural

A partir do momento que se toma a decisão de realizar um evento, o profissional da área deve iniciar o processo de planejamento do mesmo. Conforme afirma Carmem Lúcia Gonçalves¹⁹, “o sucesso do evento, assim como qualquer outra atividade humana

¹⁹ Pós-graduada em Administração e Desenvolvimento de Recursos Humanos pela Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro com especialização em Magistério do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro. Atua como Mestre de Cerimônias; desenvolve trabalhos como palestrante em universidades e empresas; além de atuar como Consultora e Facilitadora de cursos na área de Recursos Humanos, em empresas e órgãos públicos em âmbito nacional, Organizadora de eventos, cerimoniais, protocolos e etiquetas protocolares

desenvolvida, decorre, basicamente, da organização, disciplinamento prévio e detalhado planejamento” (GONÇALVES, 1998, p.28).

Segundo a mesma autora, as fases para realização de um evento são: preparação e elaboração; incubação da ideia; inspiração e, por fim, verificação e julgamento. Em complementaridade, Britto e Fontes (2002) afirmam serem as seguintes as fases básicas do processo de planejamento de qualquer evento: pesquisa de mercado; objetivos; definição de estratégias e elaboração do projeto do evento.

Com base nessas informações, nos conhecimentos das peculiaridades de cada etapa e no entendimento do termo evento cultural já anteriormente apresentado, definimos as etapas de produção de um evento cultural como sendo:

- Concepção – definição do tema do evento;
- Planejamento – análise, pesquisa e elaboração do projeto do evento;
- Produção – contratação de serviços, captação de parcerias e desenvolvimento do material promocional;
- Execução – divulgação do material promocional e realização do evento;
- Avaliação – análise dos resultados do evento.

Para fins deste trabalho, interessa-nos estudar e compreender a primeira e a segunda etapa, em que é marcante a presença dos idealizadores do evento. Trata-se do setor que pensa o evento, que define seu conceito, que idealiza sua execução, que elabora sua realização e que prepara seu projeto.

Normalmente a primeira etapa é bem curta, mas, precisa ser bastante cuidadosa, pois o tema precisa ter clareza, antecedência e atualidade. Quanto à clareza, “o tema principal deve ser apresentado em uma frase curta, objetiva, de impacto, mas que sintetize todos os objetivos esperados com o evento. Ele deve ser entendido facilmente por qualquer convidado” (GIACAGLIA, 2004, p.133), e principalmente pelo público-alvo.

O tema permeará diversos aspectos do evento como: a sua divulgação, a escolha do local, a confecção de convites, o material de apoio às palestras, as promoções e atrações, as camisetas e outros. Mesmo quando o tema não aparecer nos materiais

impressos ou não for divulgado aos convidados é fundamental que os envolvidos na organização do evento o conheçam e entendam seu significado perfeitamente, para que possam desenvolver todas as atividades com um único alvo (GIACAGLIA, 2004, p.133).

Com isso, o tema tem antecedência, ou seja, ele deve ser conhecido previamente, de forma que a participação produtiva esteja assegurada. Por fim, quanto à atualidade, o tema deve “contemplar aspectos de efetivo interesse, de forma que o evento, fiel aos seus objetivos, possa realmente transformar-se em atividade fértil, em resultados” (GONÇALVES, 1998, p.28).

Definir o conceito do evento e permeá-lo em todos os seus aspectos são os objetivos principais da primeira etapa. Obtido sucesso, passa-se para a etapa de planejamento do evento, que deve estar completamente em consonância com o conceito do mesmo. As partes principais do planejamento são: análise da conjuntura ou levantamento do mercado; definição dos objetivos e das estratégias; determinação do público-alvo; e finalmente elaboração do projeto do evento.

Segundo Britto e Fontes (2002), o projeto de organização de um evento, por sua vez, deve conter as seguintes informações básicas, além do tema e da justificativa:

- Título;
- Organização/Orientação;
- Execução;
- Patrocínio;
- Coordenação;
- Objetivos;
- Público-alvo e número de participantes;
- Metodologia;
- Programa;
- Carga horária;
- Horário e local;
- Taxa;
- Inscrições e informações;
- Recursos necessários;

- Pessoal;
- Material didático;
- Material de divulgação;
- Material de secretaria;
- Instalações;
- Recursos audiovisuais;
- Recursos de vídeo;
- Serviços;
- Diversos;
- Previsão orçamentária;
- Receita;
- Despesa;
- Cronograma;
- Anexos: carta convite, carta divulgação, ficha de inscrição, lista de presença, modelo de certificado, instruções, propostas de serviços.

A par de todas essas informações, percebemos que tanto a primeira quanto a segunda etapa de realização de um evento são os principais momentos em que o organizador do evento, no papel de idealizador, é protagonista, tendo ideias, definindo conceitos, pesquisando mercados, elaborando projetos. Entretanto, este organizador continua a participar de todas as etapas do evento não mais como idealizador, mas como produtor e executor do mesmo.

2.5 Atividades do organizador de eventos

Após situarmos o organizador de eventos principalmente nas duas primeiras etapas de realização do evento, é importante detalharmos, um pouco mais, as conseqüentes atividades que este realiza ao longo do evento. Para isso, devemos ter em mente que “a organização é a parte mais complexa do processo de preparação e montagem de um evento, exigindo condições de comando do profissional responsável pelo projeto para coordenar e controlar todas as suas etapas” (BRITTO; FONTES, 2002, p.109).

Segundo Gonçalves, cabe à comissão organizadora: “participar desde o surgimento da ideia até a execução do evento; determinar critérios para a seleção; distribuir responsabilidades; e ‘vestir a camisa’ do evento” (GONÇALVES, 1998, p.82). Já Britto e Fontes definem os seguintes papéis para a organização de um evento: “definir as supervisões, por área de atuação; definir, dentro destas, suas responsabilidades; definir, dentro das responsabilidades, aquelas relativas aos recursos necessários; definir os instrumentos para cada fase de atuação de cada supervisão; e proceder à gestão e ao controle de todo o processo” (BRITTO; FONTES, 2002, p.109).

Para cada tipo de evento, esse organizador de eventos pode receber uma denominação específica. No caso dos eventos culturais, tipo de eventos analisado neste trabalho, o organizador é normalmente conhecido como o *diretor artístico*. Neste caso, ele, “em princípio, tem a responsabilidade de determinar as prioridades artísticas”²⁰ do evento cultural. Nas palavras de Ernesto Gadelha, que foi diretor artístico da última edição da Bienal Internacional de Dança do Ceará (2009), podemos observar as atividades desse profissional:

Os eixos e programas de atuação do projeto/evento serão configurados a partir dessas prioridades [artísticas]. Assim, para além de escolher os grupos que vão participar da programação, essa direção vai definir o foco da programação – caso haja uma centralidade específica, a forma das ações e intervenções que serão feitas para dar corpo às discussões propostas, a “maneira” como serão dados a ver os “produtos” [...] [do evento cultural], os colaboradores que contribuirão para a consecução dos objetivos artísticos [...] [do evento cultural], entre outras coisas. Com frequência, o diretor artístico será responsável pela conceituação e elaboração do projeto; pelos textos de apresentação; pelo primeiro contato com artistas, coletivos, pesquisadores e demais envolvidos no projeto. Na Bienal, boa parte dessas atividades é compartilhada com o diretor geral, David Linhares.²¹

Um aspecto importante que ainda devemos pontuar é exatamente a divisão de tarefas – citada por Ernesto ao final de sua fala – que normalmente acontece quando o evento é de médio ou grande porte, ou seja, as atividades de um organizador de eventos não necessitam ser realizadas apenas por uma pessoa.

²⁰ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

²¹ Idem.

Na França, por exemplo, a pessoa que define/desenha a programação artística de um festival é chamada de “programmateur” (programador), e, em geral, esse profissional acumula as funções de direção artística – que define as diretrizes e prioridades artísticas do evento – e de escolha dos artistas, espetáculos etc. que vão fazer parte da programação. Naturalmente, essa pessoa pode se servir do auxílio de outros profissionais para a concepção e realização de outros programas que fazem parte do evento, sobretudo quando estes têm grandes dimensões.²²

No caso dos eventos artísticos e culturais, a direção pode ser dividida em: direção geral; direção artística; direção executiva e direção pedagógica, conforme ocorreu na VII Bienal Internacional de Dança do Ceará. No entanto, esta divisão não é normativa, apenas exemplar. Ela pode variar de acordo com as características e necessidades de cada evento.

2.6 Construção de uma concepção de curadoria de eventos culturais

Após toda contextualização e todo desenvolvimento teórico realizados até aqui, ao final desta Seção, como um dos objetivos principais deste trabalho, iremos verificar a possibilidade da existência de uma curadoria de eventos culturais. Para tanto, vamos iniciar apresentando os conceitos construídos ao longo das Seções I e II.

Desta Seção, podemos trazer o conceito de evento cultural como sendo uma “ação profissional” planejada e ligada à divulgação, manutenção ou fortalecimento de alguma expressão artística, que gira em torno das atividades de pesquisa, organização, coordenação, controle e implantação de um projeto cultural e tem como objetivo principal atingir concretamente seu público-alvo. Já da Seção I, entendemos curadoria contemporânea como a função de conceber, desenvolver, supervisionar e avaliar um processo ligado à arte. Logo, podemos verificar que inicialmente temos, em comum, o fato dos dois conceitos estarem diretamente **relacionados ao movimento das artes**.

A partir desta constatação e buscando um maior detalhamento, passemos para a comparação entre as etapas do processo de uma curadoria e as etapas de produção de um evento cultural, realizadas respectivamente pelo curador e pelo organizador de eventos, conforme consta a seguir:

²² Idem.

ETAPAS DE REALIZAÇÃO	
CURADORIA CONTEMPORÂNEA	EVENTO CULTURAL
<p>1ª Realização de “um diagnóstico da situação atual, definindo os pontos positivos e negativos” (CABRAL; RANGEL, 2008, p.165) e estabelecimento de um conceito;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Concepção – definição do tema do evento; • Planejamento – análise, pesquisa e elaboração do projeto do evento;
<p>2ª Identificação de “quais públicos se pretende atingir, buscando saber suas necessidades e expectativas” (CABRAL; RANGEL, 2008, p.165);</p>	
<p>3ª Desenvolvimento de um “plano de trabalho, estabelecendo as metas, um cronograma, os recursos humanos e financeiros para as ações a curto, médio e longo prazos” (CABRAL; RANGEL, 2008, p.166);</p>	
<p>4ª Preparação da equipe, através de treinamento e da distribuição de responsabilidades;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Produção – contratação de serviços, captação de parcerias e desenvolvimento do material promocional; • Execução – divulgação do material promocional e realização do evento;
<p>5ª Avaliação do trabalho, buscando mensurar os resultados, analisar as estratégias utilizadas e reestruturar futuros trabalhos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação – análise dos resultados do evento.

Figura 4 - Etapas de realização de uma curadoria contemporânea e de um evento cultural

Com isso, podemos concluir que um evento cultural pode ter uma curadoria desde que o organizador de eventos, no papel de curador, realize as seguintes tarefas: conceber um

conceito “a partir da delimitação do enfoque temático e do conhecimento das expectativas do público em relação à temática selecionada”; selecionar e enquadrar as atrações, tendo como referencial o tema proposto; conhecer o espaço de realização do evento e “suas potencialidades públicas”; definir os objetivos e critérios para avaliação das atrações; conceber o roteiro do evento, “a partir do delineamento das questões de infra-estrutura e das linguagens de apoio”; deixar claro para todos os envolvidos a proposta do evento; organizar e realizar o “projeto executivo, considerando os parâmetros de produção, cronograma, orçamento e avaliação” (BRUNO, 2008, p.22).

A partir da constatação de que o conceito de curadoria contemporânea, conforme apresentado anteriormente, “se trata de um conceito que tem sido apropriado, ressignificado e utilizado pelos mais diferentes campos profissionais” (BRUNO, 2008, p.16) e principalmente “atualmente parece ter uma utilização genérica, para eventos de todo tipo: gastronômicos, acadêmicos, literários etc.”²³; da equiparação entre as etapas da curadoria e do evento cultural; e principalmente da adequação das atividades do organizador de eventos – leia-se diretor artístico – ao de curador, podemos dizer que curadoria de eventos culturais trata-se de um “programa de atividades que darão forma e corpo”²⁴ a uma ou mais expressões da cultura, em torno das funções de conceber, desenvolver, supervisionar e avaliar um evento cultural/uma mostra artística, “tendo ainda como finalidade importante estabelecer e potencializar as vias de acesso e troca entre o público e as obras/discussões/ações apresentadas”²⁵.

Após construção de uma concepção de curadoria de eventos culturais, ainda é importante pontuarmos alguns aspectos pertinentes ao universo curatorial: a ideia de que a curadoria é um processo de criação como as obras de arte; os conhecimentos que deve ter um curador de eventos culturais e finalmente o caráter multiprofissional do curador contemporâneo.

Considerando o curador como diretor artístico, é ele quem protagoniza o evento, é dele a voz que dá o tom geral do discurso, pois é ele quem define o tema do evento. “Uma proposta de curador, portanto, está essencialmente baseada no que normalmente se costuma chamar de *conceito*” (SOUSA, 2009, p.36), ou seja, uma “idéia que uma pessoa faz de uma classe de objetos [...] ou de uma classe de idéias” (DICIONÁRIO DO AURÉLIO, 2009). Sendo assim, a partir de um conceito, “é possível ter a intenção de mostrar uma tendência

²³ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

artística ou uma percepção da arte e do mundo por parte de quem a faz” (SOUSA, 2009, p.36).

Após a determinação do conceito, o curador deve ter a preocupação de manter sempre um “discurso uníssono com a proposta”, mostrando a coerência dos artistas e dos trabalhos que realizam, mesmo que díspares e aparentemente incongruentes, com o conceito proposto, através, se necessário, da “idéia de pluralidade ou hibridização que as obras emanam” (SOUSA, 2009, p.35).

Um interessante questionamento levantado por Sousa ao tratar da curadoria de uma exposição de arte, ocorrida em 2001, no pavilhão Itália foi o seguinte: “Espetacularização ou conceito artístico?” (SOUSA, 2009, p.34). Também, para o curador de um evento cultural, essa deve ser uma questão recorrente. Segundo a autora, o curador deve saber quais discursos irá colocar em jogo e como pretende estruturá-los.

A base de todo o trabalho do curador está na construção de um conceito. Se este não está claramente definido ou acaba se perdendo no desenrolar do evento, torna-se espetacularização. Ou seja, “substitui-se a complexidade da realidade por uma imagem que representa o real e, assim, o espetáculo²⁶ passa a dominar e controlar a realidade” (FELICE, 2009, p.5). O que se passa a ter é um evento sem propósito, resultando na mera contemplação.

Por isso, outro importante aspecto no estudo da curadoria diz respeito ao próprio conhecimento. É importante que o curador tenha uma especialização tanto prática quanto teórica, possibilitando assim autonomia e segurança suficientes para compor propostas diferenciadas e inovadoras. Quanto à aquisição de um conhecimento formal/acadêmico, é pertinente lembrarmos o fato de que não existe uma formação específica para curador no Brasil. Podemos observar este fato, no depoimento de Ernesto Gadelha, conforme segue abaixo:

Não existe formação específica para isso no Brasil, e imagino que, mesmo em outros lugares, será mais fácil encontrar especializações, ou coisa equivalente, do que formações propriamente ditas. O que aconteceu, durante esses anos de atuação como curador, foi o desenvolvimento de uma percepção mais acurada dos diversos fatores envolvidos nesse tipo de atividade e conseqüentemente o desejo de me preparar para assumir essa responsabilidade. À medida que você começa a refletir sobre essa atividade, seja de uma forma geral ou sobre a sua prática propriamente dita, sobre as

²⁶ Para compreender um pouco mais sobre espetáculo, ver DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Estela dos Santos Abreu (Trad.). 2.reimpressão. Editora Contraponto.

forças que perpassam a configuração de uma programação, sobre os agenciamentos possíveis a partir de uma proposta dada e conformada, sobre os contextos de inserção de uma proposta, sobre as negociações/relações entre diferentes contextos de produção cultural, entre outros elementos, você está refletindo também sobre parâmetros para fundamentar suas escolhas. Esse é um processo contínuo. Acredito que a junção de minha formação prévia como bailarino e professor, a experiência como coordenador no Colégio de Dança e no Centro Dragão do Mar, associada às reflexões e experiências advindas da prática de programador, são fatores que hoje me oferecem uma plataforma de referências para atuar nessa função.²⁷

Por fim, “de acordo com Adriano Pedrosa²⁸, o curador tem sido cada vez mais chamado para executar vários papéis” (SOUSA, 2009, p.35). Desta forma, vem-se desenvolvendo a geração dos artistas-organizadores-curadores, ou seja, o caráter multiprofissional que permeia a curadoria contemporânea. Com isso, podemos dizer que seria possível termos, na curadoria de eventos culturais, como diretor do evento, esse profissional artista-organizador-curador que, por sua vez, se responsabilizaria, por exemplo, pela formação de parcerias e busca de patrocinadores, pela viabilidade estrutural do evento, pela definição da campanha publicitária, dentre outras funções.

²⁷ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

²⁸ “Foi curador-adjunto e Editor de Publicações da 24ª Bienal de São Paulo (1998), Co-curador da 27ª Bienal de São Paulo (2006) e Curador responsável por exposições e coleção do Museu de Arte de Pampulha, Belo Horizonte (2201-2003). (...) É curador da Coleção de Paisagens de Paulo A. W. Vieira (Rio de Janeiro) e da Coleção Teixeira de Freitas (Lisboa, Portugal)” (SOUSA, 2009, p.35).

SEÇÃO III – DANÇA CONTEMPORÂNEA

Para uma melhor compreensão do tipo de curadoria de que é tratada ao longo da análise do objeto de estudo, fez-se necessária, nesta Seção, inicialmente uma breve explanação de conceitos e características em torno do termo dança, abordando principalmente as categorias balé clássico e dança contemporânea numa perspectiva histórica. Sob este pano de fundo mundial, estas categorias foram contextualizadas através da apresentação de um pouco da história da dança cênica cearense. Após compreensão do que se entende por evento e por dança na contemporaneidade, desenvolvemos o que se entende por evento de dança, bem como a classificação de eventos de dança quanto a sua natureza. Com isso, foram apresentados os principais eventos de dança que compõem atualmente a Agenda Cultural do Ceará, onde a Bienal tem presença marcante.

3.1 Concepção de dança contemporânea

Conforme identificamos na subseção que trata da classificação dos eventos, entendemos a dança como uma manifestação artístico-cultural, que conseqüentemente faz parte dos eventos culturais. Mas o que significa o vocábulo dança? Como se dança atualmente? E principalmente, o que se entende por dança contemporânea?

No Novo Dicionário Aurélio, encontramos as seguintes definições:

Dança [Der. regress. de dançar.] s.f. 1. Sequência de movimentos corporais executados de maneira ritmada, em geral ao som de música: dança de salão; dança folclórica; dança ritual; passos de dança; curso de dança. 2. A arte da dança (1): A dança de Isadora Duncan surpreendeu e encantou os meios artísticos. [...]

Dançar [Do fr. ant. dancier (atual danser), de or. incerta.] V. intr. 1. Executar movimentos corporais de maneira ritmada, em geral ao som de música; bailar. 2. Balançar, oscilar; sacudir-se, agitar-se: Soprava o vento, e a chama do candeeiro dançava; As ondas estavam bravias, e o barco dançava. 3. Girar, rodar: O pião dança. [...] V. tran. dir. 8. Executar segundo as regras de dança: dançar uma valsa; dançar danças antigas; “Cada um rezava uma reza, dançava a sua dança, cantava o seu canto” (Antônio Olinto, Copacabana, p. 36) (FERREIRA, 2010).

Como podemos observar, tanto o substantivo dança quanto o verbo dançar estão intrinsecamente ligados à noção de dança como “atividade que se desenvolve no espaço e num tempo determinado, cuja configuração é o ritmo” (MENDES, 1999, p.5). Esta noção nos remete a diversos tipos de dança, como: a dança de salão; a dança folclórica; a dança do ventre; o sapateado; a dança de rua; a dança clássica; a dança moderna; dentre outros.

Interessa-nos aqui analisar especificamente a dança clássica e a moderna – ou melhor, o balé clássico e a dança contemporânea, que são os dois tipos de dança marcadamente presentes no nosso objeto de estudo. Para tanto, faremos novamente referência às definições que constam no Novo Dicionário Aurélio:

Dança clássica. 1. Dança (1) pautada num conjunto de normas que regem os movimentos, passos e gestos desenvolvidos no ensino coreográfico, e que se aplicam sistematicamente em exercícios de técnica e espetáculos. [...]

Dança moderna. 1. Forma contemporânea da dança (1), com técnica própria, e em que se desenvolve um sentido de liberdade de expressão e de movimentos, por oposição ao rigor acadêmico da dança clássica (FERREIRA, 2010).

Partindo destas definições, percebemos que elas se relacionam com o momento vivido pelo balé clássico e pela dança contemporânea a partir da segunda metade do século XX, onde se seguem anos marcados pelo declínio das sociedades disciplinares e pela respectiva ascensão das sociedades de controle, conforme tratou Gilles Deleuze em algumas de suas obras.

Segundo Rosa Primo²⁹, em pesquisa realizada sobre as ligações do corpo na dança cênica³⁰ cearense, o balé clássico, que se desenvolveu principalmente em toda a primeira fase da acumulação capitalista, funciona sob a lógica das sociedades disciplinares – fechada, quantitativa e geométrica; enquanto a dança contemporânea, desenvolvida nos limites da modernidade para a pós-modernidade, atua na lógica das sociedades de controle – aberta, qualitativa e expressiva.

²⁹ Bailarina, jornalista, crítica de dança e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, com pesquisa sobre as ligações do corpo na dança cênica cearense.

³⁰ A dança é uma das três principais artes cênicas da Antigüidade, ao lado do teatro e da música. Caracteriza-se pelo uso do corpo seguindo movimentos previamente estabelecidos (coreografia), ou improvisados (dança livre). A história da dança cênica representa uma mudança de significação dos propósitos artísticos através do tempo.

Se no balé clássico é possível dizer que “o corpo está bem” (sob controle) quando o movimento segue “o perfeito equilíbrio” ditado e orientado por suas regras e por seu código, na dança contemporânea pode-se dizer que “o corpo está bem” quando o movimento orienta-se muitas vezes por diagramas anatómicos que organizam uma hierarquia de segmentos (cabeça, ombros, peito, bacia, joelhos, pés) determinando níveis e divisões – um sistema que não deixa de impor um modelo de progressão linear por fases sucessivas. (Launay, 2003a:110-112) (GADELHA, 2005, p.6).

A partir dessa análise do movimento do corpo na dança contemporânea feita por Rosa Primo e da definição de dança moderna presente no Novo Dicionário Aurélio, vemos surgir um paradoxo, ou seja, “ao mesmo tempo que na dança contemporânea a padronização dos movimentos é mais difícil, [...] nunca antes houve uma tão intensa e rápida produção de clichês” (GADELHA, 2005, p.6). É, portanto, exatamente nesse ponto e período histórico em que se iniciou a necessidade de se pensar a subjetividade contemporânea.

A dança, como manifestação artística que acontece no corpo, tem a possibilidade de ser um mapa expressivo das mutações intensivas no campo das subjetividades. [...] O corpo do bailarino, sobretudo na dança contemporânea, parece ser um eterno vir a ser. Nele, trabalha-se o movimento incessante de construção e desconstrução; não há ordem, hierarquia e finalização – ou se há, a intenção é desfazê-la, quebrá-la, compartimentá-la (GADELHA, 2006, p.90).

A partir desta ideia da dança contemporânea, podemos dizer que ela começa a mostrar seus indícios de “loucura”, conforme escreveu Adriana Pavlova em uma matéria no jornal O Globo em novembro de 2002. Como explica Rosa, em sua obra *A Dança Possível: as ligações do corpo numa cena*, “a loucura aqui é a diferença irreduzível, radical [entre o balé clássico e a dança contemporânea]. [...] No texto de Adriana, uma tabela intitulada ‘a nova dança’, caracteriza o que ‘sobe’ e o que ‘desce’ na dança cênica atual” (GADELHA, 2006, p.87).

Nesta tabela, constam as seguintes características da dança contemporânea: “longos silêncios” como trilha sonora; “música kitsch ou ao vivo (ou os dois)” pontuando a não linearidade das dramaturgias; bailarinos com “cabelos curtos” ou carecas; utilização de “roupas do dia-a-dia” ou “bailarinos peladões”; espetáculos com “falação” ou apenas ruídos sonoros; “palco nu, no máximo com objetos pelo chão”; iluminação com “luz branca”;

“humor” como tema do espetáculo; adoção da noção de “*work in progress*” e “interação com o público” (GADELHA, 2006, p.87).

Sendo esta uma das características mais marcantes da dança cênica atual, é exatamente a “interação com o público” que irá distinguir um espetáculo de dança contemporânea. Segundo Helena Katz, ela “acontece num pacto entre palco e platéia. Não há emissor e receptor, mas um fluxo que atravessa todos os envolvidos com graus diferenciados de responsabilidade compartilhada” (KATZ, 2003). O que interessa é a pergunta que o espetáculo faz, pois “a dança que indaga cabe dentro da nomeação de contemporânea” (KATZ, 2003).

Levando-se em consideração todos os aspectos da dança contemporânea acima apresentados e o fato de ela fazer parte das artes contemporâneas, acompanhando assim as “questões complexas e cheias de nuances de nosso tempo” (SANTOS, 2007), podemos conceber que a dança contemporânea trata-se de “um modo de pensar a dança que passou a ser desenvolvido em todo o mundo a partir da década de 70” (SANTOS, 2007), dedica-se a falar das relações humanas, propõe uma investigação do “eu interior” através de movimentos do corpo, convidando “a vasculhar cada detalhe para descobrir movimentos que expressem [...] emoções, dúvidas e pensamentos” (SANTOS, 2007) através da coleta de elementos do cotidiano e da “liberdade de experimentar” (SANTOS, 2007).

3.2 Breve histórico da dança cênica cearense

Como pano de fundo para análise do objeto de estudo, é importante fazermos um esboço do panorama histórico da dança cênica cearense, no que se refere ao desenvolvimento do balé clássico, da dança moderna, da pós-moderna e de variantes da dança cênica contemporânea. Para tanto, utilizaremos como principal referência o livro *A Dança Possível: as ligações do corpo numa cena*, da prof^a. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha.

O estabelecimento do início da dança em Fortaleza ainda gera muitas discordâncias entre estudiosos, pesquisadores e profissionais da área. Quando se pergunta quem foi o primeiro mestre de dança de Fortaleza, a resposta de um lado é Hugo Bianchi e de outro, Regina Passos. Entretanto, independente de quem tenha iniciado o ensino do balé clássico em

Fortaleza, interessa-nos identificar as características da dança nos principais momentos históricos.

Segundo Rosa Primo, podemos encontrar vestígios de dança em Fortaleza datados de 1925 com Maria de Lourdes e Gasparina Germano dançando a composição musical *Camponês Apaixonado* de Paurillo Barroso, apresentada no Theatro José de Alencar - TJA. Deste momento até meados da década de 1940, ainda inserido e influenciado pelo contexto da *belle époque*, o bailado cearense “orientou-se em torno de uma visão profundamente elitista, [...] todas as bailarinas, eram ‘as senhorinhas da alta sociedade do Ceará’” (GADELHA, 2006, p.156) e o balé clássico reinava nos salões nobres das festas de arte e no palco do TJA.

A partir da década de 1950, o cenário da dança começa a ganhar as tão conhecidas academias. Em 1954, Regina Passos abre sua academia de balé clássico; Tereza Bittencourt, que “fez parte de um dos mais importantes grupos de dança do Brasil: o Conjunto Coreográfico Brasileiro” (GADELHA, 2006, p.186) aparece como professora de balé clássico em sua academia Vaslav Veltchek de 1963 a 1968, e em 1965, por sua vez, Hugo Bianchi, ex-aluno de Tereza, também dá início a sua academia Ballet Eros Volússia.

Com efeito, [...] somente Hugo Bianchi e Regina Passos são reconhecidos como pioneiros; e partindo deles, a dança inicia em Fortaleza com eles, com a família deles, e prossegue com seus respectivos alunos. A dança cênica cearense desdobra-se, assim, em duas linhagens. Por um lado: Lucy Barroso, que é irmã de Paurillo Barroso, é tia de Walkyria Araújo e de Regina Passos, que, por sua vez, é mãe de Cláudia Borges (Academia de Dança Cláudia Borges), de Vera Passos (Academia de Dança Vera Passos) e de Tereza Passos (atual professora de dança da Academia de Dança Vera Passos). E em julho do ano de 2003, Michelle Borges, filha de Cláudia Borges, inaugura sua academia: Stúdio de Dança Michelle Borges. De outro: Hugo Bianchi aparece como professor de quase todas as proprietárias das “renomadas” academias de dança de Fortaleza: Ana Virgínia (Academia de Ballet Pavlova), Mônica Luiza (Academia de Balé Mônica Luiza), Goretti Quintela (Academia de Ballet Goretti Quintela), Madiana Romcy (Escola de Dança Madiana Romcy), Denise Galvão (Conservatório de Dança Denise Galvão), Helena Coelis – que também foi aluna de Regina Passos – (Academia de Dança Helena Coelis) (GADELHA, 2006, p.196).

Muitas destas academias estão presentes até hoje em Fortaleza. Na época, toda essa formação do balé clássico foi atravessada pelas seguintes características: construção da conscientização da dança como profissão (profissionalização dos bailarinos); rivalidade entre academias e bailarinas; ambiente das aulas de técnica envolvido de dor, sofrimento e sacrifícios; exigência de um corpo estruturado – “o corpo do bailarino clássico deve a todo

custo se adequar às formas da dança clássica; por isso um corpo geométrico, disciplinado, quantificado, fechado, hierarquizado, metrificado” (GADELHA, 2006, p.206); além de continuar sendo o balé clássico uma disciplina para as elites.

Em 1974, inicia-se uma nova experiência com a Escola de Dança Clássica e Moderna do Sesi - Serviço Social da Indústria, tendo Dennis Gray, bailarino e coreógrafo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, como professor e sendo voltada para os filhos de operários.

Foram quatro anos suficientes para instaurar mais um braço da dança na cidade [...]. Embora os padrões estéticos das aulas de balé clássico dessa escola fossem também acadêmicos, outros corpos, de realidades diversas e singulares começaram a se mesclar com a dança freqüentada predominantemente pela elite da época. Mais tarde, novos olhares e certa instabilidade sobre os quereres da dança ampliavam o cenário. O eixo já não se encontrava mais nas apresentações de final de ano das academias, que exibiam as afamadas bailarinas e seus tantos *fouetés*. O movimento já não se dava apenas nos corpos femininos, mas também nos masculinos. [...] Na busca pela liberdade de criação, grupos e artistas começaram a seguir novos passos (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.46).

Com as mudanças apresentadas acima no cenário da dança, surgem diversos bailarinos e companhias independentes – algumas existentes até hoje, acontecem as primeiras manifestações em torno da profissionalização e chega a dança moderna aos palcos do Ceará. Para caracterizar este momento, apresentamos a seguir relevantes informações sobre alguns grupos de dança e seus trabalhos:

- **Vidança Cia. de Dança do Ceará** (1981 - atualmente): criado e dirigido por Anália Timbó. “Eles trabalham com a formação em balé clássico, dança contemporânea, danças dramáticas e folclóricas, dança criativa, alongamento, consciência corporal, criações viso-manuais, capoeira e percussão, e desde o início tratam, em seu repertório, de questões corporais e cênicas que já fugiam dos padrões convencionais das academias” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.47);
- **GAD** – Grupo de Ação e Dança, antes intitulado Grupo Amador de Dança e ligado ao Stúdio de Danças Helena Coelis (1982 - 1988): criado pela bailarina Helena Coelis. Segundo Luciana Melo, componente do grupo, eles não estavam “preocupados em causar impacto, incomodar a plateia ou coisa assim – havia certa ingenuidade na

maneira de transbordar os sentimentos e as sensações, e os corpos estavam sempre em prontidão para abraçar toda a dança possível” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.46);

- **Vivência** (anos 90): dirigido por Goretti Quintela e voltado para um estilo neoclássico;
- **Grupo Dora Andrade**, que, mais tarde, se reconfigurou como **EDISCA** – Escola de dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes (anos 90 – atualmente): apresenta um estilo mais moderno;
- **Grupo Pano de Boca** (anos 90): formado na Academia Cláudia Borges, dirigido por Vera Passos e, passando, mais tarde, a contar com a direção artística de Lúcia Machado.
- **Os Bailadeiros** (anos 90): criado por Oziel Gomes, “pode ser considerado o primeiro grupo de dança independente em Fortaleza” (GADELHA, 2006, p.243). Apesar de utilizarem a mesma técnica das academias, eles trouxeram mudanças “no ambiente das aulas, nos horários das aulas, no convívio” (GADELHA, 2006, p.244) entre os bailarinos;
- **Em crise** (anos 90): criado por Silvia Moura, em meio à descoberta do “desejo de coreografar a partir do diálogo entre a dança e o teatro” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.47).

A partir da década de 1990, a dança e o teatro mostram-se dispostos a construir a todo custo um diálogo possível. Segundo Sandra Meyer, a dança-teatro amplia os conceitos da dança, “libertando-a da associação direta com o termo coreografia (do grego *choreía*, dança e *graphein*, escrever) em sua tradicional definição dos passos dos bailados” (MEYER, 2008, p.4). “A dança deixava uma forma padrão de movimento para encontrar diversos movimentos, a partir de cada corpo. [...] Nesse sentido, tanto o teatro como a dança [...] tinham em comum o corpo como agenciador de um novo processo (o algo diferente)” (GADELHA, 2006, p.274).

Foi exatamente a busca por esse “algo diferente” que deu origem às diversas companhias de dança atuantes até hoje no Ceará. Citamos a seguir algumas delas:

- **Cia. da Arte Andanças**: criada em 1992, dirigida por Andréa Bardawil, “segue em busca por outras corporeidades para descobrir as suas próprias” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.47);

- **Cia Vatá:** criada em 2000 por Valéria Pinheiro, a partir de uma formação intuitiva, e não sistemática, a companhia investiga “corpos híbridos, de linguagens diversas (dança, música, circo, teatro etc.), porém, mantendo como raiz as danças e ritmos da tradição brasileira, com ênfase no Nordeste do país” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.48);
- **Cia. Etra de Dança:** criada em 2001 pelo coreógrafo Edvan Monteiro e pela bailarina Ariadne Filipe, “suas pesquisas de movimento geralmente partem das propostas labanianas e de técnicas de contato-improvisação e de queda e recuperação” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.47).

A partir das experiências vividas por esses grupos, “atualmente, já podemos ver vários processos de composição coreográfica cujo corpo é múltiplo, no qual a criação é coletiva – vários corpos, com seus movimentos e históricos diferenciados, singulares” (GADELHA, 2006, p.286). Além disso,

com um cenário diferenciado dos primeiros artistas e grupos independentes, atualmente há maior possibilidade de intercâmbios, seja através dos cursos de formação, de editais, de convites de festivais ou de residências promovidas pelos festivais de dança, a partir da parceria com instituições de outros países (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.48).

É exatamente nesse cenário que está a Bienal Internacional de Dança do Ceará. Possibilitando intercâmbios e formação artística, ela deu origem a dois importantes instrumentos políticos e artísticos para os profissionais da dança no Ceará: a Comissão de Dança do Ceará (criada em 1997) e o Colégio de Dança (criado em 1998).

O Colégio de Dança começou como um centro de “reciclagem” de caráter bem mais informativo do que formativo. Tinha inicialmente um pouco o intuito de “recuperar o tempo perdido”. Isso se explicitava, principalmente, no discurso de Flávio Sampaio, que o dirigiu nos anos de 1999, 2000 e 2001. Nesse período, enfatizava-se, sobretudo, trazer profissionais renomados “dos grandes centros criativos” para reciclar os profissionais da dança cearense. No último ano do Colégio, em 2002, sob direção de Ernesto Gadelha, que até então ocupava a função de assistente artístico, esse formato passou a ser repensado. A idéia era transformá-lo num curso de educação profissional, como ponte entre a formação básica e o curso de nível superior. Para chegar a isso, Gadelha visualizava o ano de 2003 como

um ano de transição no Colégio; contudo, ele não chegou a acontecer (GADELHA, 2006, p.310).

Apesar do pouco tempo de duração, o Colégio foi, sobretudo, um espaço de troca de experiências e de experimentações, “um espaço possível para o exercício do pensar sem entraves” (GADELHA, 2006, p.314), um espaço que possibilitava o contágio com diversos corpos, com diferentes subjetividades, além do “contato com a diferença via técnica de dança” (GADELHA, 2006, p.314).

A partir desse momento, ocorre uma ampliação nas possibilidades de desenvolvimento dos trabalhos dos artistas cearenses, “tanto em termos de experimentações corporais, como na produção de suas obras coreográficas” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.48). “Deslocando sentidos, a dança ganha novos conceitos, dialoga com outras artes e explode em jogos de formas, volumes, texturas, luzes e sons que ampliam e aprofundam as possibilidades cênicas” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.29).

3.3 Eventos de dança

Após compreensão do que se entende por *evento* e por *dança*, na contemporaneidade, podemos dizer que um evento de dança se trata de um acontecimento resultante da junção dos “esforços” e das “ações planejadas” de toda uma equipe técnica cujo objetivo está diretamente ligado ao seu público-alvo e à divulgação, manutenção ou fortalecimento da dança como manifestação artístico-cultural de investigação do “eu interior” através de movimentos do corpo, que expressam “emoções, dúvidas e pensamentos” através da coleta de elementos do cotidiano e da liberdade de expressão e experimentação.

Com isso em mente, é importante ainda distinguirmos os eventos de dança quanto a sua natureza: os competitivos e os não-competitivos – que chamaremos de conceituais. Os eventos competitivos são aqueles que, como o próprio nome já diz, tem a competição entre os participantes/bailarinos como sua característica principal. Além disso, a inscrição é feita através do pagamento de uma taxa, os gêneros de dança são previamente determinados no Regulamento do evento, além dos jurados visualizarem, muitas vezes, apenas “a quantidade

de piruetas, o tamanho dos saltos, o virtuosismo dos grupos, o atletismo dos bailarinos”³¹, mostrando-se assim com um caráter esportivo, “que atende melhor à educação física” (ARRAIS, 2007) do que à dança. Como exemplos, podemos citar: o Passo de Arte e o Fendafor.

Por outro lado, os eventos conceituais apresentam as seguintes características: o estabelecimento de um tema vinculado aos aspectos políticos, sociais e culturais que permeiam os diversos espaços de ligação com a dança; a formação artística e de público; a divulgação da arte; a ação cultural através de políticas culturais; além da valorização da “corporeidade dançante”³². O principal exemplo deste tipo de eventos de dança é exatamente a Bienal Internacional de Dança.

3.4 Os eventos de dança do Ceará

Para termos um parâmetro de análise do objeto de estudo, é necessário conhecermos os espetáculos e festivais de dança que, juntamente com a Bienal de Dança, compõem atualmente a Agenda Cultural do Ceará, que se apresenta a seguir:

EVENTOS DE DANÇA	
FORTALEZA	
Terça se Dança	Todas as terças-feiras no Sesc Senac Iracema a partir das 20h.
Quarta em Movimento	Todas as quartas-feiras no Mercado dos Pinhões a partir das 20h.
Quinta com Dança	Todas as quintas-feiras no Teatro Dragão do Mar a partir das 20h.
Sextas de Dança	Todas as sextas-feiras no Centro Cultural Bom Jardim – CCBJ a partir das 19h.
Mostra ProDança	Sempre em abril, voltado para apresentações de trabalhos autorais, com produção da Associação de bailarinos, Coreógrafos e Professores de Dança do Ceará – ProDança.

³¹ Entrevista com David Linhares no dia 11 de maio de 2010.

³² Idem.

Passo de Arte Norte e Nordeste	Sempre na metade do 1º bimestre, voltado para apresentações de dança no formato de competição.
Pisando com o Mundo	Sempre em maio – em comemoração ao Dia Mundial do Sapateado, com co-produção da Cia. do Barulho e da Cia. dos Pés Grandes.
Fendafor – Festival Nacional de Dança de Fortaleza e Itinerante do Ceará	Sempre na última semana de junho. Além de Fortaleza, parte da programação acontece também em Guaramiranga, Sobral, Guaiúba e Aquiraz.
Bienal Internacional de Dança do Ceará	Sempre em outubro nos anos ímpares, com programação que se estende de Fortaleza a Paracuru, Juazeiro do Norte e Sobral.
Projeto Bienal Internacional de Dança do Ceará/De Par Em Par	Sempre em outubro nos anos pares, com ações focadas na formação. Conta com oficinas, residências e o Encontro terceira Margem.
Festivais de Dança das academias	Sempre em dezembro, voltados para apresentações de dança dos bailarinos da própria academia (cada academia de dança realiza o seu).
ITAPIPOCA	
Mostra 2as intenções	Sempre em julho, com apresentações de dança e teatro, com solos, duos e monólogos encenados pelos núcleos da Associação de Artes Cênicas de Itapipoca – AARTI e cidades vizinhas da região: Trairi, Itapajé, Uruburetama, Itarema e Paraipaba.
PARACURU	
Mostra de Dança de Paracuru	Sempre em dezembro, com apresentações dos alunos da Escola de Dança de Paracuru.
PARACURU, TRAIRI E ITAPIPOCA	
Festival de Dança Litoral Oeste	Sempre anual, com convidados cearenses e nacionais, realizado como ação da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Secult para descentralizar ações na área da dança.
CARIRI	
Mostra Sesc Cariri da Cultura	Sempre em novembro, com apresentações de teatro, dança, artes visuais e música, nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Nova Olinda.

Figura 5 - Eventos de dança da Agenda Cultural do Ceará

FONTE: REVISTA OLHAR CE. Fortaleza: Bienal Internacional de Dança do Ceará, 2008-. Ano I, v.1. p.76.

De todos estes eventos, a Bienal Internacional de Dança do Ceará e o Projeto da Bienal/De Par Em Par são os únicos que apresentam curadoria formalizada em sua composição, a partir da observação da ficha técnica de cada um dos eventos acima citados. Com isso, torna-se evidente o fato de se tratar de um aspecto pioneiro no cenário da dança cênica cearense e conseqüentemente sujeito a experimentações, erros e acertos.

PARTE IV – BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ

Para iniciarmos a análise do nosso objeto de estudo, devemos inicialmente inseri-lo nos conceitos desenvolvidos ao longo das Seções II e III, ou seja, devemos responder a três perguntas: Por que ele é um evento? Por que é um evento cultural? E finalmente por que é um evento de dança? A Bienal é um evento, pois se caracteriza pela “soma de esforços” de uma equipe composta por diretores, coordenadores, produtores, curadores, técnicos, comunicadores, assistentes e articuladores que planeja “ações”, para alcançar os objetivos “definidos junto ao seu público-alvo”. Além disso, é um evento cultural por estar ligado à divulgação, manutenção e fortalecimento da dança, que, por sua vez, se trata de uma expressão artística. Por fim, trata-se de um evento de dança, pois apresenta, em sua programação, principalmente espetáculos de dança contemporânea, além de performances, intervenções, vídeo-instalação e vídeo-dança.

4.1 Breve histórico da Bienal de Dança

Criada em 1997, pela necessidade de ampliar o cenário da dança contemporânea no Ceará, a I Bienal Internacional de Dança do Ceará surgiu, além do empenho de toda a classe de dança, principalmente “da iniciativa conjunta de três pessoas [...] [que se auto-denominaram] um grupo de ‘apaixonados pela dança’ (O POVO, 12.10.1997)” (GADELHA, 2006, p.292): David Linhares, Fernanda Cavalcante e Oziel Gomes.

Com uma programação composta por espetáculos de balé clássico e dança contemporânea de grupos locais, nacionais e internacionais, conferências, workshops e principalmente pelo fórum de debates cujo tema foi “Formação e Política de Dança no Estado do Ceará”, a I Bienal deixou claro seu compromisso com o “desenvolvimento da dança de uma forma mais ampla, promovendo a articulação dos profissionais da área em torno da abertura de um novo campo de possíveis” (GADELHA, 2006, p.293).

Em entrevista a Rosa Primo, no dia 22 de novembro de 2002, Davi Linhares fala claramente dos objetivos da Bienal no que norteia uma política para a área de dança.

Nossa meta nunca foi realizar um evento estanque, como algo com começo e fim. O objetivo sempre foi mais amplo. A gente queria e a gente quer fortalecer a profissão do bailarino no Ceará, a articulação entre eles. A gente procura contribuir para criar um circuito de dança contemporânea em Fortaleza. Criar espaços para discutir, refletir, inventar. A gente procura o intercâmbio com artistas, professores e pesquisadores, a formação, produção e a circulação da dança no Estado, a troca de experiências, enfim... Não tem nada a ver com um evento de dança que ocorre de dois em dois anos. A Bienal não pára entre um ano e outro, ela continua e vai indo o tempo todo junto com a dança no Estado e a dança no Estado muda a Bienal. Isso é que é importante (GADELHA, 2006, p.293).

De fato, a Bienal se consolidou não como um simples evento, mas como uma ação cultural³³. A prova disso se deu inicialmente com a formação da Comissão de Dança do Ceará em 1997 e posteriormente, depois de “um ano em discussões, debates, palestras e encontros semanais” (GADELHA, 2006, p.304), com a criação do Colégio de Dança em 1998 que teve, como prioridade, o oferecimento dos seguintes cursos de formação: capacitação de bailarino, reciclagem de professores e laboratório de criação coreográfica.

Além disso, o Colégio “tornou-se um centro aglutinador de discussões em torno de políticas públicas para a dança, bem como um centro de referência e consulta para a implantação de projetos de dança nos diversos municípios do Ceará” (GADELHA, 2006, p.334). Com isso, surgiram:

- O *Quinta com Dança* (2000 – atualmente) – programa de formação de plateia, no qual todas as quintas-feiras, no Teatro Dragão do Mar, o público cearense passou a presenciar espetáculos de dança;
- O *Projeto Porão* (2001 – 2002) – projeto de formação de plateia, difusão e fomentação da produção artística relacionada a performances e experimentações em teatro, música, dança e mídias contemporâneas, todas as sextas-feiras, no TJA, a partir das 23h30;
- O projeto *Palco Giratório* (1998 – atualmente) – já atuante em outras áreas do País e concebido pelo Sesc (Serviço Social do Comércio), favorecendo a circulação de espetáculos no interior do Ceará; e

³³ Entendemos ação cultural como um processo de “criação e organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim (...) sujeitos da cultura” (COELHO, 1989, p.14). Além disso, segundo Teixeira Coelho, a ação cultural privilegia um “‘movimento’ de mentes e corpos” (COELHO, 1989, p.33), permitido pelos princípios da prática em arte, que estão fundados no pensamento divergente e no pensamento organizado e são movidos pelas possibilidades, pelo vir-a-ser. “A ação cultural tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo” (COELHO, 1989, p.33).

- O *Especial Dança* (2001 – 2002) – iniciativa da coreógrafa Silvia Moura, no qual todas as quartas-feiras, ao meio-dia, aconteciam espetáculos de dança no palco principal do TJA (GADELHA, 2006, p.334).

Daí em diante, as edições seguintes da Bienal continuaram a desencadear outras séries de conquistas no Estado, como: o Fórum de Dança do Ceará, criado em 2003; o Edital de Incentivo às Artes na área de Dança, lançado em 2004 pela Secretaria da Cultura do Estado - Secult, contemplando trabalhos nas áreas de Pesquisa, Montagem e Circulação de espetáculos; a representação do Estado na Câmara Setorial de Dança em 2005; o curso profissionalizante de dança, implementado pelo Centro Dragão do Mar; além da presença de técnicos da área de dança, integrando quadros de gestão da cultura tanto na Prefeitura de Fortaleza quanto no Governo do Estado.³⁴

Em 2008, por sua vez, é criado o Projeto Bienal Internacional de Dança do Ceará/De Par Em Par. Este passa a acontecer nos anos pares, intercalando-se com os anos em que o Festival é realizado, ou seja, nos anos ímpares e tem como principal objetivo “dar visibilidade às ações que vêm sendo desenvolvidas na área da dança no Ceará, apostando em novos desdobramentos e conexões” (REVISTA OLHAR CE, 2008, p.2). Através do investimento em ações focadas em formação artística e de público, o Projeto é centrado em três eixos: o Programa de Registro e Memória, o Programa de Circulação e o Programa Corpo/Imagem.³⁵

No primeiro Programa, tem-se a elaboração e publicação do livro *10 anos de Bienal Internacional de Dança do Ceará*, organizado pelo pesquisador Airton Tomazzoni (RS) e contando com a participação das pesquisadoras cearenses Rosa Primo, Thaís Gonçalves e Thatiane Paiva, com tiragem de 1.000 exemplares; a edição do documentário *DOC/Bienal*, realizado pelo videomaker Alexandre Veras, a partir do material colhido na edição anterior da Bienal, refletindo sobre as questões contemporâneas; e a produção e edição semestral da *Revista Dança/CE*, a partir da programação em dança desenvolvida no Estado do Ceará, com versões impressa e eletrônica.

Já o segundo programa é composto pela *Dança em Palavras*, programa que promove a visita de coreógrafos e companhias cearenses a projetos sociais, escolas públicas e privadas, promovendo ensaios abertos, mostras de vídeo e conversas entre os artistas e o público em formação, com o objetivo de dar visibilidade à produção local e estimular novos mercados de

³⁴ Disponível em: <<http://www.bienaldedanca.com/historia.html>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

³⁵ Disponível em: <<http://www.bienaldedanca.com/programas.html>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

trabalho e pelo programa *Circula Dança*, que prevê a circulação de companhias cearenses pelo interior (Sobral e Crato), nas cidades onde acontecem a Bienal, num programa que envolve não apenas espetáculos, mas também residências artísticas e encontros com o público, estimulando a formação dos artistas locais e a formação de plateia. Além disso, prevê a realização de residências artísticas com coreógrafos nacionais convidados, nas cidades que recebem espetáculos da Bienal e apresentam maior demanda na área da dança (Paracuru ou Itapipoca), com o objetivo de realizar uma ação mais continuada e sistemática de formação.

Por último, o Programa Corpo/Imagem é formado por oficinas que se apresentam em três módulos teórico-práticos no interior (Sobral e região do Vale do Curú) e na capital; pela circulação da *Mostra Vídeo-Dança/CE*; pela coletânea da produção cearense pela periferia de Fortaleza e interior do estado; pela realização de um programa de TV que exhibe e coloca em discussão as produções em vídeo-dança; e finalmente pelo *Encontro Terceira Margem*, programação internacional que acontece em Fortaleza e cidades do interior, com mostra de vídeos, instalações, intervenções urbanas, mini-cursos, mesas redondas, retrospectivas, debates, apresentação de espetáculos convidados e seminário. O foco deste Encontro é desenvolver um campo de pesquisa e produção que explore a relação corpo-imagem em diferentes suportes de apresentação, como vídeo-dança, performance, artes visuais e novas mídias.

Com tudo isso, após doze anos e sete edições, a Bienal vem confirmando a opção de trazer trabalhos que priorizam a pesquisa, a experimentação e o intercâmbio entre continentes para compor sua programação artística. Por isso, a Bienal Internacional de Dança do Ceará juntamente com o Festival Internacional de Dança do Recife (PE), o FID – Fórum Internacional de Dança (MG) e o Festival Panorama de Dança do Rio de Janeiro (RJ) formam os quatro de festivais de dança contemporânea de maior repercussão nacional, compondo o Circuito Brasileiro de Festivais Internacionais de Dança em 2005.

Estando presente, além das quatro capitais, em outras importantes cidades do Estado, o Circuito tem como objetivos: otimizar a cooperação e a circulação de companhias nacionais e internacionais e incentivar a partilha de programas, ideias, informações e recursos, além de os festivais que o formam dividirem a tarefa de fomentar a produção dos jovens artistas locais com estreias e projetos de cooperação internacional e de formação.

Influenciados por sua cultura e realidade locais, os quatro festivais apresentando iniciativas diferentes em termos de curadoria, mas tem em comum não só o investimento em novos talentos, como também a experimentação da linguagem, o interesse na formação de

plateias através de uma política de ingressos populares e de uma enorme interação com espaços públicos e não-convencionais, além da cooperação igualitária entre brasileiros e estrangeiros em processos de criação artística.

Todas essas características, por sua vez, fazem da Bienal um evento inserido no contexto do marketing cultural, que, conforme apresentamos na subseção “Marketing de Eventos” tem como principais objetivos: “divulgar a cultura, democratizar o seu acesso ao grande público, promover um maior contato entre o público e os artistas, [...] além de divulgar a cidade onde se realiza o evento e reforçar a sua imagem de centro cultural” (NETO, 1999, p.201).

4.2 VII Bienal de Dança

Conforme definimos que a Bienal se trata de um evento de dança, inserido no marketing cultural, passaremos agora à análise da sétima e última edição sob os seguintes aspectos: **processo de definição da temática e adequação dos critérios utilizados para seleção dos trabalhos, das peças publicitárias da campanha, além dos patrocinadores/apoios/parcerias de órgãos públicos e empresas privadas com o conceito do evento.**

Tendo como conceito, o tema *Poéticas e Políticas*, a VII Bienal trouxe a proposta de discussão de novos modos de criação e existência da cena independente, dando uma atenção especial à produção coreográfica feminina, como forma de homenagear as criadoras que, ao longo do século XX e neste início de novo milênio, “fundam na dança novos estatutos éticos e poéticos, formas outras de povoar o universo dessa arte com suavidade, intensidade e inaugurando novos regimes de sentido” <<http://www.bienaldedanca.com/2009/espetaculos.html>>.

Nas palavras de Andréa Bardawil, responsável pela direção pedagógica dessa edição da Bienal, temos que

o tema foi proposto por Ernesto Gadelha, diretor artístico da Bienal, para tentar evidenciar um pouco a relação entre processos criativos e modos de existência. A ideia era ampliar a discussão em torno de artistas independentes, suas formas de viver e produzir, as dificuldades e as condições de possibilidade, os investimentos

(financeiros e afetivos) ali empregados. E ao mesmo tempo cruzar essas questões com os processos de mobilização política que estamos – ou não estamos – envolvidos. Pelo que precisamos lutar?³⁶



Figura 6 - Identidade visual da VII Bienal Internacional de Dança do Ceará

FONTE: Disponível em: <<http://www.bienaldedanca.com/2009/viibienal.html>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

Com o objetivo de discutir questões éticas, estéticas e políticas na área da dança, a linha curatorial da Bienal é pautada por um breve panorama dos trabalhos das companhias e artistas independentes nacionais e internacionais. Para melhor ilustrar a intenção curatorial desta edição, algumas questões sobre a multiplicidade de estratégias de inserção no campo da dança são encontradas no *hotsite* do evento:

Que estratégias estéticas, éticas, políticas, econômicas desenvolvem os artistas frente a uma possível nova ordem de organização do campo da dança? Como se situam, agrupam, articulam? De que modos colaboram, criam, circulam, sobrevivem criadores e intérpretes da dança hoje? Por que insistem e como subsistem as companhias independentes? Como ecoam as questões políticas e econômicas na conformação de propostas de trabalho, no formato e nas poéticas das criações artísticas? Da companhia ao projeto autoral, da colaboração individual aos coletivos

³⁶ Entrevista com Andréa Bardawil no dia 16 de maio de 2010.

artísticos, quais são as motivações éticas e estéticas?
<<http://www.bienaldedanca.com/2009/viibienal.html>>.

Atravessada por essas questões, a Bienal constituiu-se por cerca de 60 apresentações, entre espetáculos de dança contemporânea, performances, intervenções, bem como mostras de vídeo-dança e vídeo-instalação, residências artísticas, visitas, vivências, exibição de filmes, cursos, palestras, oficinas, ensaios abertos, conversas, workshops, mesa redonda e shows.

Realizada de 16 a 26 de outubro em Fortaleza, Paracuru, Sobral e Juazeiro do Norte, a Bienal também contou, em sua programação com os seguintes eventos:

- III Fórum Latino-americano de Videodança – FLV, uma realização conjunta com o projeto dança em foco – Festival Internacional de Dança & Vídeo, do Rio de Janeiro, que, antecedendo o festival, nos dias 13 a 17 de outubro, tratou-se de um encontro institucional entre diversas instâncias que atuam na área da videodança (produção, exibição, circulação). Entre os eixos temáticos: a difusão da videodança, a educação e reflexão acadêmica, a curadoria e crítica e as redes de colaboração; e
- Bienal Conexão Cabo Verde que, realizada nos dias 24 a 26 de outubro na cidade de Praia (Cabo Verde/África), visou ampliar fronteiras e relações artísticas com países do hemisfério sul.

Abaixo apresentamos a programação completa divulgada no *hotsite* e nos *folders* da campanha:



Figura 7 - Capa do *folder* com programação da VII Bienal (imagem digitalizada do *folder* da campanha).



Figura 8 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do folder da campanha p.1 e 2)



Figura 9 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do folder da campanha p.3 e 4)

Programação

Dia 22/10
22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – Malabares com Camila das Márias e Show: Vitrola São Jorge e convidados
Local: Hey Ho

Dia 23/10 – SEXTA-FEIRA
9h às 11h – **Workshop** ministrado por **Lavinia Bizzoto (RJ)** – *Dança contemporânea*
Local: Sala de Dança Hugo Bianchi | Teatro José de Alencar
14h às 15h30 – **Os Bons Encontros** com **Lavinia Bizzoto (RJ)** e **Liz Garay (Argentina)** – Conversa com coreógrafos que tiveram seus trabalhos apresentados na noite anterior
Mediação: Marcos Moraes (SP)
Local: Foyer do Teatro José de Alencar
16h – Mesa-redonda: Marcos Moraes (SP), Thereza Rocha (RJ) e Maria Cristina Franco Ferraz (RJ) – Tema: **Poéticas e políticas: que planos de composição estamos ajudando a traçar?**
Local: Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
16h – NA PARALELA – Ato Compacto | CCBNB – **Respiro** – **Grupo Fuzú (CE)**
Local: Praça do BNB
18h – *Interferência inatendida... preste atenção no nada as fundos* – **Vanilton Lakka (MG)**
Local: SESC SENAC Itacema
19h – *Sistemático... Nada a declarar. Simão mirim...* – **Grupo Nô (CE)**
Local: Teatro Dragão do Mar
19h – *Respiro* – **Teatro Máquina (CE)**
Local: Centro Cultural Bom Jardim (CURB)

20h – *Em redor do buraco tudo é beta* – **Marcela Levi e Flávia Meireles (RJ)**
Local: Casa Che Guevara | Barra do Ceará
21h – *(Not) a Love song* – **Alain Buffard (França)**
Local: Teatro José de Alencar
22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – Abertura: Cabaçal da Fulô de Aurora;
Performances/Video-instalação: com as bailarinas Elane Fonseca e Thaitiane Paiva e os realizadores audiovisuais Henrique Didimo e Philipi Bandeira (*Arestas do corpo*); **Show:** Coletivo Auê
Local: Hey Ho

Dia 24/10 – SÁBADO
10h às 13h – **Workshop** ministrado por **Vanilton Lakka (MG)** – *Dança contemporânea*
Local: Sala de Dança do SESC SENAC Itacema
14h às 15h30 – **Os Bons Encontros** com **Alain Buffard (França)**, **Vanilton Lakka (MG)** e **Carlos Antônio dos Santos (CE)** – Conversa com coreógrafos que tiveram seus trabalhos apresentados na noite anterior
Mediação: Marcos Moraes (SP)
Local: Foyer do Teatro José de Alencar
17h – **Dançando no poço** – *A caldeirinha e eu* (Sílvia Moura); Em BUSCA (CEM – Centro de Experimentações em Movimentos); *Hip hop* (Walterberg de Sousa e Grupo Arte em Rua); *Dança Iluminada* (Grupo Tablado) e *Danças circulares* (Cleó Ramos) – Curadoria: **Sílvia Moura** | Local: Comunidade Poço da Draga

17h – NA PARALELA – Intervenção Alpendre – **Mostra de Videodança – Produção: Alpendre – Direção: Alexandre Veras (CE)**
18h – *Vánil* – **Andréa Sales (CE)**
Local: SESC SENAC Itacema
19h – *uma misteriosa Coisa, disse o e.e.cummings*, Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* e *Olympia* – **Vera Mantero (Portugal)**
Local: Teatro Dragão do Mar
20h – *Chiffo* – **Marina Brusco (Argentina)**
Local: Casa Che Guevara | Barra do Ceará
21h – *Sieptext* (W. Forsythe), *Le duo d'Eden* (Maguy Marin), *Étude révolutionnaire* e *La mère* (Isadora Duncan), *Lamentation* (Martha Graham), *Une danse blanche avec Eliane* (Dominique Bagouet) e *Tivo* (Russel Malphrant) – **Ballet de Lorraine (França)**
Local: Teatro José de Alencar

Dia 25/10 – DOMINGO
16h – NA PARALELA – Intervenção Alpendre – Performance: *A Coberta D'alma* – **Núcleo de DOC-DANÇA da Artelaria**
Produções (CE) em colaboração com os artistas **Lima Filho e Emanuela Franco (fotógrafos)** e **Socorro Souza (artista plástica)**
Local: Alpendre
18h – *Vá, ris* – **Norma Claire (Guiana Francesa)**
Local: Teatro Dragão do Mar
18h – *Vánil* – **Andréa Sales (CE)**
A caldeirinha e eu – **Sílvia Moura (CE)**
Local: Casa Che Guevara | Barra do Ceará

19h30 – *Hymen* (Lia Rodrigues G. Fromminger, D. Deschamps) – **Ballet de Lorraine (França)**
Local: Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Dia 30/10 – SEXTA-FEIRA
16h – NA PARALELA – Ato Compacto | CCBNB – **Eu... tu – Cia. Faces de Dança (CE)**
Local: Praça Passeio Público

S O B R A L

Dias 11, 12 e 13/09 (1ª fase) e 02, 03 e 04/10 (2ª fase)
Ação de interiorização ministrada por Flávio Sampaio e Alex Santiago (Paracuru Cia. de Dança) Sempre de 8h às 12h e de 14h às 18h
1ª fase: Oficinas de Balé Clássico, História da Dança, Dança Contemporânea e Mostra comentada de vídeos de dança (Período romântico e neoclássico).
2ª Fase: Oficinas de Balé Clássico, História da Dança do Século XX, Hip Hop e Mostra comentada de vídeos de dança (Moderno e pós-moderno)
Local: SESC Sobral

Dia 22/10 – QUINTA-FEIRA
19h – *Les possédés* – **Cie. Toula Limmaios (Alemanha)**
Local: Teatro São João

Dia 23/10 – SEXTA-FEIRA
19h – *Dois pontos* – **Paracuru Cia. de Dança (CE)**
Local: Teatro São João

Figura 10 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do folder da campanha p.6 e 7)

III Fórum Latino-americano de Videodança

Encontros e debates
13 a 16 de outubro | 9h às 12h | Local: Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Apresentação dos grupos de trabalho em torno dos seguintes temas:
– Difusão: plataformas tradicionais e inovadoras;
– Formação;
– Linguagem, curadoria e crítica;
– Redes de colaboração;
– Produção e financiamento

Mosaico Latino-americano
Local: Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
13/10, terça-feira
15h – Colômbia: Videomovimento Festival internacional de videodança Curadoria: Soraya Vargas e Dixon Quiñan
16h – Chile: FIVCI 10, Festival Internacional de Videodanza do Chile. (42 min.)
Curadoria: Brisa Muñoz Parra
17h – México: Agite y sirva, Festival Itinerante de Videodanza Curadoria: Ximena Monroy
14/10, quarta-feira
15h – Bolívia: Cuerpo digital, Festival Internacional de Videodanza Curadoria: Sofia Orihuela
16h – Uruguai: FIVU, Festival Internacional de Videodanza del Uruguay Curadoria: Diego Carrera
17h – Cuba: Festival Internacional de Video-danza de La Habana Curadoria: Roxana de los Ríos
15/10, quinta-feira
15h – Paraguai: Crear en Libertad Encuentro Internacional de Danza y Artes Contemporáneas de Asunción Curadoria: Javier Valdez e Juana Miranda
16h – Argentina: Festival Video Danza BA Curadoria: Silvana Sziperling

17h – Brasil: *dança em foco* - Festival de Vídeo & Dança (RJ) e Encontro Terceira Margem/Bienal Internacional de Dança do Ceará (CE), Curadores: Paulo Caldas, Eduardo Bonito e Alexandre Veras

Intervalos curatoriais
13 a 15 de outubro | 19h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Conversa com curadores de três importantes festivais da América Latina.
Encontro Terceira Margem/ Bienal Internacional de Dança do Ceará (CE) Alexandre Veras Costa
Festival Internacional de Videodanza de Buenos Aires (Argentina) Silvana Sziperling
dança em foco – Festival de Vídeo & Dança (RJ) Paulo Caldas e Eduardo Bonito

Mesa-redonda: Dança em novos formatos
15 de outubro | 9h às 12h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Participantes: Ivani Santana (BA) e Alexandre Veras (CE)

Painel de Festivais e Canais de TV
16 de outubro | 9h às 12h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Participantes: Lynette Kessler (Dance Camera West, Los Angeles, EUA); Alberto Magno (FRAME, Porto, Portugal); Bibiana Ricciardi (canal 4, Buenos Aires, Argentina); Paulo Linhares (TV Povo, Fortaleza-CE, Brasil)

Dia 24/10 – SÁBADO
19h – Manerics – Luis Garay & Co. Buenos Aires (Argentina)
Local: Teatro São João

Dia 25/10 – DOMINGO
19h – *Entre e saia para as entre salas* – **Cia. Etra (CE)**
Local: Teatro São João

Dia 26/10 – SEGUNDA-FEIRA
19h – *Sieptext* (W. Forsythe), *Le duo d'Eden* (Maguy Marin), *Étude révolutionnaire* e *La mère* (Isadora Duncan), *Lamentation* (Martha Graham), *Une danse blanche avec Eliane* (Dominique Bagouet) e *Tivo* (Russel Malphrant) – **Ballet de Lorraine (França)**
Local: Teatro São João

PARACURU

Dias 19 a 23/10
Residência artística – Composição coreográfica ministrada por Minna Tuovinen e Martin Heslop, **As2 wrists dance company (Finlândia) – Projeto MovesOn**
Local: Escola de Dança de Paracuru

JUAZEIRO DO NORTE

Dias 25, 26 e 27/09 (1ª fase) e 09, 10 e 11/10 (2ª fase)
Ação de interiorização ministrada por Flávio Sampaio e Paracuru Cia. de Dança
Sempre de 8h às 12h e de 14h às 18h
1ª fase: Oficinas de Balé Clássico, História da Dança, Dança Contemporânea e Mostra comentada de vídeos de dança (Período romântico e neoclássico).
2ª Fase: Oficinas de Balé Clássico, História da Dança do Século XX, Hip Hop e Mostra comentada de vídeos de dança (Moderno e pós-moderno)
Local: SESC Juazeiro

Dia 20/10 – TERÇA-FEIRA
19h – *Vánil* – **Andréa Sales (CE)**
21h – *Na dobra do tempo* – **Lavinia Bizzotto (RJ)**
Local: SESC Juazeiro

Dia 21/10 – QUARTA-FEIRA
19h – *BR 116* – **Alysson Amancio Companhia de Dança (CE)**
Local: SESC Juazeiro

Dia 22/10 – QUINTA-FEIRA
19h – *Continho de nós* – **J.Gar.Cia Dança Contemporânea (SP)**
Local: SESC Juazeiro

Dia 23/10 – SEXTA-FEIRA
19h – *Entre e saia para as entre salas* – **Cia. Etra (CE)**
Local: SESC Juazeiro

Figura 11 - Programação da VII Bienal (imagem digitalizada do folder da campanha p.8 e 9)

Além do *folder* com a programação, temos outra peça publicitária de fundamental importância para a Bienal. Trata-se do catálogo. Nele, podemos encontrar uma breve descrição de toda a programação, além de um texto de abertura que explica um pouco sobre a temática do evento e os outros eventos que começam a fazer parte da programação da Bienal³⁷.

Presente nas três mídias acima apresentadas – *hotsite*, *folder* e catálogo – e em todas as outras peças da campanha publicitária (cartaz, banner etc.)³⁸, podemos observar que a programação visual não dialoga claramente com o conceito definido pela direção artística do evento. Na opinião de Ernesto Gadelha,

a foto utilizada nos banners, na capa do catálogo etc., apesar de ser uma bonita imagem, não dialoga diretamente com o tema da Bienal. O fato de o designer gráfico não morar em Fortaleza talvez tenha impedido uma melhor comunicação em torno desse material. Em geral, acho que temos que tornar mais eficazes todos os meios de comunicação com o público, tudo aquilo que possa funcionar como via de acesso aos trabalhos e propostas apresentadas pela Bienal. O catálogo, desde 2007, tem melhorado, trazendo um pouco mais de informação sobre os artistas e trabalhos. Deve, no entanto, continuar sendo aperfeiçoado e, sobretudo, estar disponível desde o início do evento, coisa que não aconteceu nessas duas últimas bienais.³⁹

Por experiência própria – estando presente, em alguns momentos da Bienal, como espectadora – e nas palavras de Ernesto Gadelha, verificamos que

o tema “Poéticas e Políticas” ficou muito mais evidente nos debates e conversas realizados na Bienal do que nas apresentações das obras propriamente ditas. Contudo, os artistas que apresentaram seus trabalhos foram fundamentais para discutir essas questões nos encontros que realizamos nos dias seguintes aos espetáculos. Os posicionamentos éticos, políticos e estéticos desses artistas estão implícitos e imbricados na configuração de seus trabalhos, ainda que o grau de consciência e clareza deles (os artistas) acerca disso seja diferenciado. É provável que essas implicações não tenham ficado evidentes para o grande público.⁴⁰

³⁷ O catálogo encontra-se digitalizado em “Anexos”.

³⁸ Apesar da busca insistente, não foi possível encontrar informações precisas referente ao planejamento de campanha. Por isso, não se tem conhecimento de quais as mídias utilizadas na mesma.

³⁹ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

⁴⁰ Idem.

Apesar disso, devemos levar em consideração que “uma curadoria é sempre um recorte possível, que é delimitado não só pelo tema proposto, mas por uma série de outras variáveis, como a disponibilidade de recursos, por exemplo”⁴¹. Podemos observar este fato na fala, a seguir, de Ernesto Gadelha:

Constatamos, no conjunto de trabalhos que foram submetidos à apreciação da curadoria, obras de grupos que se organizavam de formas distintas, com diferentes motivações e manifestações artísticas. Buscamos então apresentar um recorte diversificado dessas formas de organização/manifestação, que nos desse a possibilidade de debater várias maneiras de habitar/produzir no campo da dança na atualidade, corporificando um panorama significativo da paisagem contemporânea de dança, sobretudo a dança produzida no Brasil.⁴²

Por fim, é pertinente também analisarmos as parcerias feitas na Bienal. Para tanto, apresentamos a seguir as empresas que tornaram possível a realização da sétima edição da Bienal:



Figura 12 - Patrocinadores da VII Bienal
(imagem digitalizada do *folder* da campanha contracapa)

⁴¹ Entrevista com Andréa Bardawil no dia 16 de maio de 2010.

⁴² Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

Estando esta inserida no Marketing Cultural, sabemos que “a parceria justifica-se porque os interesses de ambos [Bienal e parceiros] são convergentes” (NETO, 1999, p.45). A Bienal porque ganha viabilidade de realização, “a Prefeitura porque divulga a cidade e o seu governo e aumenta a arrecadação de impostos, e os patrocinadores, porque têm o retorno esperado em termos de maximização de marca” (NETO, 1999, p.45).

Quando perguntado como são definidos os patrocinadores, os apoiadores e as parcerias e como ocorre o processo de seleção das parcerias com empresas privadas, Ernesto Gadelha responde que:

Os apoios à Bienal vêm de várias origens: Petrobrás, Banco do Nordeste, Fundo Estadual de Cultura, BNDES etc. Essas empresas têm seus programas específicos de apoio a eventos culturais. O FEC, por exemplo, existe exclusivamente para isso. Esse apoio pode vir via lei Rouanet ou via apoio direto (como acho que foi o caso da Bienal com a Petrobrás), ou seja, via edital. Empresas que não têm uma tradição de apoio a eventos culturais - mesmo que tenham essa possibilidade via a renúncia fiscal da lei Rouanet - são mais difíceis de apoiar. O apoio aos eventos pode ter a ver com o tema destes, mas, em geral, se apoia um evento pelo que ele construiu ou constrói como ação cultural, não especificamente pelo tema.⁴³

Não só no caso da Bienal como no da maioria dos eventos, a realidade dos apoios financeiros a eventos culturais está diretamente ligado ao retorno social através de ações culturais que estes apresentam, além do porte do evento e da visibilidade que este proporciona para a marca do patrocinador. Com isso, podemos verificar que nem o tema ou o conceito do evento normalmente não determina o patrocínio do mesmo e nem os organizadores do evento.

4.3 A curadoria e seus curadores

Para iniciar uma discussão sobre a curadoria como uma “atitude profissional”, Francesca Azzi, membro da curadoria do Indie 2009 - Mostra de Cinema Mundial, que ocorre em Belo Horizonte e São Paulo, apresenta, no blog do evento, a seguinte reflexão:

⁴³ Idem.

Quando fazemos um festival ou uma mostra obrigatoriamente passamos por um processo de pesquisa e curadoria. Apesar desta matéria não ser ‘ensinada’ na faculdade de comunicação, e talvez nem no mestrado, e quase nunca ser abordada em cursos e workshops da área cinematográfica, ser um curador implica em muito conhecimento teórico, pesquisa, estilo e se possível capacidade de ver e propor algo que vá bem além do óbvio ou do efêmero dia a dia. O certo é que todo mundo que reflete sobre arte, cinema, vídeo, teatro, dança deseja no fundo ser um curador. (Aliás esta palavra é um tanto quanto forte, para quem mais do que aliviar questões, deveria sim, aguçá-las) (AZZI, 2007).

Ernesto Gadelha, por sua vez, vai ao encontro da opinião de Francesca Azzi quando afirma que o termo curador “soa pedante, esnobe e pretensioso”⁴⁴ e complementa dizendo: “[...] Embora evite dizer que sou curador, frequentemente temos que lidar com o fato de que ‘estamos’ curadores”⁴⁵. De fato, levando-se em consideração o fato de não existir atualmente, no Brasil, formação específica para este profissional, o curador de um evento cultural só existe enquanto existir o evento. Trata-se de um cargo que é ocupado, ou melhor, de uma “atitude profissional” que se expressa durante o decorrer de todas as etapas do evento cultural. Para exemplificar este fato, o próprio Ernesto Gadelha, ao ser questionado como ocorreu sua trajetória para unir sua formação com o cargo de curador da Bienal, nos fala:

O que aconteceu, durante esses anos de atuação como curador, foi o desenvolvimento de uma percepção mais apurada dos diversos fatores envolvidos nesse tipo de atividade e conseqüentemente o desejo de me preparar para assumir essa responsabilidade. À medida que você começa a refletir sobre essa atividade, seja de uma forma geral ou sobre a sua prática propriamente dita, sobre as forças que perpassam a configuração de uma programação, sobre os agenciamentos possíveis a partir de uma proposta dada e conformada, sobre os contextos de inserção de uma proposta, sobre as negociações/relações entre diferentes contextos de produção cultural, entre outros elementos, você está refletindo também sobre parâmetros para fundamentar suas escolhas. Esse é um processo contínuo. Acredito que a junção de minha formação prévia como bailarino e professor, a experiência como coordenador no Colégio de Dança e no Centro Dragão do Mar, associada às reflexões e experiências advindas da prática de programador, são fatores que hoje me oferecem uma plataforma de referências para atuar nessa função.⁴⁶

Tendo em mente essa reflexão, a concepção de curadoria de eventos culturais construída ao final da Seção II e as características da sétima edição da Bienal Internacional de

⁴⁴ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem

Dança do Ceará acima apresentadas, surgem os seguintes questionamentos: a Bienal tem uma curadoria efetiva? Quais as características dessa curadoria?

Para tentarmos responder a estas questões, é preciso inicialmente conhecermos a composição da Comissão Organizadora da última edição (2009) no que se refere à direção e curadoria, não só da Bienal, como também dos outros três eventos que formam o Circuito Brasileiro de Festivais Internacionais de Dança:

- Bienal Internacional de Dança do Ceará⁴⁷:
 - **Direção Geral:** David Linhares;
 - **Direção Artística:** Ernesto Gadelha;
 - **Direção Pedagógica:** Andréa Bardawil;
 - **Direção Local, Nova Cena e Interior:** Cláudia Pires;
 - **Curadoria Internacional, Nacional e Interior:** David Linhares e Ernesto Gadelha;
 - **Curadoria Nova Cena:** David Linhares, Ernesto Gadelha e Cláudia Pires;
 - **Curadoria Local:** Airton Tomazzoni.

- Festival Internacional de Dança do Recife⁴⁸:
 - **Direção Geral:** Arnaldo Siqueira
 - **Curadoria:** Sandra Meyer

- Festival Panorama de Dança do Rio de Janeiro⁴⁹:
 - **Direção Geral e Curadores:** Eduardo Bonito e Nayse Lopez.

- Fórum Internacional de Dança (MG)⁵⁰:
 - **Idealização e Realização:** Atômica Artes e Joaquina Cultura;
 - **Direção Artística e Curadoria:** Adriana Banana.

Conforme podemos observar, a Bienal do Ceará apresenta subdivisões tanto na direção quanto na curadoria. Ao ser perguntado sobre a diferença entre a atividade de direção da de curadoria na Bienal, Ernesto Gadelha afirma que “essa divisão entre curadoria e direção

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.bienaldedanca.com/2009/organizacao.html>>. Acesso em: 6 mai. 2010.

⁴⁸ Informações cedidas por Sandra Meyer. (N.T)

⁴⁹ Disponível em: <<http://panoramafestival.com/?p=2811>>. Acesso em: 6 mai. 2010.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.fid.com.br/ficha-tecnica.html>>. Acesso em: 6 mai. 2010.

artística é algo pouco habitual em festivais de dança e que a Bienal talvez seja um caso meio particular”⁵¹. Em outra questão, ele reafirma essa ideia, dizendo temer que “a Bienal, pela dissociação entre essas duas funções – programação (direção artística) e curadoria – não seja o quadro ideal para definir/pensar um caso clássico de curadoria”⁵², como aparentemente⁵³ parece ser o caso do Festival Panorama de Dança do Rio de Janeiro e do Fórum Internacional de Dança (MG). Quanto à direção artística, ele ainda afirma:

No caso da Bienal de Dança, essa figura do “diretor artístico” me parece ter, de fato, adquirido importância em suas três últimas edições - 2007, 2008 (Bienal de Par em Par) e 2009. Até então, as principais decisões relativas às opções artísticas do evento eram tomadas pelos curadores internacionais. À medida que as curadorias, em vários níveis, foram sendo estabelecidas e que as atividades formativas foram ganhando peso, sentiu-se necessidade de uma “direção artística” de fato, assim como de uma direção pedagógica. Assim, **a direção artística, além de assumir uma função curatorial, passou também a definir de forma mais ampla os rumos temáticos da Bienal, estabelecendo algumas referências para a curadoria.**⁵⁴

Também David Linhares afirma que “a curadoria nunca esteve desvinculada do trabalho de direção”. Com isso, podemos dizer que efetivamente a Bienal apresenta atualmente um *eixo curatorial*, em que “a responsabilidade da curadoria é dividida em vários por ‘âmbitos’”⁵⁵ (internacional, nacional, local, interior e Nova Cena), como explica Ernesto Gadelha:

As “múltiplas curadorias” da Bienal surgiram como uma estratégia de descentralização das decisões sobre quem participaria ou não da mostra artística. Na verdade, sempre houve uma cobrança muito grande sobre a direção da Bienal, por parte dos artistas locais, com relação à inclusão de seus trabalhos na programação. Distribuindo as decisões entre diversas curadorias – direcionadas respectivamente a trabalhos locais, nacionais, internacionais, além da mostra de “nova cena”, ficou um pouco mais fácil se aliviar a pressão sobre a direção e legitimar as decisões.⁵⁶

⁵¹ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

⁵² Idem.

⁵³ Não podemos afirmar que efetivamente os eventos citados sejam casos clássicos de curadoria apenas a partir da disposição dos cargos na ficha técnica do evento.

⁵⁴ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

Com isso, podemos concluir que, no caso da Bienal de Dança, as “múltiplas curadorias” ficam responsáveis por uma das funções curatoriais que é a seleção dos grupos e dos trabalhos, “que, por sua vez, preferencialmente, deve estar afinada com a proposta da direção artística”⁵⁷. Para tanto, devem “conhecer bem essa proposta, além dos contextos de onde estão vindo as obras e, sobretudo, o contexto local. Na verdade, [...] [elas têm], ainda, de forma parcial, a função de dar forma àquilo que foi pensado pela direção artística”⁵⁸. Esta, por essa razão, acumular as funções curatoriais restantes, passando a ser pensada como aquela que define as diretrizes artísticas do evento.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme podemos observar ao longo desta monografia, é pertinente, na citação de vários autores, o fato de *curadoria* ser atualmente um conceito bastante amplo, em constante transformação, com grande tendência a migração e utilizado em variados contextos, como é o caso da dança. Diante deste fato, percebemos então que a nomenclatura curador é abrangente o suficiente para ser utilizada dentro de um evento cultural.

Conforme verificamos, ao final da Seção II, as funções do diretor são bastante similares as de um curador. Portanto, um curador de eventos culturais, além de principalmente ser o responsável pela idealização, criação e configuração da proposta conceitual do evento cultural a partir de uma observação da realidade atual – priorizando principalmente o diálogo com a realidade local, ele deve ter as seguintes habilidades, atitudes e competências de um curador de eventos culturais:

- **Habilidades:** ser capaz de viabilizar a estrutura do evento, supervisionar e avaliar o evento, aguçar uma reflexão sobre arte;
- **Atitudes:** ter um papel percutante no evento; estar sempre atento às tendências da contemporaneidade; ter uma visão crítica apurada; ter experiência na área em que está fazendo a curadoria; ser um mediador da arte; e
- **Competências:** conhecer a história da arte com a qual está trabalhando; pensar a interdisciplinaridade da arte / sua relação com outras mídias; dentre outras.

Diante destas características, podemos dizer que, para se utilizar da denominação de curador, o profissional normalmente deve ser o diretor artístico do evento cultural. Entretanto, devemos ter em mente que a divisão de tarefas – ou ainda, a formação de “*curadorias mistas* ou *eixo curatorial*” (GONÇALVES, 2005, p.45) – não desqualifica a nomeação de seus membros como curadores desde que realizem alguma atividade curatorial, como as apresentadas ao final da Seção II.

Com isso, podemos concluir que a direção artística da Bienal acumula as funções curatoriais, juntamente com a direção geral, enquanto as curadorias a auxiliam na função de seleção dos grupos e dos trabalhos, “que, por sua vez, preferencialmente, deve estar afinada

com a proposta da direção artística”⁵⁹, conforme David Linhares, diretor geral e curador da Bienal, a curadoria é feita no festival como um todo. A linha curatorial é respeitada nos espetáculos, nas palestras, nas residências, nos workshops, no material de divulgação etc. “Fomentar a criação, promover o intercâmbio, facilitar a circulação de ideias, respeitando a diversidade, esta é a minha maior preocupação como curador”⁶⁰.

Diante desse cenário e objetivando um contínuo aperfeiçoamento da curadoria da Bienal, apontamos abaixo alguns aspectos da campanha publicitária que precisam melhorar no que se refere ao atual trabalho realizado pela comissão organizadora do evento:

- **Identidade visual:** composta por elementos visuais - a exemplo de ilustrações, fotos, cores, VDA's, entre outros, a identidade de uma campanha deve expressar o conceito desta com clareza, já que se trata da primeira via de contato do público com a proposta temática do evento. Esta clareza, entretanto, não se mostrou efetiva na identidade visual da VII Bienal, causando possivelmente estranhamento e gerando consequentemente desinteresse do público;
- **Conceito:** sendo um dos objetivos da Bienal a formação de público, o conceito da campanha precisa ser mais claro e atrativo nas mídias que abrem espaço para explicações mais detalhadas da temática que se propõe, a exemplo do *hotsite*; e
- **Catálogo:** por se tratar de uma peça publicitária que traz informações pertinentes a respeito da proposta e de toda a programação do evento, esta deve prioritariamente estar disponível com bastante antecedência e ser de fácil acesso ao público, o que não ocorreu na VII Bienal.

Enfim, objetivando dar apenas uma contribuição inicial aos estudos sobre curadoria de eventos culturais, este trabalho apresenta vacâncias teórico-metodológicas que podem ser tema para o desenvolvimento de possíveis pesquisas futuras, como: Como este tipo de curadoria está presente e se desenvolve no Brasil e no mundo? Quando foi a primeira vez que foi utilizado o termo curador ou curadoria de eventos culturais? Quais as diferenças de curadoria entre as diversas linguagens artísticas (dança, artes visuais e plásticas, literatura, cinema, teatro, música)? Quais os benefícios de se ter uma curadoria de eventos culturais? Afinal, incontestavelmente os eventos são um dos maiores e melhores veículos de

⁵⁹ Entrevista com Ernesto Gadelha no dia 17 de maio de 2010.

⁶⁰ Entrevista com David Linhares no dia 11 de maio de 2010.

comunicação, do desenvolvimento nacional, cultural e da infra-estrutura turística, da geração de empregos diretos e terceirizados, do fomento da economia e de negócios.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, F.; CANHÊTE, P.L. **As Bienais de São Paulo: da era do museu à era dos curadores (1951-2001)**. São Paulo: Boitempo, 2004. p.11-18;158-230.

ANDRADE, Renato Brenol. **Manual de Eventos**. 2.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2002 (Coleção Hotelaria).

ARRAIS, Joubert. **Fendafor dá um passo bem atrás**. Caderno Vida & Arte, do Jornal O POVO (CE). Fortaleza, 27 jun. 2007. Disponível em: <<http://opovo.uol.com.br/opovo/vidaearte/707313.html>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

_____. **No nordeste (ainda) é assim?** Caderno Vida & Arte, do Jornal O POVO (CE). Fortaleza, 20 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/opovo/vidaearte/902835.html>>. Acesso em: 16 mai. 2010.

AZZI, Francesca. **Quero ser um curador?!** Postagem de: 22 ago. 2007. Blog INDIE.09. Disponível em: <<http://blogindie.blogspot.com/2007/08/quero-ser-um-curador-quando-fazemos-um.html>>. Acesso em: 29 nov. 2009.

BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ. <http://www.bienaldedanca.com>. Acesso em: 26 nov. 2009.

BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DO CEARÁ. <http://www.bienaldolivro.ce.gov.br>. Acesso em: 6 mai. 2010.

BITTENCOURT, José Neves. Mediação, curadoria, museu: uma introdução em torno de definições, intenções e atores. In: JULIÃO, Letícia (Coord.); BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus.

BRITTO, Janaína; FONTES, Nena. **Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002 (Série Turismo).

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de curadoria: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In: JULIÃO, Letícia (Coord.); BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus.

CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. Processos educativos: de ações esparsas à curadoria. In: JULIÃO, Letícia (Coord.); BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus.

CARTON, Antônia Marisa. **Eventos: ferramenta de sustentação para as organizações do terceiro setor.** São Paulo: Rocca, 2002.

CESCA, Cleuza Gertrude Gimenes. **Organização de eventos: manual para planejamento e execução.** São Paulo: Summus, 1997.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

COSTA, Bruno Valverde. **Os Agentes de Marketing Cultural.** Postagem de: 4 fev. 2009. Blog MarketingFaculty.com. Disponível em: <<http://marketingfaculty.blogspot.com/search/label/Marketing%20Cultural>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Estela dos Santos Abreu (Trad.). 2.reimpressão. Editora Contraponto.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. <http://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 29 nov. 2009.

FELICE, Mariana de. **Televisão: janela e cárcere da mulher pós-moderna.** Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação. Ano 2 - Edição 4. Junho-Agosto de 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/anagrama/Felice_mulher.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2009.

FERNANDES, Fernanda. **Perspectivas de Trabalho para o Profissional de Eventos.** Revista Turismo, Jun/2004. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/prof-eventos.html>>. Acesso em: 29 nov. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. **Novo Dicionário Aurélio Eletrônico 6.0.** Versão disponível no programa Babylon 8. Acesso em: 14 mai. 2010.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO RECIFE. <http://www.dancarecife.blogspot.com>. Acesso em: 26 nov. 2009.

FESTIVAL PANORAMA. <http://panoramafestival.com>. Acesso em: 26 nov. 2009.

FÓRUM INTERNACIONAL DE DANÇA. <http://www.fid.com.br>. Acesso em: 26 nov. 2009.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GADELHA, Rosa Cristina Primo. **A Dança Possível: as ligações do corpo numa cena.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

_____. **Ligações da dança contemporânea nas sociedades de controle.** In PEREIRA, Roberto (Org.). Lições de Dança 5. Rio de Janeiro: univerCidade Ed., 2005. p.107-122.

GIACAGLIA, Maria Cecília. **Organização de eventos: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GONÇALVES, Andrea Maia Monteiro. **A Curadoria de exposição em Museus de Arte Moderna e Contemporânea**. Monografia. Rio de Janeiro: Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GONÇALVES, Carmem Lúcia Alves. **Organização de Eventos com Arte e Profissionalismo**. Fortaleza: SEBRAE/CE, 1998.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias: o museu e a exposição de arte do século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP)/Fapesp, 2004.

HOUAISS, Antonio (Ed.). **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa**.

KATZ, Helena Tania. **O corpo como mídia de seu tempo**. São Paulo: 2003. Disponível em: <http://www.wagnerschwartz.com/corpo_como_midia.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2010.

LOUPPE, Laurence. **Corpos Híbridos**. In: PEREIRA, Roberto (Org.). **Lições de dança 2**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000.

LUPETTI, Marcélia. **Administração em Publicidade: a verdadeira alma do negócio**. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009. P.53-86.

MATIAS, Marlene. **Organização de Eventos: procedimentos e técnicas**. Barueri: Manole, 2001.

MENDES, Miriam Garcia. **A dança**. Série Princípios. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999.

MEYER, Sandra. **Dança-teatro-performance. A indisciplina em questão**. In: CURSO DE EXTENSÃO DANÇA E PENSAMENTO. Módulo Dança e Teatro (12 a 17 mai. 2008). Fortaleza: Escola de Dança da Vila das Artes/Fundação de Cultura, Esporte e Turismo (Funcet), parceria Universidade Federal do Ceará (UFC), 2008.

NETO, Francisco Paulo de Melo. **Marketing de eventos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

OSORIO, Luiz Camillo. **Razões da crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

REVISTA OLHAR CE. Fortaleza: Bienal Internacional de Dança do Ceará, 2008-. Ano I, v.1.

RODRIGO, Jonas. **Estudo de Caso: fundamentação teórica**. Brasília: Vestcom, 2008. Disponível em: <<http://www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2009.

SANTOS, Priscilla. **Dança contemporânea: o primeiro passo**. Postagem de: 31 ago. 2007. Blog Daniel Caixão * SOM DA LUZ *. Disponível em: <<http://danielcaixao.multiply.com/journal/item/344>>. Acesso em: 14 mai. 2010.

SCHEINER, Tereza Cristina. O museu como processo. In: JULIÃO, Letícia (Coord.); BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em**

museus: curadorias, exposições e ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3.ed. revisada e atualizada. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2009.

SOARES, Joelma. **Texto 02: Conceituação e classificação dos eventos.** (Apontamento de aula da disciplina Organização de eventos).

SOUSA, Cínara Barbosa de. **Curadoria em galerias virtuais: para uma exposição fotográfica.** Brasília: UnB, 2007. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=32143084>>. Acesso em: 19 nov. 2009.

TEIXEIRA, Coelho. **O que é ação cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos).

WEISZFLOG, Walter. **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Versão disponível no programa Babylon 8.

WIKIPÉDIA: A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Caso estudo.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_estudo>. Acesso em: 29 nov. 2009.

YIN, R. K. **Estudo de caso.** Porto Alegre: Bookman-Artmed, 2001.

APÊNDICES

APÊNCICE A - Entrevistas

Entrevista n°01

* **Data da entrevista:** 11 de maio de 2010

* **Dados do entrevistado:**

- Nome completo: David Bessa Linhares
- Local e data de nascimento: Fortaleza, 21 de julho de 1961
- Formação: DEA em Sorbonne Paris VII Jussieu, que equivale ao mestrado em letras e linguística no Brasil com equivalência reconhecida pelo mestrado da UFC / doutorado em Linguística - Fonética experimental em Sorbonne Paris VII Jussieu
- Atuação profissional/Cargo (atual): Diretor da Bienal Internacional de Dança do Ceará

* **Questionário:**

1) Há quanto tempo atua em áreas ligadas à cultura e à dança? Explique.

Aos 18 anos, trabalhei em Brasília no ENSAIO TEATRO E DANÇA como bailarino da Cia. Asas e Eixos, dirigida pelo coreógrafo Ademar Dornelles (Ballet Stagium). Ao mesmo tempo, trabalhava com Maura Baiochi, Mayara Fagundes e Sergio Ulhoa e com o diretor de teatro Ary Pararaio. Em uma viagem de trabalho para Curitiba, onde nos apresentávamos no teatro Guaira, sofri um acidente e fracturei meu braço esquerdo. Após quase três anos de cirurgias, enxerto ósseo, desisti da profissão de ator-bailarino por achar que não tínhamos nenhum apoio em caso de acidentes no trabalho naquela época. Fui morar em Paris em 1985 e comecei a estudar Francês.

Ao retornar em 1990 para Fortaleza, fui ensinar na Aliança Francesa, enquanto fazia minha graduação em Letras na UECE. No final do primeiro ano da Aliança Francesa (1991), fui convidado pela direção para assumir o cargo de produtor cultural, ao mesmo tempo, que o de professor. Durante nove anos, eu trouxe para o Ceará nomes como Mano Negra (Mano Chao), Jorge Amado na “semana Amado”, Zélia Gattai, Paloma Amado, além de grupos de

música, teatro, dança e artes plásticas da França. Em 1997, criei, a pedido do então secretário da Cultura Paulo Linhares, a Bienal Internacional de Dança do Ceará.

2) Qual sua trajetória/atuação na Bienal Internacional de Dança do Ceará?

Sempre ocupei o cargo de diretor, mas a Bienal sempre foi pensada por várias pessoas ligadas à dança no Ceará, como Jimena Marques, Oziel Gomes, Flávio Sampaio, Ernesto Gadelha, Andréa Bardawil, Rosa Primo, Cláudia Pires. Sonhávamos e lutávamos para que a dança no Ceará chegasse ao patamar que hoje ela ocupa, à nível de formação, política e estética.

Na primeira edição, ainda trabalhamos com o balé clássico. A partir da segunda edição, achamos mais coerente trabalharmos com a dança contemporânea, já que já haviam vários núcleos de clássico no Estado e também por eu achar que o Ceará não poderia deixar de estar neste movimento contemporâneo das artes que, eu observava, já estava a amadurecer na França e que trazia consigo uma reflexão acerca das outras danças que praticávamos e que estavam desaparecendo ou não eram reconhecidas, como as danças populares, danças de rua (Hip Hop, break, etc).

Sempre participei da curadoria. Fazíamos isso informalmente, pensávamos o que seria importante naquele momento para o Ceará, de conhecer, de se formar, não somente na forma de trabalhar o corpo, de criar, mas também atentos a formar iluminadores, técnicos, figurinistas, cenaristas, *videomakers*, trilha sonora, jornalistas, críticos, pensadores na área de dança. Íamos procurar o que sentíamos que estávamos necessitando para desenvolver um trabalho sério, de qualidade e de continuidade.

3) Diferencie a atividade de direção da de curadoria na Bienal.

Como disse anteriormente, para mim, a curadoria nunca esteve desvinculada do trabalho de direção. Não acredito que tenha feito nada sozinho, e nenhum destes dois cargos estão desvinculados. O Ernesto Gadelha, a Rosa Primo, a Andréa Bardawil, o Flávio Sampaio, a Cláudia Pires, a Jimena Marques, nas primeiras edições, sempre dividiram comigo estas responsabilidades e agora, mais do que nunca, os artistas locais.

Temos um grupo de pessoas ligadas à dança que pensam e decidem o que fazemos. Estes são os articuladores da Bienal (Valéria Pinheiro, Silvia Moura, Graça Martins, Thaís Gonçalves, Isabel Botelho e outros que pensaram e pensam conosco nossas ações). Estas fronteiras entre cargos, estéticas, linguagens devemos apagá-las, e foi para isso que criamos a

Bienal de Par Em Par e o Encontro Terceira Margem – um espaço de pensamento, de criação que invade e convida para o diálogo.

Queremos estar abertos a novas formas de pensar as relações entre as diversas regiões do planeta, aproximando e transformando realidades sociais, econômicas e culturais. O principal interesse da Bienal é consolidar-se como uma ação estratégica para o desenvolvimento da dança cearense e para a democratização do acesso à cultura, sempre conectada com a produção nacional e internacional de dança contemporânea.

4) Como ocorreu sua trajetória para unir sua formação com o cargo de curador da Bienal?

Acho que tudo isso já foi dito anteriormente, meu trabalho como bailarino, ator, produtor cultural e por ter tido a oportunidade de acompanhar de perto o que estava sendo feito no Brasil e no exterior.

5) Comente sobre os aspectos que considera importantes para os cargos exercidos atualmente na Bienal.

Como diretor, acho que o mais importante é a humildade. Não fazemos um evento deste porte sozinhos. Acredito nas relações, desde as direções artísticas, de formação, executiva, passando pela técnica, motoristas até o bilheteiro. Trabalhamos todos juntos desde o momento da criação da Bienal até hoje. Toda esta equipe está junta desde 1997. Acho que temos duas ou três pessoas que não estão mais conosco porque estão fazendo outras coisas, mas produtores, diretores, técnicos, assistentes de produção, estão conosco desde o começo.

A curadoria foi feita pelos nomes que citei acima, alguns, em alguns momentos, estiveram afastados por razões particulares, mas, sobretudo agora, estamos todos juntos novamente. Tivemos convidados de outros estados como o Roberto Pereira, o Marcos Moraes e o Airton Tomazzoni que nos ajudaram. Para este ano, temos o Gustavo Ciríaco e o Alexandre Veras no Encontro Terceira Margem.

6) O que você entende por curadoria?

A curadoria é um processo de criação como as obras que apresentamos. O conjunto de obras que apresentamos é esta criação coletiva chamado de festival. O curador tem que priorizar o diálogo com a realidade local. É uma tentativa permanente de estabelecer caminhos que apontem para a solução de problemas no segmento da dança.

Curadoria não é somente dos espetáculos que apresentamos, mas do festival como um todo. Espetáculos, palestras, residências, workshops, material de divulgação, tudo tem que respeitar a linha curatorial, temática daquele ano do festival. É preciso que todo o conjunto de atividades esteja interligado e se retroalimente. Fomentar a criação, promover o intercâmbio, facilitar a circulação de ideias, respeitando a diversidade, esta é a minha maior preocupação como curador. Não podemos confundir curadoria de mostras ou festivais competitivos com a curadoria feita na Bienal.

7) Qual a diferença entre essas curadorias citadas acima?

A curadoria de festivais e mostras competitivas não possui um olhar atento às questões que envolvem a cidade onde esses eventos acontecem. Trata-se de um olhar desvinculado dos aspectos políticos, sociais e culturais que permeiam esse espaço e suas relações com a dança. Um olhar que tem como fim a quantidade. Ele julga exclusivamente o aspecto técnico da dança - e este em sua abordagem mais superficial; talvez o lado mais distante dos aspectos estéticos agenciados em dança.

O curador de um evento competitivo de dança visualiza a quantidade de piruetas, o tamanho dos saltos, o virtuosismo dos grupos, o atletismo dos bailarinos, o caráter esportivo que infelizmente ainda está presente na dança - sobretudo alimentado pela existência desses próprios eventos competitivos em dança. O curador de um evento "esportivo" em dança vê o corpo do bailarino como instrumento, totalmente contrário à corporeidade dançante. Nessa visão, o bailarino é corpo. Ele não tem um corpo, como querem os "esportistas da dança". A exemplo do Fendafor e do Festival de Joinville.

8) O que você considera mais relevante no papel do curador para a Bienal?

A liberdade e o comprometimento com nossos artistas, técnicos, pensadores e logicamente o público.

9) Como se dá o processo de definição da temática de cada Bienal?

A cada ano, sentamos e discutimos o que é importante para a dança no Ceará naquele ano.

10) Como são definidos os patrocinadores, os apoiadores, as parcerias? Como ocorre o processo de seleção das parcerias com empresas privadas? Tem alguma relação com o

tema da edição, apenas com o conceito da Bienal como um todo ou só precisa querer apoiar sem relação com o movimento artístico?

Não sei se você conhece a realidade dos apoios financeiros a festivais no Brasil. Damos graças quando temos um que queira nos apoiar. Não nos damos ao luxo de escolher. Cada empresa privada que conquistamos é uma vitória a ser comemorada. No ano seguinte, terão um monte de eventos que, ao ver a logo da empresa na Bienal, entram na fila para conseguir apoio. Somos um dos poucos que temos um patrocínio permanente que é o da Petrobras. Todos os anos “rezamos” para que eles não parem de apoiar. Acho que isso não é somente no Brasil mais em todos os países do mundo.

Entrevista n°02

* **Data da entrevista:** 16 de maio de 2010

* **Dados da entrevistada:**

- Nome completo: Andréa Bardawil Campos
- Local e data de nascimento: Fortaleza, 15 de outubro de 1970
- Formação: superior incompleto (Pedagogia e Filosofia)
- Atuação profissional/Cargo (atual): coordenadora pedagógica da Bienal Internacional de Dança do Ceará e do Curso Técnico em Dança (IACC/SECULT/SENAC)

* **Questionário:**

1) Há quanto tempo atua em áreas ligadas à cultura e à dança? Explique.

Danço desde os quatro ou cinco anos de idade. Comecei a dar aulas com 15 anos. Sempre atuei nessa área. A Cia. que dirijo – Cia. da Arte Andanças – já existe há 19 anos. O Alpendre – ONG na qual atuo, com artistas de outras linguagens – existe há 10 anos.

2) Qual sua trajetória/atuação na Bienal Internacional de Dança do Ceará?

Na primeira Bienal (1997), participei com minha Cia., como convidada, apresentando o espetáculo *Conte lá, que eu danço cá*. Na segunda (1999), já estava envolvida na organização. De lá para cá, minhas funções variaram entre curadoria (local ou nacional) e coordenação pedagógica.

3) Como ocorreu sua trajetória para unir sua formação com o cargo atual da Bienal?

Sempre dei aulas, portanto minha trajetória se cruzou naturalmente com várias ações na área de formação. Gosto da educação (fiz Pedagogia), me sinto mobilizada pelas questões pertinentes a isso e acho rico pensá-las em relação aos processos criativos. Exercitei a função de coordenação pedagógica também em outras instâncias (Curso Técnico em Dança, Centro Cultural Bom Jardim, Alpendre). Por causa dessa trajetória, David Linhares me convidou para a função na Bienal.

4) Comente sobre os aspectos que considera importante para o cargo exercido atualmente na Bienal.

Entendo que essa função também é fundamentalmente de articulação, estamos sempre agregando diferentes atores do processo em torno de uma idéia. Essa é uma parte difícil do trabalho, pois exige paciência e tolerância, mas também é muito prazeroso colher os frutos. Na Bienal, outro aspecto importante é investir na continuidade das ações. Elas não podem ser pensadas anualmente de forma desligada do que aconteceu no ano anterior, e nem muito menos desconectadas de outras ações que acontecem na cidade. Entendemos que é sempre a oportunidade de potencializar as ações, por isso a importância da continuidade e da consistência das proposições. Esse é um posicionamento político, que não nos eximimos de assumir. Isso é contribuir para as políticas públicas em dança, no Ceará e no Brasil.

5) Como se dá o processo de definição da temática de cada Bienal?

Partimos sempre do que nos intriga e nos mobiliza, tanto no contexto urbano quanto no contexto artístico contemporâneo. O tema é algo sobre o que gostaríamos de falar, conversar, fazer problema. Às vezes o que se consolida é uma questão nascida no ano anterior, a partir das conversas e debates.

6) Explique o motivo pelo qual foi escolhido o conceito “Poéticas e políticas” para a VII Bienal.

O tema foi proposto por Ernesto Gadelha, diretor artístico da Bienal, para tentar evidenciar um pouco a relação entre processos criativos e modos de existência. A ideia era ampliar a discussão em torno de artistas independentes, suas formas de viver e produzir, as dificuldades e as condições de possibilidade, os investimentos (financeiros e afetivos) ali

empregados. E ao mesmo tempo cruzar essas questões com os processos de mobilização política que estamos – ou não estamos – envolvidos. Pelo que precisamos lutar?

7) Os critérios utilizados para seleção dos trabalhos estão de acordo com o tema da VII Bienal? Explique.

Não participei da seleção dos trabalhos, mas acredito que sim. As escolhas foram coerentes. Uma curadoria é sempre um recorte possível, que é delimitado não só pelo tema proposto, mas por uma série de outras variáveis, como a disponibilidade de recursos, por exemplo. Acho que a programação garantiu a diversidade com ótima qualidade, e isso é fundamental na atividade curatorial.

8) Você considera que as peças publicitárias da campanha da sétima edição transmitem com clareza o conceito da Bienal? Explique.

Sempre pensamos que as peças publicitárias podem ser melhores a cada ano, mas acredito que, na sétima Bienal, as peças atendem ao critério da clareza, sim, com imagens fortes e intrigantes. É sempre uma programação muito grande, o que às vezes dificulta o manuseio dos programas, mas, no geral, acredito que as peças atendem a seu propósito.

Entrevista n°03

* **Data da entrevista:** 17 de maio de 2010

* **Dados do entrevistado:**

- Nome completo: Ernesto de Sousa Gadelha Costa
- Local e data de nascimento: Fortaleza, 1° de julho de 1962
- Formação: Pedagogo em Dança (Instituto de Dança Cênica de Colônia / Escola Superior de Música de Colônia / Alemanha). Pós-graduado em Dança Contemporânea na Escola Superior Folkwang (Essen / Alemanha)
- Atuação profissional/Cargo (atual): Professor de dança, programador/curador de festivais de dança, gestor na área de dança. Atualmente coordeno a Escola Pública de Dança da Vila das Artes e ministro aulas de dança clássica em algumas escolas privadas de Fortaleza

*** Questionário:**

1) Há quanto tempo atua em áreas ligadas à cultura e à dança? Explique.

Comecei minha formação em dança em 1983 e, desde então, atuo nesse campo. De 1987 a 1992, atuei em companhias profissionais no Brasil, Holanda e Alemanha. De 1992 a 1994, fiz minha formação como pedagogo de dança e desde então trabalho regularmente como professor de dança clássica. No meu currículo, segue mais detalhes:

- Ernesto Gadelha estudou dança em Fortaleza e São Paulo, de 1983 a 1986, vindo a atuar como bailarino profissional em companhias e grupos de dança do Brasil, Holanda e Alemanha, de 1987 a 1995.
- Em 1994 formou-se em pedagogia da dança pelo Instituto de Dança Cênica / Escola Superior de Música de Colônia (Institut für Bühnentanz / Musikhochschule zur Köln), em Colônia, na Alemanha, realizando em seguida, de 1994 a 1996, estudos complementares de pós-graduação em Dança Contemporânea na Escola Superior Folkwang (Folkwang Hochschule), em Essen, na Alemanha.
- Ministrou aulas em diferentes países, para diversas companhias, teatros, estúdios e projetos de dança, entre os quais: Mind the Gap, Kölner Tanz Agentur, Folkwang Tanzstudio, Städtische Bühnen Münster, Bremer Theater (Alemanha); Kibbutz Contemporary Dance Company (Israel); Taller Nacional de Danza e Compañia Danza Universitaria (Costa Rica), Edisca, Balé Lina Penteadó, Colégio de Dança do Ceará, Curso Sequencial de Dança da Faculdade Gama Filho, Curso de Habilitação Profissional de Técnico em Dança (Fortaleza).
- Exerceu as funções de professor, assistente artístico e diretor do Colégio de Dança do Ceará (1999-2002). De 1999 a 2005, foi curador da Bienal de Dança do Ceará.
- Foi responsável pela concepção e coordenação artística e pedagógica da primeira edição do Festival de Dança Litoral Oeste (2006).
- De 2003 a 2007, esteve à frente do Núcleo de Dança do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, coordenando as ações de programação artística e formação da área, além de, nesse mesmo período, realizar assessoria técnica na referida área junto à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- Assumiu a curadoria do Festival de Dança do Recife nas edições de 2006 e 2007.

- De junho a dezembro de 2007, esteve à frente da implantação da Escola Pública de Dança da Vila das Artes, coordenando a implementação de seus diversos programas formativos.
- De 2005 a 2007, foi membro da Câmara Setorial de Dança (FIUNARTE – MINC).
- De janeiro a dezembro de 2008, esteve em Paris, realizando cursos livres em algumas instituições, como no Centre National de la Danse e na Ménagerie des Verres, entre outros.
- Em 2009, foi responsável pela direção artística da Bienal Internacional de Dança do Ceará e pela coordenação artístico-pedagógica do III Festival de Dança Litoral Oeste (CE).
- Atualmente é coordenador da Escola de Dança da Vila das Artes, além de ministrar aulas de dança em várias escolas de Fortaleza.

2) Qual sua trajetória/atuação na Bienal Internacional de Dança do Ceará?

Compartilhei a curadoria, juntamente com David Linhares, das edições de 1999, 2001, 2003, 2005 e 2009. Em todas essas edições, fiz a curadoria dos trabalhos internacionais. Em umas duas ou três edições, compartilhei também a curadoria dos trabalhos nacionais com Andréa Bardawil. Em 2009, assumi a direção artística da Bienal.

3) Diferencie a atividade de direção da de curadoria na Bienal.

Primeiro, é preciso explicar que essa divisão entre curadoria e direção artística é algo pouco habitual em festivais de dança e que a Bienal talvez seja um caso meio particular. Na França, por exemplo, a pessoa que define/desenha a programação artística de um festival é chamada de “programmateur” (programador), e, em geral, esse profissional acumula as funções de direção artística – que define as diretrizes e prioridades artísticas do evento – e de escolha dos artistas, espetáculos etc. que vão fazer parte da programação. Naturalmente, essa pessoa pode se servir do auxílio de outros profissionais para a concepção e realização de outros programas que fazem parte do evento, sobretudo quando estes têm grandes dimensões.

Em Recife, por exemplo, até 2005, havia uma comissão local que fazia a curadoria do Festival. Desde 2006, optou-se por uma curadoria única. Os curadores, que devem ser de outros estados, passaram a ser convidados por um coordenador geral do evento (que é

organizado pela Prefeitura), ligado à gestão municipal. Isso foi feito dessa forma com o intuito de se garantir certa autonomia e imparcialidade na definição da programação.

No caso da Bienal de Dança, essa figura do “diretor artístico” me parece ter, de fato, adquirido importância em suas três últimas edições - 2007, 2008 (Bienal de Par em Par) e 2009. Até então, as principais decisões relativas às opções artísticas do evento eram tomadas pelos curadores internacionais. À medida que as curadorias, em vários níveis, foram sendo estabelecidas e que as atividades formativas foram ganhando peso, sentiu-se necessidade de uma “direção artística” de fato, assim como de uma direção pedagógica.

Assim, a direção artística, além de assumir uma função curatorial, passou também a definir de forma mais ampla os rumos temáticos da Bienal, estabelecendo algumas referências para a curadoria.

As “múltiplas curadorias” da Bienal surgiram como uma estratégia de descentralização das decisões sobre quem participaria ou não da mostra artística. Na verdade, sempre houve uma cobrança muito grande sobre a direção da Bienal, por parte dos artistas locais, com relação à inclusão de seus trabalhos na programação. Distribuindo as decisões entre diversas curadorias – direcionadas respectivamente a trabalhos locais, nacionais, internacionais, além da mostra de “nova cena”, ficou um pouco mais fácil se aliviar a pressão sobre a direção e legitimar as decisões. Aliás, o fato de a Bienal ser uma iniciativa privada, financiada em boa parte com recursos públicos, sempre foi motivo de certa confusão na percepção acerca da natureza desse evento.

4) Como ocorreu sua trajetória para unir sua formação com o cargo de curador da Bienal?

Primeiro é importante contextualizar esse processo. Voltei ao Ceará em 1998, num momento de certa efervescência no meio da dança. A Bienal acabava de ser criada, em 1997, e o Colégio de Dança estava em vias de implementação. O fato de ter uma carreira internacional como bailarino e professor, de conhecer razoavelmente um universo abrangente de produção da dança cênica internacional – da dança clássica à contemporânea, de ter feito, em algum momento, uma formação num centro referencial (a Folkwang Hochschule - Alemanha), de falar várias línguas, associado à carência de pessoas com uma qualificação mais ampla em dança aqui no Ceará, contribuíram para que me chamassem a atuar em ambos os projetos (Bienal e Colégio de Dança).

Apesar disso, e de estar presente na Bienal praticamente desde o princípio desse processo, não poderia dizer que, em minha formação prévia, me preparei de maneira formal para atuar como curador. Essa é a nossa realidade, como a de qualquer outro contexto de dança do país. Não existe formação específica para isso no Brasil, e imagino que, mesmo em outros lugares, será mais fácil encontrar especializações, ou coisa equivalente, do que formações propriamente ditas.

O que aconteceu, durante esses anos de atuação como curador, foi o desenvolvimento de uma percepção mais apurada dos diversos fatores envolvidos nesse tipo de atividade e consequentemente o desejo de me preparar para assumir essa responsabilidade. À medida que você começa a refletir sobre essa atividade, seja de uma forma geral ou sobre a sua prática propriamente dita, sobre as forças que perpassam a configuração de uma programação, sobre os agenciamentos possíveis a partir de uma proposta dada e conformada, sobre os contextos de inserção de uma proposta, sobre as negociações/relações entre diferentes contextos de produção cultural, entre outros elementos, você está refletindo também sobre parâmetros para fundamentar suas escolhas. Esse é um processo contínuo. Acredito que a junção de minha formação prévia como bailarino e professor, a experiência como coordenador no Colégio de Dança e no Centro Dragão do Mar, associada às reflexões e experiências advindas da prática de programador, são fatores que hoje me oferecem uma plataforma de referências para atuar nessa função.

5) Comente sobre os aspectos que considera importante para os cargos exercidos atualmente na Bienal.

Nesse momento, em 2010, não exerço cargo algum. Na função de diretor artístico, como a que exerci em 2009, você, em princípio, tem a responsabilidade de determinar as prioridades artísticas da Bienal. Os eixos e programas de atuação do projeto/evento serão configurados a partir dessas prioridades. Assim, para além de escolher os grupos que vão participar da programação, essa direção vai definir o foco da programação – caso haja uma centralidade específica, a forma das ações e intervenções que serão feitas para dar corpo às discussões propostas, a “maneira” como serão dados a ver os “produtos” da Bienal, os colaboradores que contribuirão para a consecução dos objetivos artísticos da Bienal, entre outras coisas. Com frequência, o diretor artístico será responsável pela conceituação e elaboração do projeto; pelos textos de apresentação; pelo primeiro contato com artistas,

coletivos, pesquisadores e demais envolvidos no projeto. Na Bienal, boa parte dessas atividades é compartilhada com o diretor geral, David Linhares.

Quanto ao curador, no caso da Bienal, ele está mais centrado na seleção dos grupos, que, por sua vez, preferencialmente, deve estar afinada com a proposta da direção artística. Por essa razão, é comum a direção artística acumular, em algum nível, também uma função curatorial. Na Bienal, como expliquei anteriormente, a responsabilidade da curadoria é dividida em vários por “âmbitos”.

6) O que você entende por curadoria?

O termo soa pedante, esnobe e pretensioso. Atualmente parece ter uma utilização genérica, para eventos de todo tipo: gastronômicos, acadêmicos, literários etc. Embora evite dizer que sou curador, frequentemente temos que lidar com o fato de que “estamos” curadores. Diferentemente do que acontece na Bienal, onde a função curatorial, dependendo do caso, pode se resumir a escolher um recorte de propostas dentro de um conjunto já dado, acho importante pensá-la como a função da “programação”, que é feita pelo “programador” (ou diretor artístico), que é aquele que determina na prática, também as diretrizes artísticas de um evento. Temo que a Bienal, pela dissociação entre essas duas funções – programação (direção artística) e curadoria – não seja o quadro ideal para definir/pensar um caso clássico de curadoria.

De todas as formas, a curadoria (que no meu caso, na Bienal de 2009, se confundiu com a direção artística), na forma como eu a entendo e tento pô-la em prática, é a concepção de um programa de atividades que darão forma e corpo, por meio de um evento/uma mostra artística, a um ou mais objetos de discussão/focos, tendo ainda como finalidade importante estabelecer e potencializar as vias de acesso e troca entre o público e as obras/discussões/ações apresentadas.

Nessa elaboração, algumas questões, entre outras, são sempre bem vindas, leia-se fundamentais. Algumas dessas questões foram enunciadas e discutidas em outro evento do qual participei, o “Outras Danças” – Salvador/2009:

- Hoje, em meio às forças e aos fluxos que atravessam os processos de negociação intercultural no mundo contemporâneo, considerando as desigualdades de condições que permeiam essas trocas e as tendências homogeneizantes da globalização, que agenciamentos estamos ajudando a gerar?

- Como, por meio da Bienal, podemos gerar movimentos de ressignificação na produção local, boas provocações, conexões, encontros profícuos, desejo de colaboração, oportunidades de formação e aperfeiçoamento, novos canais de diálogo etc.?
- Objeto e/ou projeto artístico, o que se nos propomos a compartilhar? Que estratégias utilizar para isso?
- Em que medida é possível evidenciar, para além do objeto artístico, os percursos e processos que deram origem às obras? Que estratégias traçar para, nos processos de difusão, tornar visível, para além do objeto artístico, o projeto/percurso artístico que fizeram as obras existirem?
- Em que condições uma obra pode significar e ser pertinente num contexto diferente daquele em ela foi concebida, produzida e difundida?
- Como levar em conta os lugares nos quais as obras estão sendo difundidas, sobretudo se estes forem contextos diferentes daquele de origem. Como considerar/articular contextos de difusão e caminhos de acesso a uma obra? Como desafiar o público, criar estranhamentos, sem afastá-lo do festival?
- Qual a percepção de nossos papéis – programadores – em meio a uma possível globalização da estética da dança contemporânea?
- Entre difusor de produtos/processos artísticos e figura ativa de um campo cultural, como devemos nos situar?
- O que poderia ser feito para tornar os processos de difusão mais condizentes com as expectativas dos artistas?

7) O que você considera mais relevante no papel do curador para a Bienal?

Considerando o curador como programador/diretor artístico, acho que talvez tenha te respondido na pergunta anterior. Se falarmos exclusivamente do curador da Bienal como aquele que apenas seleciona trabalhos, ele tem a responsabilidade de fazer dialogar suas escolhas com a proposta da direção artística. Para tanto, deve conhecer bem essa proposta, além dos contextos de onde estão vindo as obras e, sobretudo, o contexto local. Na verdade, ele tem, ainda, de forma parcial, a função de dar forma àquilo que foi pensado pela direção artística.

8) Como se dá o processo de definição da temática de cada Bienal?

Não existe uma metodologia ou procedimento padrão para isso. Existe sim um exercício constante de escuta com relação ao que está pulsando no campo da dança e das artes em geral, as forças que atravessam esses campos; o exercício de análise sobre a pertinência ou não de, por meio da Bienal, abordar/discutir em nosso contexto determinadas questões que atravessam e condicionam as práticas e processos da dança na atualidade.

É importante lembrar ainda que essas questões podem ser levantadas/recortadas a partir de uma leitura daquilo que se nos apresenta como conjunto de propostas artísticas. Explico-me: a Bienal recebe um grande número de propostas. A partir da análise desse conjunto de trabalhos, podemos identificar um ou outro traço que chama a atenção e que julgamos pertinente para uma discussão no contexto local.

9) Os critérios utilizados para seleção dos trabalhos estão de acordo com o tema da Bienal? Explique.

O tema “Poéticas e Políticas” ficou muito mais evidente nos debates e conversas realizados na Bienal do que nas apresentações das obras propriamente ditas. Contudo, os artistas que apresentaram seus trabalhos foram fundamentais para discutir essas questões nos encontros que realizamos nos dias seguintes aos espetáculos.

Os posicionamentos éticos, políticos e estéticos desses artistas estão implícitos e imbricados na configuração de seus trabalhos, ainda que o grau de consciência e clareza deles (os artistas) acerca disso seja diferenciado. É provável que essas implicações não tenham ficado evidentes para o grande público.

10) Explique o motivo pelo qual foi escolhido o conceito “Poéticas e políticas” para a VII Bienal.

Passei o ano de 2008 na França. Ao retornar a Fortaleza, no final desse mesmo ano, tive a forte sensação de que os artistas da dança aqui em Fortaleza viviam num certo estado de passividade e apatia em relação aos retrocessos políticos que vínhamos vivenciando no campo da cultura na atual gestão de governo. Várias coisas que havíamos conquistado a duras penas, no decorrer de alguns anos de luta, pareciam estar se perdendo sem muita reação. Achei então que dar um tom mais político às discussões da Bienal poderia ajudar a mobilizar um pouco mais as pessoas.

Constatamos, no conjunto de trabalhos que foram submetidos à apreciação da curadoria, obras de grupos que se organizavam de formas distintas, com diferentes motivações e manifestações artísticas. Buscamos então apresentar um recorte diversificado dessas formas de organização/manifestação, que nos desse a possibilidade de debater várias maneiras de habitar/produzir no campo da dança na atualidade, corporificando um panorama significativo da paisagem contemporânea de dança, sobretudo a dança produzida no Brasil. Outros fatores foram importantes na escolha dos trabalhos. Como escrito no texto de abertura do catálogo da Bienal, “No que pese a multiplicidade de formatos..., pode-se identificar um denominador comum: a presença de escrituras corporais potentes, a valorização de construções cênicas cujas arquiteturas fundam-se nas tensões, nos fluxos e afetos gerados com e no corpo.”

Em seguida, transcrevo o texto de apresentação do catálogo da Bienal, caso você o necessite.

Poéticas e Políticas

2009, a Bienal chega à sua sétima edição. São doze anos afirmando a dança no Ceará e resistindo em meio à profusão do efêmero. Nesse ínterim, os campos da cultura e das artes no Brasil redesenham-se por movimentos e embates contínuos, ávidos de novos possíveis. A dança, nesse contexto, traça caminhos múltiplos, reconfigurando-se em meio a fluxos de toda ordem. Formas outras de estar nesse campo atualizam-se incessantemente, revelando possibilidades não dadas *a priori*, mas construídas no pulsar de um tempo-espço novo, atravessado por afetos imanentes às novas formas do visível, do pensável e do possível.

São anos contundentes para a dança produzida no país. Nesse período, ela passa a apresentar uma multiplicidade de conformações em seus processos de criação, produção, manutenção, difusão, etc. Ecoando questões de diversas ordens – estéticas, sociais, políticas, econômicas, entre outras – novas éticas e poéticas parecem configurar-se, mesclar-se e fundir-se para tornarem-se fontes de atitudes e atos em meio à estruturação do campo da dança, apontando para formas outras de perceber, pensar, organizar, colaborar, criar, mobilizar, atuar enfim nesse campo. As ferramentas tecnológicas encurtando caminhos, viabilizando redes, facilitando agenciamentos.

Na interface com a política, os profissionais das artes e da cultura travam embates que em muito se assemelham a uma guerra de guerrilhas. Enquanto alguns desdobramentos artísticos significativos traçados pelas artes apontam para uma impossibilidade de retorno, as conquistas políticas parecem nunca estar asseguradas. Em todo o Brasil, casos de retrocesso político parecem multiplicar-se com facilidade inversamente proporcional à dificuldade com que os avanços foram conquistados.

Diante desse quadro, que estratégias artísticas, políticas, econômicas desenvolvem os artistas frente a uma possível nova ordem de organização do campo da dança? Como se situam, agrupam, articulam? De que modos colaboram, criam, circulam, sobrevivem criadores e intérpretes da dança hoje? Por que insistem e como subsistem as companhias independentes? Como ecoam as questões políticas e econômicas na conformação de propostas de trabalho, no formato e nas poéticas das criações artísticas? Da companhia ao projeto autoral, da colaboração pessoal aos coletivos artísticos, que motivações movem os artistas?

Pautada por essas perguntas, atenta aos contextos, perscrutando pistas, a Bienal inclui em sua programação trabalhos de profissionais que por muito tempo fizeram parte de companhias renomadas para então se lançarem em projetos autorais. Geralmente em colaboração com artistas – da dança ou de outras áreas – utilizando-se de estratégias variadas, por vezes atuando no âmbito de coletivos artísticos, esses criadores são cada vez mais numerosos e inscrevem novos modos de povoar o ambiente da dança. Apresenta ainda grupos e artistas independentes que, em meio à precariedade e instabilidade dos mecanismos de fomento, ao longo dos anos vêm resistindo e se afirmando na paisagem da dança nacional, gerando importantes referências de produção para a dança. Investe também em criações produzidas em outros países, tais como Argentina, Cabo Verde, Portugal, Alemanha e França, procurando apresentar a produção de grupos cujas estratégias de criação e subsistência, apesar das diferenças contextuais, são atravessadas por questões e circunstâncias análogas às que nos instigam nessa programação. Dirige ainda atenção especial à produção coreográfica feminina, com uma homenagem às criadoras que, ao longo do século XX e neste início de milênio, fundam novos estatutos éticos e poéticos na dança, inaugurando regimes outros de sentido.

Portanto, nesse movimento, delinea-se um painel rico e multifacetado de propostas e assinaturas singulares, provenientes de contextos distintos, nacionais e internacionais. Breve

apanhado de obras feitas em cenários em constante mutação, atravessados pela intensidade dos processos culturais e políticos contemporâneos, mas também, e, sobretudo, consequência e causa de formas outras de habitar a dança. No que pese a multiplicidade de formatos dessas manifestações, pode-se identificar um denominador comum: a presença de escrituras corporais potentes, a valorização de construções cênicas cujas arquiteturas fundam-se nas tensões, nos fluxos e afetos gerados com e no corpo.

Com o intuito de agir para além da simples difusão de informações e produções artísticas, a Bienal preocupa-se também em compartilhar ferramentas que possibilitem uma interação mais analítica e crítica com a produção em dança. Dessa forma, propõe em sua programação um significativo leque de atividades formativas, oferecendo gratuitamente cursos, oficinas, palestras e residências artísticas, entre outras ações.

Já há alguns anos militando pelo estabelecimento de novos condutos de intercâmbio cultural, investindo, sobretudo, nas colaborações realizadas entre parceiros do hemisfério sul, essa edição da Bienal dá passos inéditos e importantes nesse sentido. Com grande alegria recebemos em nossa programação o III Fórum Latino-americano de Videodança – FLV, uma realização conjunta com o projeto *dança em foco* – Festival Internacional de Dança & Vídeo, do Rio de Janeiro. O encontro reúne diversas instâncias que atuam na área da videodança, congregando curadores, pesquisadores e artistas de instituições e festivais do Brasil, da Argentina, de Cuba, da Bolívia, do Paraguai, do Uruguai e do México.

Ainda ampliando fronteiras e relações artísticas, a Bienal, através do projeto VII Bienal Internacional de Dança do Ceará – CONEXÃO CABO VERDE inaugura um novo momento em sua trajetória. Eliminando as tradicionais intermediações européias nesse tipo de negociação intercultural, a Bienal quebra um paradigma e estabelece o diálogo direto com a África. Uma programação especialmente concebida para Cabo Verde será apresentada nesse país no mês de novembro. Trata-se do início de um novo movimento, da abertura de um possível, do redimensionamento do lugar e do papel do Ceará no circuito nacional e internacional da dança.

É nosso desejo que essas corporeidades múltiplas e dançantes da Bienal, que pulsam incessantemente no espaço-tempo presente, possam ir ao encontro do seu corpo, dos corpos

dessa cidade e desse estado, mobilizando forças capazes de impulsionar políticas, subjetividades, desejos e projetos que dinamizem e multipliquem a dança em seus movimentos.

11) Você considera que as peças publicitárias da campanha da sétima edição transmitem com clareza o conceito da Bienal? Explique.

Acho que a foto utilizada nos banners, na capa do catálogo etc., apesar de ser uma bonita imagem, não dialoga diretamente com o tema da Bienal. O fato de o designer gráfico não morar em Fortaleza talvez tenha impedido uma melhor comunicação em torno desse material.

Em geral, acho que temos que tornar mais eficazes todos os meios de comunicação com o público, tudo aquilo que possa funcionar como via de acesso aos trabalhos e propostas apresentadas pela Bienal. O catálogo, desde 2007, tem melhorado, trazendo um pouco mais de informação sobre os artistas e trabalhos. Deve, no entanto, continuar sendo aperfeiçoado e, sobretudo, estar disponível desde o início do evento, coisa que não aconteceu nessas duas últimas bienais.

12) Como são definidos os patrocinadores, os apoiadores, as parcerias? Como ocorre o processo de seleção das parcerias com empresas privadas? Tem alguma relação com o tema da edição, apenas com o conceito da Bienal como um todo ou só precisa querer apoiar sem relação com o movimento artístico?

Os apoios à Bienal vêm de várias origens: Petrobrás, Banco do Nordeste, Fundo Estadual de Cultura, BNDES etc. Essas empresas têm seus programas específicos de apoio a eventos culturais. O FEC, por exemplo, existe exclusivamente para isso. Esse apoio pode vir via lei Rouanet ou via apoio direto (como acho que foi o caso da Bienal com a Petrobrás), ou seja, via edital. Empresas que não têm uma tradição de apoio a eventos culturais - mesmo que tenham essa possibilidade via a renúncia fiscal da lei Rouanet - são mais difíceis de apoiar. O apoio aos eventos pode ter a ver com o tema destes, mas, em geral, se apoia um evento pelo que ele construiu ou constrói como ação cultural, não especificamente pelo tema.

Entrevista n°04

* **Data da entrevista:** 20 de maio de 2010

* **Dados da entrevistada:**

- Nome completo: Dodora Guimarães (Maria Auxiliadora Guimarães)
- Local e data de nascimento: Rio Branco/Acre, 1954
- Formação: Bacharel em Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, UFC. Especialização em Comunicação e Imagem, UFC
- Atuação profissional/Cargo (atual): Pesquisadora e Curadora de Artes Visuais do Sobrado Dr. José Lourenço

* **Questionário:**

1) Há quanto tempo atua em áreas ligadas à cultura? Explique.

Minha iniciação profissional se deu na Publicidade, campo que respeito pela disciplina. Aprendi muito na Publicidade. Trouxe muito desta experiência para o meu trabalho na área das Artes Plásticas.

2) Como ocorreu sua trajetória para unir sua formação com o cargo de curadora?

Pelos encontros, como a minha vida foi se encaminhando. Sempre valorizei muito a imagem. E vi a palavra sempre como solidária da imagem. Aliás, eu penso com imagens. E, desde criança, exercitei este tipo de escrita. Como não tenho absolutamente talento para outra atividade que não seja o que faço, me aplico com afinco no que faço. Meu dom é de ver e escrever. De apresentar com imagens o que vejo e quero ressaltar no trabalho dos outros. Com muito respeito, honestidade e paixão. Sou intuitiva e sincera.

3) O que você entende por curadoria?

Uma atividade que exige competência, formação na área, sensibilidade e disposição para o trabalho.

4) O que você considera mais relevante no papel do curador?

Tudo. Todas as etapas. Se um elo abre a corrente quebra. Em geral, o curador de exposição tem uma ideia, desenvolve o conceito, ancorando-se numa pesquisa que lhe dá subsídios para a ideia ser mais rica e ter mais capilaridade. Depois, parte-se para a execução

da ideia, acompanhando inclusive a montagem. Além disso, ele é também responsável pelo norteamento do educativo. Até a exposição acabar, o curador é responsável e está sempre à disposição do artista, da obra e do público.

5) Fale sobre o cenário atual da curadoria cearense.

Desde que o Sérvulo [Esmeraldo] volta pra viver no Ceará que ele tinha o desejo de criar aqui um museu de esculturas, mas um museu de esculturas a céu aberto. Ele pensava sempre num museu que dialogasse diretamente com essa nossa luz, com esse nosso clima. Diante das dificuldades para viabilização dessa ideia, ele pensava então de começá-la por uma exposição de esculturas, uma exposição internacional de esculturas. Por que internacional? Para ser uma exposição com um diálogo mais abrangente, mais rico, mais diversificado. Como ele fez uma vivência fora do País, então ele tinha conhecimentos e meios de viabilizar essa ideia.

Escultura é uma arte difícil de ser trabalhada, exposta, sobretudo para uma exposição a céu aberto que tem que ter esculturas grandes. Em geral, as esculturas tradicionalmente são realizadas em pedra, madeira ou aço. São materiais pesados, de difícil transporte, ou melhor, de transporte caro, enfim. Então, para viabilizar essa ideia, ele teve outra ideia (...): fazer uma exposição internacional de esculturas efêmeras. Com isso, simplificava a ideia da escultura feita com materiais pesados, materiais nobres, tradicionais. Ele pensava na ideia de solicitar aos artistas não as esculturas, mas projetos de esculturas que pudessem ser realizados em materiais efêmeros, porque após a exposição seriam destruídos, e possíveis de serem realizados por terceiros. Quer dizer, o artista mandava apenas o projeto, e aqui ele [Sérvulo Esmeraldo] criava uma logística que viabilizasse a execução do projeto. E assim tudo era simplificado.

Então quando essa ideia, que ele compartilhou com o Demócrito, que foi com quem ele realizou essa experiência através da Fundação Demócrito Rocha, apareceu, foi a primeira vez que essa palavra curador entrou no nosso glossário, aqui no Ceará. (...) E por quê? Porque ele teve a ideia, ele viu como viabilizar essa ideia e ainda coordenava. Ele se responsabilizou pela conceituação da ideia, por sua proposição e pela recepção da ideia. Os artistas mandavam os projetos pra ele, ele via como viabilizar, compartilhando com o artista (...) possível mudança ou soluções.

Então aqui no Ceará essa foi a primeira experiência. Depois disso, outras atividades passaram a utilizar esse título e, até mesmo, nos salões de arte passou-se a ter curador, mas eu

acredito que de forma equivocada, porque, por exemplo, no Salão de Abril não tem curador, o que tem é um organizador e um corpo de júri, uma comissão julgadora que seleciona projetos, outra comissão premia, mas isso não é curadoria, porque ninguém é responsável pelo que está ali exposto. (...)

Depois dessa primeira exposição, a palavra curador foi entrando, e profissionais foram se estabelecendo. Eu inclusive me incluo nesse processo. Eu trabalhei nas “Efêmeras” e depois eu tinha uma galeria e, a minha galeria tinha um pensamento, um projeto que era voltado para a difusão da arte contemporânea no Ceará. Eu trabalhava com um elenco X de artistas que tinham esse escopo. Então era uma galeria que já tinha esse pensamento curatorial.

Em 1994, eu passei a ter um cargo na Secretaria da Cultura e a ser responsável pelo Centro de Artes Visuais Raimundo Cela, que foi uma casa de arte e cultura muito ativa nos anos 1960 e 1970. A partir de 1980, foi diminuindo seu poder de aglutinação na cidade, e nós terminamos perdendo essa sede, ficando apenas o cargo na Secretaria. Quando o Paulo Linhares assumiu a Secretaria, ele me convidou para dirigir o Centro Cultural da Abolição, que funcionava no mesmo prédio que a Secretaria da Cultura, ou seja, dentro de uma repartição pública tinha um salão de exposições. Então eu fui lidar com essa realidade. Lá eu desenvolvi um projeto curatorial. (...)

Daí a gente colabora para a criação do Dragão do Mar e depois para a primeira exposição onde eu fui curadora e foi no Memorial da Cultura Cearense. Então eu fiz parte da equipe de pesquisa desse Memorial e estabeleci as linhas curatoriais da exposição que inaugurou o memorial e que se chamava “Admiráveis belezas do Ceará ou os desabusados mundos da cultura popular”. (...)

Paralelo a isso, criamos o Projeto Abolição que era um projeto que tinha no Palácio da Abolição que a gente selecionava exposições de arte contemporânea e artistas que, naquele período, a gente considerava que vinham dando uma contribuição para a difusão da arte cearense. Foi esse pensamento que nós levamos pro Sobrado Dr. José Lourenço, que é um espaço voltado pra arte cearense e onde a gente procura desenvolver um projeto muito respeitoso.

Entrevista n°05

* **Data da entrevista:** 25 de maio de 2010

* **Dados da entrevistada:**

- Nome completo: Cláudia Pires da Costa
- Local e data de nascimento: Fortaleza, 02 de junho de 1969
- Formação: Graduada em Pedagogia / Especialista em Arte-Educação pela Faculdade 7 de Setembro / formação em dança na Academia Helena Coelis e Vera Passos
- Atuação profissional/Cargo (atual): Coordenadora da Academia de Dança 7 de Setembro e do Programa Dançando na Escola

* **Questionário:**

1) Há quanto tempo atua em áreas ligadas à cultura e à dança? Explique.

Atuo na dança, desde o ano de 1985, como bailarina e como professora desde 1990. Quanto às atividades ligadas aos projetos culturais, desenvolvo desde o ano de 2003.

2) Qual sua trajetória/atuação na Bienal Internacional de Dança do Ceará?

Iniciei na Bienal de Dança, apresentando trabalhos como bailarina no ano de 1999. Nos anos de 2003, 2005 e 2007, exerci a função de curadora para a Mostra Nova Cena e em 2009, dirigi a Mostra Local, Mostra do Interior e Nova Cena.

3) Diferencie a atividade de direção da de curadoria na Bienal.

Entendo que direção e curadoria na Bienal se alinham num entendimento ético, conceitual e político na definição de programação. Nesse sentido, o curador mais precisamente, atua como um mediador que expressa nas suas escolhas as suas convicções que devem naturalmente estar em consonância com o caráter do evento. No papel de direção, há atribuições que extrapolam a esfera conceitual contida mais fortemente na montagem de programação. Todo o aparato técnico e humano que define a articulação e organização do evento está sob sua responsabilidade.

4) Como ocorreu sua trajetória para unir sua formação com o cargo de curadora da Bienal?

Não há em minha formação estudos específicos sobre curadoria. A atividade exercida na Bienal talvez seja legitimada pela trajetória como bailarina e professora de dança, além da experiência em direção do Festival de Dança do Litoral Oeste e Mostra PRODANÇA.

5) O que você entende por curadoria?

Curar é potencializar uma cena com formas diversas de perceber atitudes e possibilidades de articulações. É montar atravessamentos a partir de recortes. É provocar dinamismos que ordenem e/ou desordenem experiências artísticas construídas. É também vislumbrar um porvir.

6) O que você considera mais relevante no papel do curador para a Bienal?

O entendimento do conceito do evento aliado ao conhecimento dos contextos artísticos local, nacional e internacional.

7) Os critérios utilizados para seleção dos trabalhos estão de acordo com o tema da Bienal? Explique.

Na Mostra Nova Cena, onde atuo como curadora, não há obrigatoriedade de conexão entre as obras artísticas e o tema central. A idéia é abrir espaços para criações autorais de jovens coreógrafos que sejam elaboradas a partir de um processo de pesquisa consistente.

8) Explique o motivo pelo qual foi escolhido o conceito “Poéticas e Políticas” para a VII Bienal.

A idéia contida na temática traduz o anseio de contribuir para a estruturação de uma massa artística crítica que venha a atuar impulsionando políticas e projetos a partir de uma interação crítica, reflexiva e conseqüentemente nos desdobramentos para a dança.

9) Quais os objetivos da VII Bienal?

Na essência da Bienal, há o desejo de afirmar a dança no Ceará, provocando encontros e estranhamentos que problematizem e alavanquem o pensamento e a produção no cenário.

Entrevista nº06

* **Data da entrevista:** 1º de junho de 2010

* **Dados do entrevistado:**

- Nome completo: José Guedes Martins Neto
- Local e data de nascimento: Fortaleza, 10 de abril de 1958
- Formação: Advogado e Artista Plástico autodidata
- Atuação profissional/Cargo (atual): Curador do MAC (Museu de Arte Contemporânea) Dragão do Mar

* **Questionário:**

1) Há quanto tempo atua em áreas ligadas à cultura? Explique.

Desde 1973, quando iniciei minha carreira de artista plástico. Como gestor, iniciei em 1985, quando assumi a direção da Casa de Cultura Raimundo Cella que funcionava do Palácio da Luz.

2) Como ocorreu sua trajetória para unir sua formação com o cargo de curador?

O cargo de curador não tem nada a ver com a minha formação universitária (direito), mas com a minha real profissão de artista plástico, na qual sou autodidata. Muitos curadores nacionais e internacionais são também artistas plásticos. Ambas as profissões exigem dedicação e profundidade na mesma área do conhecimento.

3) O que você entende por curadoria?

Fazer a mediação entre o público em geral e a arte. Fazer recortes nos processos da criação artística com a intenção principal de facilitar a compreensão dos mesmos.

4) O que você considera mais relevante no papel do curador?

Como falei anteriormente, facilitar a compreensão dos processos artísticos do público em geral. Ampliar seu leque de conhecimento, seu repertório; enriquecer seu universo.

5) Fale sobre o cenário atual da curadoria cearense.

Nos últimos anos, com o surgimento de equipamentos como o MAC Dragão do Mar, o Centro Cultural BNB, O Centro Cultural dos Correios, para citar alguns, essa atividade cresceu bastante. Roberto Galvão, Mauricio Coutinho, Solon Ribeiro, Herbert Rolim, todos artistas plásticos e curadores independentes, tem feito um trabalho dos mais significativos na área. O MAUC, da Universidade do Ceará, bem mais antigo do que os espaços citados, também se enquadra nesse cenário de relevância.

Entrevista nº06

* **Data da entrevista:** 4 de junho de 2010

*** Dados do entrevistado:**

- Nome completo: Pedro Eymar Barbosa Costa
- Local e data de nascimento: Crateús, 30 de julho de 1948
- Formação: bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela UFC; especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela UFMG
- Atuação profissional/Cargo (atual): Diretor do MAUC

*** Questionário:**

1) Fale sobre sua experiência como diretor do MAUC no que se refere ao aspecto da organização de exposições de arte.

Ao assumir a direção do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), em junho de 1987, a convite do reitor Raimundo Hélio Leite, encontrei o espaço expositivo do MAUC já definido em dois setores. Um, destinado a “exposições de longa duração”, era composto de salas que abrigavam as grandes coleções do Museu: Sala Antônio Bandeira (inaugurada em 1968 e reinaugurada em 2003), Sala Raimundo Cella (inaugurada em 1971 e reinaugurada em 2003), Sala Aldemir Martins (inaugurada em 1979 e reinaugurada em 2003) e Sala de Arte Popular (não consta nos arquivos do MAUC nenhum registro oficial de sua inauguração. Recentemente foi reaberta como Sala de Cultura Popular). O segundo setor destinava-se a exposições de “curta duração” e dispunha de uma única sala. Para exposição das obras, as salas dispunham de equipamentos que, por sua natureza, poderiam ser

classificados como fixos e móveis. Entre os móveis, destacavam-se as vitrines de alumínio e vidro; as mesas para desenhos, em ferro e vidro; além de expositores verticais em ferro e madeira. Quanto aos equipamentos móveis, dispunham todas as salas de exposição de um sistema de barras de alumínio perfuradas, estendidas do piso ao teto e dispostas regularmente em fileiras a uma pequena distância das paredes. Este sistema limitava a distribuição das obras dentro do espaço expositivo, notadamente a ocupação horizontal.

O museólogo Henrique Barroso era o responsável pela organização dessas exposições, assistido pelo auxiliar de serviços diversos, Afonso Liberato. Estas salas, no entanto, funcionavam de um modo precário, devido às goteiras que acompanhavam o MAUC desde a inauguração de sua nova sede ocorrida em 1965. As goteiras atingiam todas as salas, com exceção da sala Aldemir Martins. Com a chegada do inverno de 1988, ficou impossível a permanência das obras de arte em suas respectivas salas. Todas as obras foram transferidas para a sala Aldemir Martins onde foram privadas da visita pública.

Em 1989, um novo sistema de cobertura é implantado no MAUC. É procedida, também, a substituição de todos os aparelhos de ar condicionado. Outra mudança significativa verificou-se na estrutura expositiva do museu. Foi desmontado todo o sistema de barras de alumínio. A partir desse instante, as obras de arte passaram a ser fixadas diretamente sobre as paredes. As estruturas de alumínio, retiradas das salas de exposição, possibilitaram a montagem de armários especiais para o armazenamento das obras em uma nova “reserva técnica” capaz agora de abrigar todo o acervo. Sem goteiras, climatizado e com todas as obras abrigadas em uma reserva técnica segura, manifestou-se a possibilidade de se ter, opcionalmente, todas as salas de exposição colocadas à disposição de exposições de curta duração. Desse modo, pôde o MAUC atender, a partir de 1990, a uma demanda de exposições externas, indo ao encontro das reivindicações da comunidade artística local que até então se considerava excluída das atividades do MAUC. Pôde, também, realizar eventos, só possíveis de realização, a partir da ocupação de todas as salas. Como exemplo, podemos citar as exposições comemorativa, em 1990, do Centenário de Nascimento do pintor Raimundo Cela e dos 30 anos de vida artística do pintor José Tarcísio. Todas estas exposições foram montadas sob a regência do museólogo Henrique Barroso que também concebeu os catálogos impressos na Imprensa Universitária. Neste momento, além das tarefas administrativas a mim pertinentes, participei, juntamente com bolsistas universitários, da elaboração dos grandes cartazes xerográficos presentes nestas mostras.

Em 1993, por iniciativa do reitor Antônio Albuquerque, foram iniciados novos serviços de reforma e ampliação do MAUC. Constante de três etapas, esta reforma produziu significativas mudanças na estrutura física e espacial da edificação, alterando quantitativa e qualitativamente sua estrutura de espaços expositivos. Concluída a reforma, em 1999, passou o museu, então, a contar com um total de seis salas de exposições de longa duração e cinco salas para exposições de curta duração. Este período que se estende entre 1993 e 1999, embora apresente melhorias na estrutura física da edificação, apresentou simultaneamente perdas de recursos humanos. O museólogo Henrique Barroso aposentou-se e junto com ele servidores antigos que desempenhavam a função de guia. Contrariando todas as expectativas, o sistema de cobertura do setor recém ampliado apresentou, desde o início, vazamentos, enquanto o sistema de cobertura do setor antigo passou a apresentar inúmeros sinais de degradação.

Este período, no entanto foi fundamental para experimentações concernentes à nova distribuição dos espaços destinados às salas de longa duração e para novas formas de utilização dos espaços destinados às exposições de curta duração. Estes últimos, compostos de cinco salas interligadas com pés direitos variados, amplas paredes e pisos cerâmicos resistentes favoreceram e instigaram os artistas plásticos a redimensionarem a escala dos objetos de arte e a pensar novas formas de exibí-los.

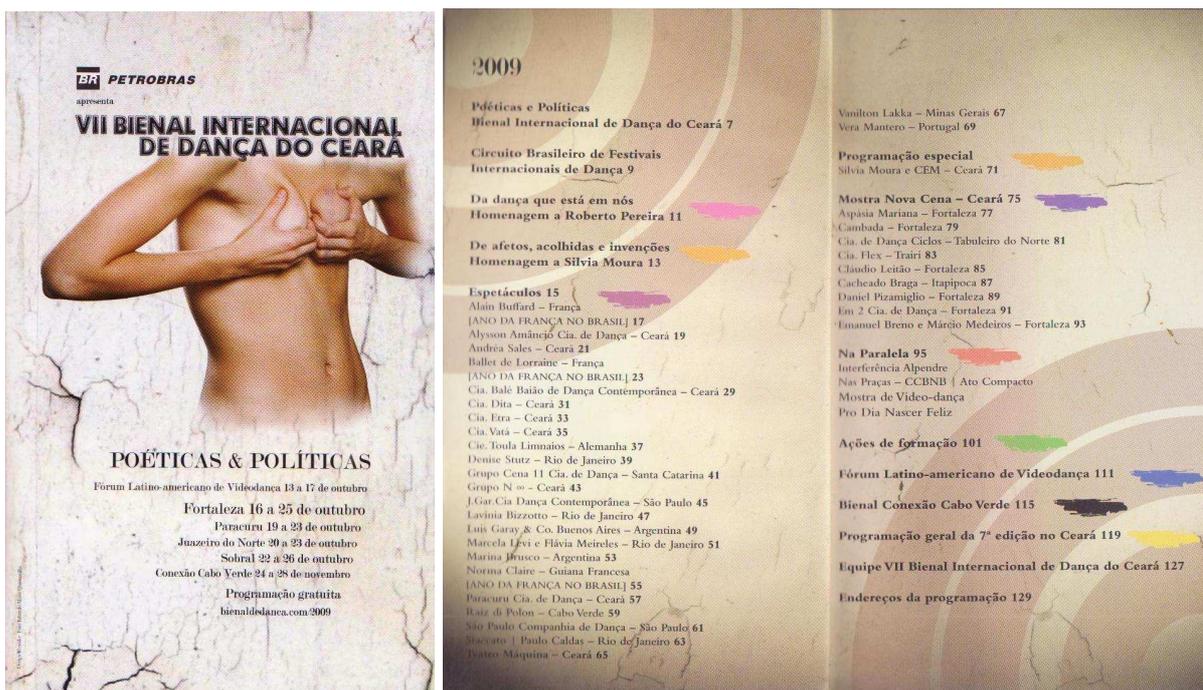
Assim, a partir do ano de 2001, enfrentando anualmente uma permanente luta contra goteiras, assumi o comando da organização de grande parte das exposições temporárias e da totalidade das exposições permanentes. Este novo período coincide com uma maior aproximação do MAUC com diversas áreas acadêmicas da Universidade Federal do Ceará e conseqüentemente uma presença mais intensa do alunado da UFC nas dependências do Museu, fato este que exigiu uma melhoria qualitativa na função de recepção e acompanhamento desses visitantes. Conhecimento da história do museu e das obras do acervo eram os requisitos principais desta função. Diante desta necessidade, passei a desempenhar também o papel de “guia-chefe” do MAUC. O exercício de acompanhamento de visitantes através de 11(onze) salas de exposição (a construção desse percurso), passou, a partir desse momento, a se constituir como fator fundamental da organização e distribuição das obras de arte no espaço expositivo, tendo como parâmetro um real percurso de visitação.

Devo esclarecer que essa atividade, que pode assemelhar-se a uma ação curatorial, é exercida prioritariamente sobre um acervo sob minha responsabilidade. Toda essa ação é feita sem nenhuma dotação orçamentária, quando a criatividade, o improviso e a utilização de

materiais de baixo custo tornam-se fatores determinantes para o pleno êxito de uma boa montagem. Cito, como exemplo desta questão, duas exposições realizadas em 2002: 12 Álbuns - 12 Gravadores (disponível em <http://www.mauc.ufc.br/expo/2002/03/index1.htm>) e Mundos do Trabalho (disponível em <http://www.mauc.ufc.br/expo/2002/02/index1.htm>). Foram raríssimas as exposições em que trabalhei sem o improviso e reaproveitamento de materiais. A exposição Patativa Centenário, exceção a esta regra (disponível em <http://www.mauc.ufc.br/expo/2009/07/index1.htm>), saiu diretamente de um programa digital em 3D para as paredes do MAUC custeada pelo Festival de Cultura da UFC.

Finalmente gostaria de acrescentar que todo este trabalho de organização de exposições no MAUC só se faz possível graças a participação de seus demais servidores bem como dos bolsistas universitários que participam dos programas “bolsa-arte” e “iniciarte”.

ANEXOS

ANEXO A - Catálogo da VII Bienal Internacional de Dança do Ceará⁶¹

⁶¹ Imagens digitalizadas.

Poéticas e Políticas

2009, a Bienal chega à sua sétima edição. São doze anos afirmando a dança no Ceará e resistindo em meio à profusão do efêmero. Nesse interim, os campos da cultura e das artes no Brasil redesenham-se por movimentos e embates contínuos, ávidos de novos possíveis. A dança, nesse contexto, traça caminhos múltiplos, reconfigurando-se em meio a fluxos de toda ordem. Formas outras de estar nesse campo atualizam-se incessantemente, revelando possibilidades não dadas *a priori*, mas conquistadas no pulsar de um tempo-espaço novo, atravessado por afetos inerentes às novas formas do visível, do pensável e do possível.

São anos contornantes para a dança produzida no país. Nesse período, ela passa a apresentar uma multiplicidade de conformações em seus processos de criação, produção, manutenção, difusão, etc. Ecoando questões de diversas ordens – estéticas, sociais, políticas, econômicas, entre outras – novas éticas e poéticas parecem configurar-se, mesclar-se e fundir-se para tornarem-se fontes de atitudes e atos em meio à estruturação do campo da dança, apontando para formas outras de perceber, pensar, organizar, colaborar, criar, mobilizar, atuar enfim nesse campo. As ferramentas tecnológicas encurtando caminhos, viabilizando redes, facilitando agenciamentos.

Na interface com a política, os profissionais das artes e da cultura travam embates que em muito se assemelham a uma guerra de guerrilhas. Enquanto alguns desdobramentos artísticos significativos traçados pelas artes apontam para uma impossibilidade de retorno, as conquistas políticas parecem nunca

estar asseguradas. Em todo o Brasil, casos de retrocesso político parecem multiplicar-se com facilidade inversamente proporcional à dificuldade com que os avanços foram conquistados.

Diante desse quadro, que estratégias artísticas, políticas, econômicas desenvolvem os artistas frente a uma possível nova ordem de organização do campo da dança? Como se situam, agrupam, articulam? De que modos colaboram, criam, circulam, sobrevivem criadores e intérpretes da dança hoje? Por que insistem e como subsistem as companhias independentes? Como ecoam as questões políticas e econômicas na conformação de propostas de trabalho, no formato e nas poéticas das criações artísticas? Da colaboração pessoal aos coletivos artísticos, que motivações movem os artistas?

Pautada por essas perguntas, atenta aos contextos, perscrutando pistas, a Bienal inclui em sua programação trabalhos de profissionais que por muito tempo fizeram parte de companhias renomadas para então se lançarem em projetos autorais. Geralmente em colaboração com artistas – da dança ou de outras áreas – utilizando-se de estratégias variadas, por vezes atuando no âmbito de coletivos artísticos, esses criadores são cada vez mais numerosos e inscrevem novos modos de povoar o ambiente da dança. Apresenta ainda grupos e artistas independentes que, em meio à precariedade e instabilidade dos mecanismos de fomento, ao longo dos anos vêm resistindo e se afirmando na paisagem da dança nacional, gerando importantes referências de

produção para a dança. Investe também em criações produzidas em outros países, tais como Argentina, Cabo Verde, Portugal, Alemanha e França, assegurando a circulação e produção de grupos e companhias de criação e subsistência, apesar das diferenças contextuais, são atravessadas por questões e circunstâncias análogas às que nos instigam nessa programação. Dirige ainda atenção especial à produção coreográfica feminina, com uma homenagem às criadoras que, ao longo do século XX e neste início de milênio, fundam novos estatutos éticos e poéticos na dança, inaugurando regimes outros de sentido.

Portanto, nesse movimento, delineia-se um painel rico e multifacetado de propostas e assinaturas singulares, provenientes de contextos distintos, nacionais e internacionais. Breve apanhado de obras feitas em cenários em constante mutação, atravessados pela intensidade dos processos culturais e políticos contemporâneos, mas também, e sobretudo, consequência e causa de formas outras de habitar a dança. No que pese a multiplicidade de formatos dessas manifestações, pode-se identificar um denominador comum: a presença de escrituras corporais potentes, a valorização de construções cênicas cujas arquiteturas fundam-se nas tensões, nos fluxos e afetos gerados com e no corpo.

Com o intuito de agir para além da simples difusão de informações e produções artísticas, a Bienal preocupa-se também em compartilhar ferramentas que possibilitem uma interação mais analítica e crítica com a produção em dança. Dessa forma, propõe em sua programação um significativo leque de atividades formativas, oferecendo gratuitamente cursos, oficinas, palestras e residências artísticas, entre outras ações.

Já há alguns anos militando pela estabelecimento de novos eixos de intercâmbio cultural, instigando

sobretudo, nas colaborações realizadas entre parceiros do hemisfério sul, essa edição da Bienal dá passos inéditos e importantes nesse sentido. Com grande alegria recebemos em nossa programação o III Fórum Latino-americano de Videodança – FLV, uma realização conjunta com o projeto *dança em foco* – Festival Internacional de Vídeo & Dança, do Rio de Janeiro. O encontro reúne diversas instâncias que atuam na área da videodança, congregando curadores, pesquisadores e artistas de instituições e festivais do Brasil, da Argentina, de Cuba, da Bolívia, do Paraguai, do Uruguai e do México.

Ainda ampliando fronteiras e relações artísticas, a Bienal, através do projeto VII Bienal Internacional de Dança do Ceará – CONEXÃO CABO VERDE inaugura um novo momento em sua trajetória. Eliminando as tradicionais intermediações europeias nesse tipo de negociação intercultural, a Bienal quebra um paradigma e estabelece o diálogo direto com a África. Uma programação especialmente concebida para Cabo Verde será apresentada nesse país no mês de novembro. Trata-se do início de um novo movimento, da abertura de um possível, do redimensionamento do lugar e do papel do Ceará no circuito nacional e internacional da dança.

É nosso desejo que essas corporeidades múltiplas e dançantes da Bienal, que pulsam incessantemente no espaço-tempo presente, possam ir ao encontro do seu corpo, dos corpos dessa cidade e desse estado, mobilizando forças capazes de impulsionar políticas, subjetividades, desejos e projetos que dinamizem e multipliquem a dança em seus movimentos.

David Linhares
Ernesto Gadelha

Circuito Brasileiro de Festivais Internacionais de Dança



O que é o Circuito

Desde 2005 os quatro festivais de dança contemporânea de maior repercussão nacional, que acontecem entre outubro e novembro, estão unidos para incentivar a circulação de companhias nacionais e estrangeiras e a partilha de programas, idéias e recursos.

O Circuito envolve o Festival Internacional de Dança do Recife (PE), a Bienal Internacional de Dança do Ceará (CE), FID – Fórum Internacional de Dança (MG) e o Panorama de Dança do Rio de Janeiro (RJ) e inclui quatro capitais (duas do Nordeste e duas do Sudeste). Trata-se de uma união de estruturas para fortalecer as cenas de novos artistas locais, facilitar a troca de informações, otimizar a circulação de artistas estrangeiros e fomentar a cooperação e a circulação de artistas brasileiros entre nossos festivais. Dessa parceria, diversas otimizações de custos e projetos já surgiram e continuarão a surgir.

Juntos, esses festivais têm potencial de alcance de mais de 60 mil pessoas, com enorme retorno de mídia espontânea. Em cada festival, há um recorte curatorial diferente. Em comum, a qualidade das produções e a aposta no que há de mais novo e instigante nas artes do corpo. Numa área artística que se torna cada vez mais ampla, repleta de nuances e de tecnologias, o Circuito se firma como uma iniciativa que fala diretamente aos formadores de opinião, aos jovens e a todos os interessados na vanguarda da arte.

Os quatro festivais têm uma política de ingressos populares e enorme interação com espaços públicos e não-convencionais. O resultado é um público crescente e uma mídia cada vez mais presente.

O Circuito, além de mostrar o melhor da produção internacional no Brasil, é também a maior vitrine para a circulação da produção nacional. E os festivais que o formam dividem também a tarefa de fomentar a produção dos jovens artistas com estréias e projetos de cooperação internacional e formação.

São quatro iniciativas muito diferentes em termos de curadoria e realidades locais, mas que têm em comum a experimentação da linguagem, o investimento em novos talentos, o interesse na formação de plateias e na cooperação igualitária entre brasileiros e estrangeiros em processos de criação artística.

Uma das ações em conjunto do Circuito de Festivais é aumentar o intercâmbio com a América Latina e a África. Trata-se de uma decisão política e estratégica com vistas a estreitar os laços culturais e de economia da cultura entre esses países. Está claro para nós o papel estratégico do Brasil como fomentador desse diálogo no nosso continente e diante do continente africano.

Homenagem

Roberto Pereira



Da dança que está em nós

E em mim se fez um silêncio intenso. Por meses e mais meses e ainda agora... Um silêncio. Um silêncio vindo de dentro, nem junto, nem perto. Não apenas o silêncio do mundo, mas o estranho silêncio do mundo em mim. Descobrir-se estranha para ter uma vida; e o que isso implica: uma nova relação com a morte. Já sei que você não está mais... Que permanece. É o dia-a-dia... O mesmo outro de sempre. O desejo do infinito pelo fim que somos. O tempo é interior de tudo. Do tempo somos verdadeiramente nós a nos silenciar. Foi assim... Tem sido assim quando o vejo. E o vejo na minha melhor maneira de ser: me buscando, me testando, me pensando. São muitas coisas: a parte melhor dessa dança. Dessa dança que você construiu no Brasil, em Fortaleza, no mundo em que vivo.

Da dança, você não apenas falou da importância do encontro, mas foi o encontro, a abertura do possível. Um novo corpo se fez. Esse novo corpo é também nova potência do pensamento. Com ele, a dança pôde ir além: o pensamento sem autor. Anônimo do pensar cujo princípio é pertencer a uma coletividade, a uma multiplicidade de vozes. Esse é o pensamento da liberdade – por oposição a um pensamento primário, calcado em nomes, em determinações, em julgamentos. A dança, enfim, se diz, se faz e se pensa de múltiplas maneiras. Você deu voz a essa multiplicidade.

A cada encontro com você, a dança ia se libertando, exigindo um pensamento que prescindia da forma, da crença em sujeitos preexistentes à própria dança – algo só conquistado quando se abdica ao pensamento primário, aquele que dita quem dança, o que deve ser a dança.

Lições de Dança: uma coleção de livros que se diz das danças. Bienal Internacional de Dança do Ceará, Panorama de Dança do Rio de Janeiro, Festival de Dança de Joinville, outros tantos nomes à dança. Colégio de Dança do Ceará, Curso Técnico em Dança, Dança e Pensamento, Simpósio de Filosofia e Dança, Licenciatura em Dança, Seminários de Dança, Crítica em dança... A Formação do Balé Brasileiro, um de seus livros. É todo um país que dança em você! Uma vida a dança.

Para dar conta desse imenso silêncio... Força de efetivação, só existindo porque faz existir. O amor dos resistentes. Uma força que não deve ser toniada como fim, nem paralisada em seu movimento, nem prolongada no vazio, mas deve ter como objetivo efetivar-se, mais ainda, tomar consistência: fazer existir. Capturar o instante-já das coisas. Pertencer ao presente. É toda a vida que há em você. Por isso esta homenagem: a vida que você é... Da dança que somos nós.

E somos, na cidade de Fortaleza, sobretudo hoje, essa força que você nos fez sentir. Entusiasmo e ardor. Ato de clemência e violência. Movimento contra a Bolívia do Desceço à dança. Operar nessas condições e resistir afirmando-se em diferença, é o que tudo isso implica: gesto, materialidade, construção de tempo, adensamento de experiência coletiva, fluxos de tempos/ espaços/sentidos (ampliado, contido, expandido, deslocado). Por isso você: destinado a salientar o quanto a dança vibra como testemunho da vida. Você é prova de que a arte, assim como a vida, está sempre disposta a pulsar inovações, permanecer intensiva. Somos juntos em movimento: Poéticas e Políticas. A você Roberto, por tudo que for...

Rosa Primo

Homenagem

Silvia Moura



De afetos, acolhidas e invenções

Pensar e respirar sem entraves, experimentar a multiplicidade de territórios do feminino e inventar uma corporalidade mais abstrata que privilegia a sensação. Fluxos do feminino que atravessam a dança a partir do século XX. Um feminino que, para além da questão de gênero, cria novos estados de corpo, desconstrói hierarquias e convenções, inaugura novas éticas, estéticas e políticas que passaram a nortear arte e vida. Uma força-fluxo que explora o pensamento em corpo: condição para novos modos de dançar.

Um dançar no século que segue contaminado por essa nova suavidade – herança a inspirar a invenção de diferentes formas de existência e a reorganização da ordem social e artística. Se pelo mundo Isadora Duncan despiu os pés do imperativo das sapatilhas, se Mary Wigman fez corpo às questões existenciais, se Pina Bausch preocupou-se com o que move as pessoas, muito mais do que como elas se movem, no Ceará Silvia Moura vem compartilhando seu modo de viver e dançar com quem quer que queira inaugurar-se artista da dança.

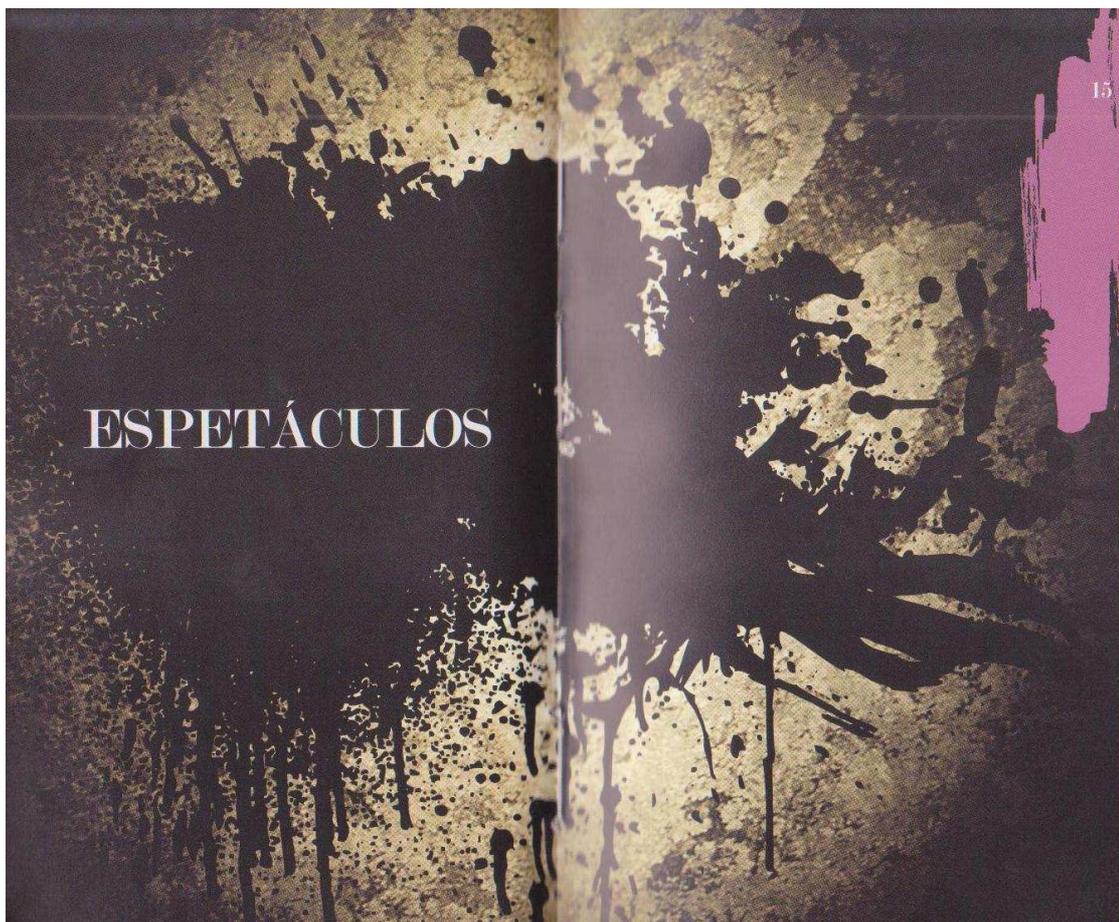
Com jeito de mãe que gera e permite nascer, Silvia Moura é genitora de artistas que, uma vez capazes de seguir as próprias trilhas, tornam-se parceiros de vida, de arte, de uma existência ética e política em dança. Partilha feita de infinitos afetos que não cabem num só quintal: lugar que, nessa comunidade-dança, amplia-se como possibilidade ao se tornar espaço cênico, frutífero de novos devires dança.

Criações que também não cabem num só piso superior de um sobrado, em uma esquina movimentada. Então, ocupa-se. Ocupam-se quintais, a Artelaria, enfim, a cena da cidade com experimentos, danças germinais e com o que não se sabe, mas que virá a ser, em estado de latência. Um pulsar intérprete-criador cujo encontro marcado é no Terço de Dança, no Movimento Dança, na mobilização por políticas públicas.

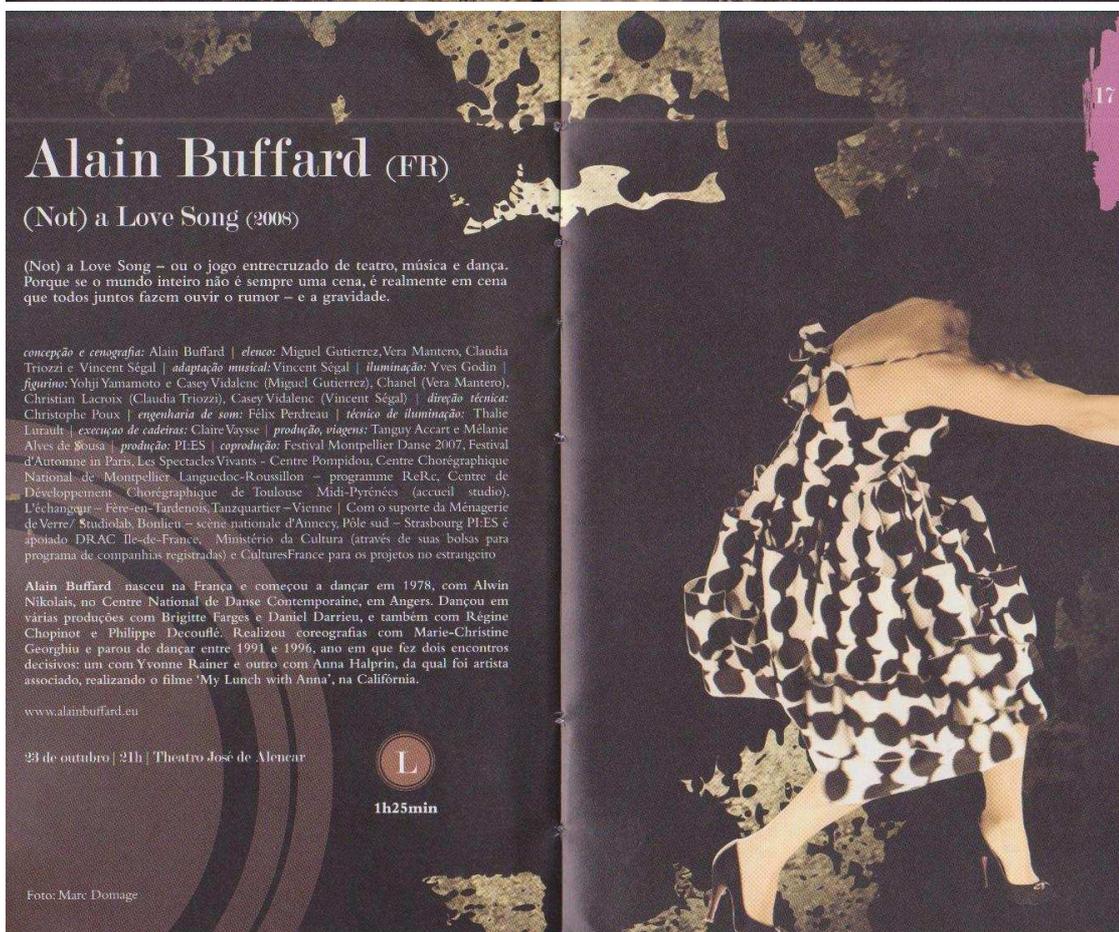
Porque assim é dançar no CEM – Centro de Experimentações em Movimentos: é fazer-se político, coletivo, como quem tece sua dança, sua *dançineta*. É criar maneiras de afirmar-se arte-e-vida. Reverberação de tantas invenções, de *A cadeirinha e eu*, *Rascunho*, *Mentiras Sinceras*, *Engarrafada*... Um contaminar-se de pensamentos-corpos que se fazem naqueles momentos em que não se faz nada. Nada? Tempo-espaço de acolhimento, formação e porta aberta para entradas e saídas, estabilidades e instabilidades, possibilidades que se fazem dança: sem entraves, múltiplas, subversivas, inventivas, sensoriais... femininas.

Thais Gonçalves

Foto: Alex Hermes



ESPETÁCULOS



Alain Buffard (FR)

(Not) a Love Song (2008)

(Not) a Love Song – ou o jogo entrecruzado de teatro, música e dança. Porque se o mundo inteiro não é sempre uma cena, é realmente em cena que todos juntos fazem ouvir o rumor – e a gravidade.

concepção e cenografia: Alain Buffard | *elenco:* Miguel Gutierrez, Vera Mantero, Claudia Triozzi e Vincent Ségol | *adaptação musical:* Vincent Ségol | *iluminação:* Yves Godin | *figurino:* Yohji Yamamoto e Casey Vidalene (Miguel Gutierrez), Chanel (Vera Mantero), Christian Lacroix (Claudia Triozzi), Casey Vidalene (Vincent Ségol) | *direção técnica:* Christophe Poux | *engenharia de som:* Félix Perdreau | *técnico de iluminação:* Thalie Lurault | *execução de cadeiras:* Claire Vaysse | *produção viagens:* Tanguy Accart e Mélanie Alves de Sousa | *produção:* PLES | *coprodução:* Festival Montpellier Danse 2007, Festival d'Automne in Paris, Les Spectacles Vivants – Centre Pompidou, Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon – programme ReRe, Centre de Développement Chorégraphique de Toulouse Midi-Pyrénées (accueil studio), L'échangeur – Père-en-Tardenois, Tanzquartier – Vienne | Com o suporte da Ménagerie de Verre/ Studiolab Bonlieu – scène nationale d'Annecy Pôle sud – Strasbourg PLES é apoiado DRAC Ile-de-France, Ministério da Cultura (através de suas bolsas para programa de companhias registradas) e CulturesFrance para os projetos no estrangeiro.

Alain Buffard nasceu na França e começou a dançar em 1978, com Alwin Nikolais, no Centre National de Danse Contemporaine, em Angers. Dançou em várias produções com Brigitte Fargès e Daniel Darrieu, e também com Régine Chopinot e Philippe Decoufflé. Realizou coreografias com Marie-Christine Georghiu e parou de dançar entre 1991 e 1996, ano em que fez dois encontros decisivos: um com Yvonne Rainer e outro com Anna Halprin, da qual foi artista associado, realizando o filme 'My Lunch with Anna', na Califórnia.

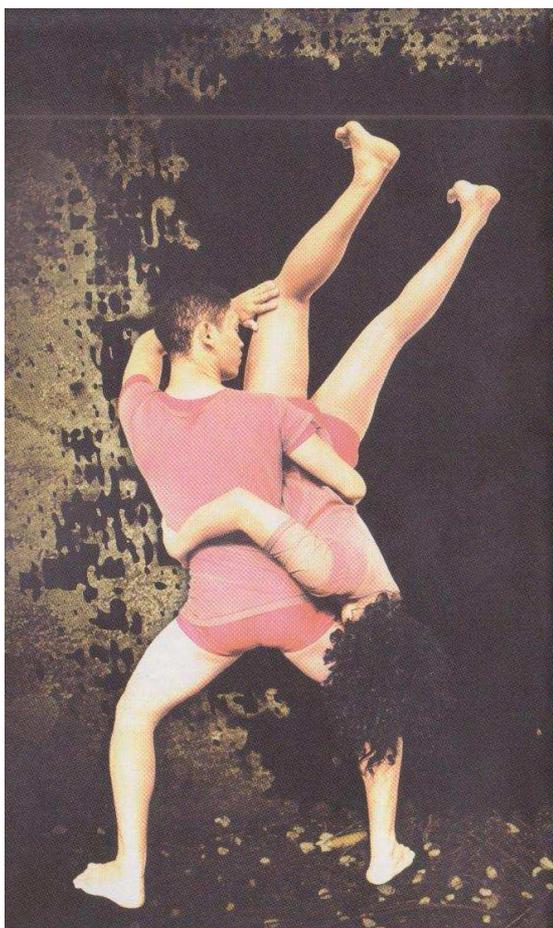
www.alainbuffard.eu

23 de outubro | 21h | Teatro José de Alencar

L

1h25min

Foto: Marc Domage



Juazeiro do Norte | CE

19

Alysson Amancio Cia. de Dança

L

BR 116 (2009)

40min

Mais do que fatos, lendas, sonhos e tragédias que acontecem no percorrer da maior rodovia do país, o trabalho usa a BR 116 como metáfora para uma viagem para dentro de nós mesmos, enfrentando desejos, medos e obstáculos, a fim de se alcançar o entendimento do eu, do outro e do mundo do outro. Pois o que há de mais bonito no encontro é que a ele precedeu total desencontro.

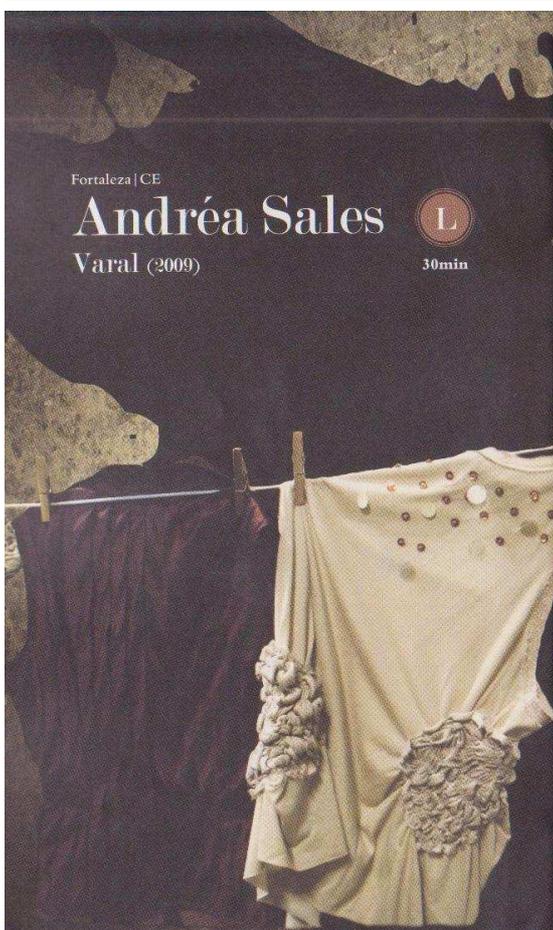
direção, concepção, pesquisa musical e coreografia: Alysson Amancio | *dramaturgia:* Jussyanne Emídio e Alysson Amancio | *intérpretes:* Alyne Sousa, Alysson Amancio, Barbara Feitosa, Edival Bezerra, João Batista, Jussyanne Emídio e Rosilene Diniz | *professora residente:* Barbara Feitosa | *ensaiador assistente:* João Batista | *curso de preparação corporal:* Fauller e Wilemara Barros | *iluminação:* Fábio Oliveira | *operador de luz:* Wagner Bezerra | *figurino e confeção:* Dakini e Selma Crisostomo | *fotos:* Alex Hermes | *coordenação de produção:* Jota Júnior Santos | *assistente de produção:* Nilo Calou e Luciany Maria

Alysson Amancio Companhia de Dança desenvolve pesquisas de novas linguagens coreográficas contemporâneas no Cariri, interior Sul do estado do Ceará. Alysson, coreógrafo da companhia, formou-se no Curso Superior de Dança da UniverCidade/RJ e a partir de 2006, retornando ao Juazeiro/CE, uniu-se a outros profissionais da dança atuantes da região e iniciou encontros diários de aulas, trabalhos corporais e pesquisas coreográficas. O grupo já foi contemplado pelo IV e V Edital de Incentivo às Artes (Secult/CE) e pelo Prêmio Fumarte de Dança Klaus Vianna/2008.

www.alyssonamancio.com.br

21 de outubro | 19h | Sesc Juazeiro

Foto: Alex Hermes



Fortaleza | CE

Andréa Sales Varal (2009)

L

30min

Dificuldades no caminho, riscos que corremos. Provações. Que saídas podemos ter? Um labirinto circunstancial que se atualiza pela ação artística no corpo e na cena.

criação e interpretação: Andréa Sales | *figurino:* Ruth Aragão | *iluminação:* Felipe Holanda | *cenografia:* Frederico Teixeira

Andréa Sales é intérprete criadora e faixa roxa de karatê-do. Estudou no Colégio de Dança do Ceará (2000/2001). É aluna do curso de extensão Dança e Pensamento (UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza). Tem realizado trabalhos e pesquisas coreográficas, como 'Silêncio da Inimidade' (2005) e 'Impressões' (2001), alguns agraciados por prêmios e incentivos culturais do Rumos Dança – Itai Cultural, Fumarte – Klaus Vianna e editais das Secretarias de Cultura do Município e do Estado do Ceará. Realizou, ainda, como diretora coreográfica e bailarina, cinco produções em vídeo-dança, entre elas, 'CRU', uma coprodução entre Brasil e Argentina, dirigida por Luiz Carlos Bezerril.

20 de outubro | 19h | Sesc Juazeiro

22 de outubro | 19h | Centro Cultural Bom Jardim

24 de outubro | 18h | Sesc Senac Itacema

25 de outubro | 18h | Casa Che Guevara – Barra do Ceará

Foto: Henrique Torres

Ballet de Lorraine (FR)

L

Pela primeira vez no Brasil, o Ballet de Lorraine apresenta obras de duas das maiores coreógrafas que revolucionaram a dança no século XX: Isadora Duncan e Martha Graham. O programa inclui, ainda, coreografias de Dominique Bagouet, representante da *Nouvelle Danse Française* dos anos 80; Russel Maliphant, William Forsythe, Maguy Marin e de Lia Rodrigues, G. Fromanger, D. Deschamps, três coreógrafos singulares cujo a obra vem ao Brasil pela primeira vez iniciando turnê pelo Ceará.

O atual Centre Chorégraphique National - Ballet de Lorraine é uma das primeiras companhias de criação e de peças de repertório da França, dirigido por Didier Deschamps desde 2000. Desenvolve projeto voltado à diversidade da criação coreográfica e de repertório, com grupo de bailarinos permanentes.

www.ballet-de-lorraine.com



Foto: Laurent Philipe

Isadora Duncan La mère (1921) 2min50s

Sob uma única diagonal que simboliza o percurso de uma vida, a mãe coloca no mundo Nina, e acompanha sua criança até a idade adulta.

coreografia: Isadora Duncan | música: Scriabine | remontador da dança: Elisabeth Schwartz | iluminação: Thibault Leblanc | maître de ballet: Isabelle Bourgeais

Isadora Duncan Étude révolutionnaire (1921) 2min16s

Com música de Scriabine, a peça evoca o combate da classe trabalhista.

coreografia: Isadora Duncan | música: Scriabine | remontador da dança: Elisabeth Schwartz | iluminação: Thibault Leblanc | maître de ballet: Isabelle Bourgeais

Martha Graham Lamentation (1930) 3min44s

Uma 'dança da dor'. Não a dor de uma pessoa específica, de um período ou de um lugar, mas sim a personificação da pena em si.

coreografia e figurino: Martha Graham | música: Zoltán Kodály | iluminação original: Martha Graham adaptada por Beverly Emmons | remontador da dança: Peggy Lyman | ensaiadora: Isabelle Bourgeais

Dominique Bagouet Une danse blanche avec Eliane (1980) 8min

Trabalho sobre a presença, sobre o 'estar aqui', a qualidade humana: estar aqui não tanto como bailarino, mas como ser humano, homem ou mulher que dança.

coreografia: Dominique Bagouet | músicas: Eliane Lencot, Jo Privat | remontador da dança: Sylvie Giron | remontador da música: Eliane Lencot | figurino: Christine Le Moigne (criação) e Atelier de Couture du Ballet de Lorraine (realização) | iluminação: Thibault Leblanc | ensaiador: Isabelle Bourgeais com colaboração dos libretos de Bagouet | Agradecimentos ao Editions Universelles

Maguy Marin Le duo d'Eden (1986) 13 min

Um homem e uma mulher unidos numa fusão total para não mais se desfazer. Da força de suas danças liberta-se o amor original.

coreografia: Maguy Marin | trilha sonora: Maguy Marin | figurino: Montserrat Casanova assessorada por Louise Marin e René Olivares | luz: Pierre Colomer | cenografia: Maguy Marin

Foto: Laurent Philippe

William Forsythe Steptext (1985) 20min

Fuga da mecânica do ritual teatral. Uma série de 'suspenses' musicais, cenográficos e coreográficos deslocados que criam um ambiente de narração entre uma mulher e três homens.

coreografia: William Forsythe | música: Jean-Sébastien Bach, cânone da 4ª sonata para violino solo em ré menor | cenografia, iluminação e figurino: William Forsythe | ensaiadora: Isabelle Bourgeais

Russel Maliphant Two (1998) 8min

Peça cheia de energia que coloca em cena uma bailarina presa numa caixa de luz, simbolizando assim a fascinação de Russel Maliphant com a relação entre o movimento e a luz.

coreografia: Russell Maliphant | música: Andy Cowton | iluminação: Michael Hulls | ensaiador: Jarro Penttila

Lia Rodrigues, G. Fromanger, D. Deschamps

Hymnen (2007) 1h50min

Painéis luminosos no lugar das bandeiras originais e os figurinos evocam o Pop Art. Um quadro eletrônico, onde se conjugam a rítmica, a precisão, a matemática dos corpos e a geometria do espaço.

sons: Karlheinz Stockhausen | *cores:* Gérard Fromanger | *movimentos:* Didier Deschamps, Lia Rodrigues | *figurino:* Atelier do Ballet de Lorraine | *responsável:* Martine Augsbourger | *assistente:* Phaly Yocourng | *criação de luz:* Olivier Bauer | *colaboradores na criação de Lia Rodrigues:* Micheline Torres, Jamil Cardoso, Celina Portella, Ana Paula Kamozaki, Amália Lima, Allyson Amani, Gustavo Barros, Leo Nabuco, Giovanna Targino, Leo Nunes, Gabrielle Nascimento, Marta Moura | *assistentes de Lia Rodrigues:* Micheline Torres, Jamil Cardoso, Celina Portella, Ana Paula Kamozaki e dramaturgia de Sílvia Soter | *ensaiadores:* Isabelle Bourgeois, Jarmo Penttilä | *direção técnica:* Antoine Watisse | *conselho geral:* Thierry Louis | *som:* Bruno Billaudeau

Foto: Laurent Philippe

16 de outubro | 21h | Teatro José de Alencar
Etude révolutionnaire e La mère (Isadora Duncan), Lamentation (Martha Graham), Une danse blanche avec Eliane (Dominique Bagouet) e Two (Russel Maliphant)

24 de outubro | 21h | Teatro José de Alencar
26 de outubro | 19h | Teatro São João - Sobral
Steptext (W. Forsyte), Le duo d'Eden (Maguy Marin), Etude révolutionnaire e La mère (Isadora Duncan), Lamentation (Martha Graham), Une danse blanche avec Eliane (Dominique Bagouet) e Two (Russel Maliphant)

25 de outubro | 19h30 | Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Hymnen (Lia Rodrigues, G. Fromanger, D. Deschamps)

Itapipoca | CE

Cia. Balé Baião de Dança Contemporânea

Sólidos (2007)

1

45min

Tensões e estados corporais criados em solo e expandidos em contato com o espaço-objetos-corpos configuraram os personagens sagrados, lúdicos e poéticos desta cena - matrizes físicas determinantes nos caminhos coreográficos que possibilitam uma quebra súbita e criação instantânea via improvisação. Imagens inacabadas, nas quais saudosismo, inquietude, afetos e ritos se manifestam e ao mesmo tempo calam-se nos corpos distintos dos intérpretes.

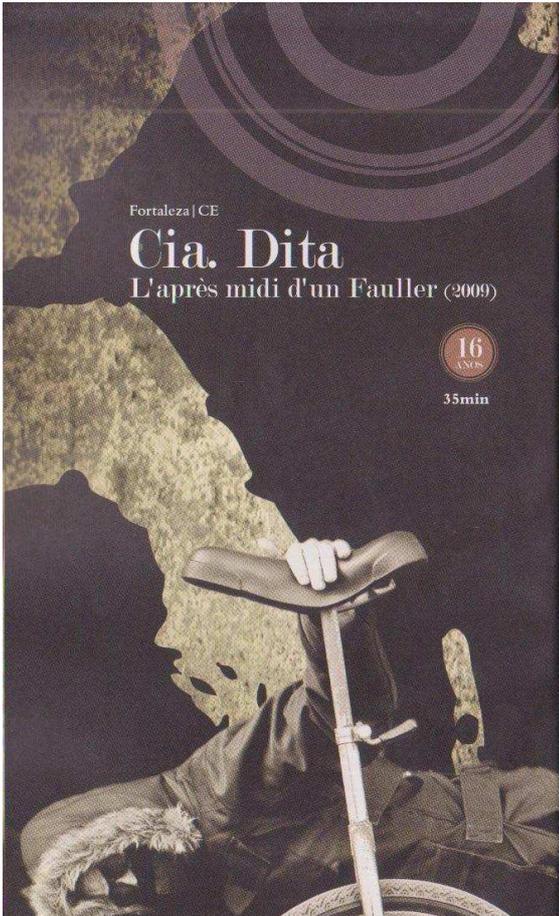
direção/concepção: Gerson Moreno | *produção:* Gledson Sousa | *intérpretes:* Cacheado Braga, Edileusa Inácio, Glacieli Farias, Gustavo Rodrigo, Gerson Moreno, Raniel de Souza, Vaneila Ramos, Viana Júnior | *acompanhamento/Iluminação:* Luciano Caeau | *trilha sonora:* Música Antoral (Cacheado Braga) - Divino (Rita Ribeiro) - Caboré (Banda de Pifanos de Caruaru) - Remixagem Rasga (Quinteto Armorial) - O paraíso (Madre Deus) - Pareia (Mestre Ambrósio) - Va Tacito e Nascosto (Georg Friedrich Handel na voz de Edson Cordeiro)

Atualmente há 15 anos, a Cia. Balé Baião de Dança Contemporânea desenvolve um contínuo trabalho de pesquisa, criação, produção e difusão da dança cênica no interior cearense. Dirigida por Gerson Moreno, apresenta em seu repertório espetáculos de cunho humanista e filosófico, onde movimento e gesto ganham significação e expressividade poética. Em sua trajetória, somam-se quatro premiações via Edital de Incentivo às Artes (Secul).

30 de outubro | 18h | Sesc Senac Itacema

22 de outubro | 19h | Centro Cultural Bom Jardim

Foto: Jessica Marques



Fortaleza | CE

Cia. Dita

L'après midi d'un Fauller (2009)

16 ANOS

35min

31

Europeizado e/ou antropofagizado? Deeslque e/ou mapa? Como ser e/ou não ser um brasileirocearense? O Pequeno Príncipe e/ou Iracema? Marcel Duchamp e/ou Zé Pinto? Deslocamentos multiculturais de resistência artística que fazem da obra pesquisa *L'après midi d'un Fauller* uma dança política e poética que constrói no corpo e na cena possíveis soluções coreográficas e performáticas.

direção, concepção e performance: Fauller | *acompanhamento crítico e orientação artística:* Joubert Arrais | *assistência coreográfica:* Wilemara Barros | *luz:* Fábio Oliveira | *sons:* Wilemarina Barros | *músicas:* Nara Leão, Caetano Veloso, aula de França-Fornu | *sons de dentista* | *fotografia:* Gessica Marques | *produção:* Cristiane Pires

A Cia. Dita é um "lugar de procura", pesquisa e produção artística. Ao longo de seis anos de existência vem circulando por eventos que se relacionam com a dança e o vídeo, como: Mostra Fora-Do-Eixo (SP), Encontro Coreográfico de Santo André (SP), FID-Fórum Internacional de Dança (Belo Horizonte), Festival Ibero-americano de Cinema - Cine Ceará, Festival Internacional de Cinema de Brasília, Simpósio Internacional de Filosofia de Fortaleza, Bienal Internacional de Dança do Ceará, Encontro Internacional de Artes Cênicas (Zona de Transição) e Festival Brasil Move Berlin.

www.ciadita.com

17 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Gessica Marques



Fortaleza | CE

Cia. Etra

Entre e saia para as entre salas (2007)

L

35min

33

O que fazer diante de conflitos de relacionamentos? Entro, saio ou fico entre? Conhecer inúmeras possibilidades de transformar essa simples pergunta em movimento... O cotidiano de uma casa e as diversas relações entre pessoas e objetos, o inesperado e as incertezas.

direção e coreografia: Edvan Monteiro | *música:* trilha original de Paulo Márcio (DJ Dexter), em parceria com Edvan Monteiro | *elenco:* Silvana Marques, Davi Soares, Mônica Marques, Rafael Abreu | *foto e vídeo:* Alex Hermes

A Cia. Etra de Dança Contemporânea surgiu em 2001 das inquietações por uma proposta estética unida à necessidade de pesquisa de movimento do coreógrafo Edvan Monteiro e da bailarina Ariadne Filipe, ambos recém saídos do Colégio de Dança do Ceará. O convite de um grupo de dança da Unesp de Araraquara/SP (Universidade Estadual Paulista) para um intercâmbio de informações por um ano foi essencial para fundamentar as pesquisas da companhia, que vem participando de festivais e tendo incentivos de editais para montagem de espetáculos e manutenção do grupo.

23 de outubro | 19h | Sesc Juazeiro
25 de outubro | 19h | Teatro São João - Sobral

Foto: Alex Hermes

Fortaleza | CE

L

Cia. Vatá 30min

Assim é se lhe parece... (2009)

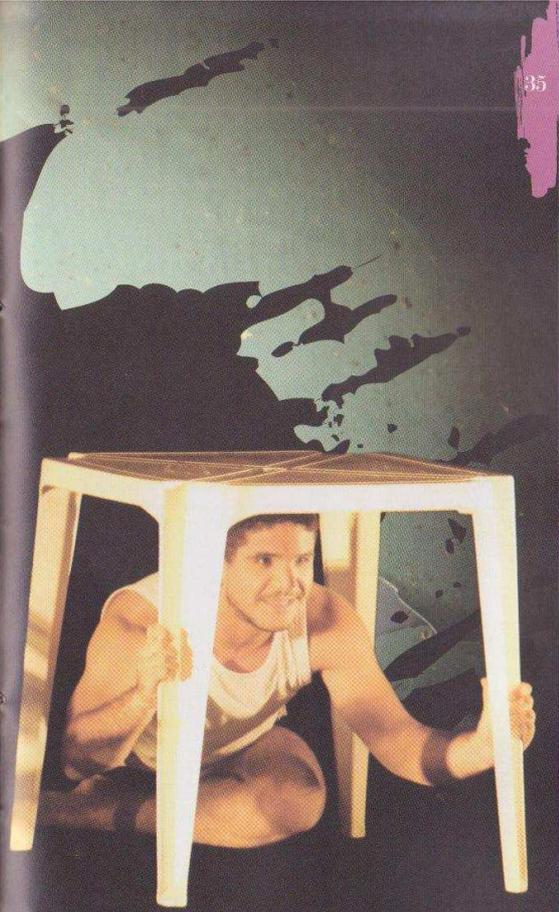
Interdiscurso entre corpo, memória e poesia. Dança que toma do texto clariciano e da poesia de Fernando Pessoa um diálogo que questiona com o público uma nova possibilidade de movimentos. Porque "a vida de cada pessoa é inacreditável" e porque é preciso "ser natural e calmo", a dança de todo ser humano se torna possível, principalmente quando o que a mobiliza motiva questões sobre nossa função de Ser e Estar no mundo.

direção geral e coreografia: Valéria Pinheiro | *música original:* Luciana Costa | *intérprete criador:* JP Lima | *direção de cena:* Marcos Alexandre | *preparo físico:* Elaine Fonseca e Valéria Pinheiro.

Fundada em 1994, no Rio de Janeiro, a Cia. Vatá atuou no cenário artístico carioca pesquisando a linguagem do sapateado e dos ritmos e danças brasileiras trilhadas a partir de uma proposta contemporânea. Em 2000, transfere-se para o Ceará e compõe um corpo de dançarinos, músicos e atores cearenses. Seus impulsos criativos estão nas pontes entre tradição e contemporaneidade em que a música exerce papel importante.

21 de outubro - Ish | Sose Senae Iracema

Foto: Alex Hermes



12
ANOS

Cie. Toulia Limnaios (DE) 70min

Les Possédés (2009)

A peça é baseada na descrição de diversos personagens e na descrição psicológica da humanidade de Dostoevsky. Os personagens são pegos em situações surreais, confusas e sinistras; são presos, entrelaçados na trama de seus próprios medos, divididos entre autoconfiança e incerteza, desejo e falha, poder e abuso, idealismo e fanatismo.

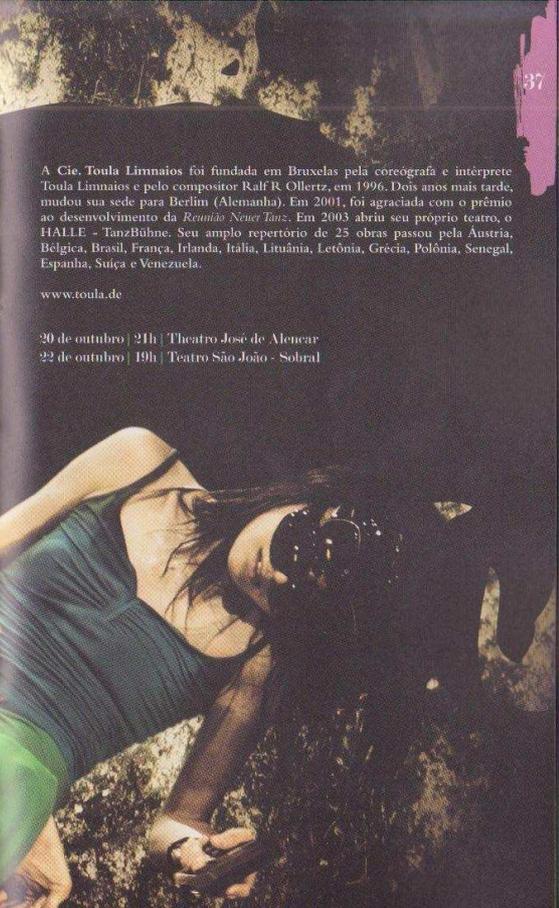
concepção e coreografia: Toulia Limnaios | *música:* Ralf R. Ollertz | *elenco/criação:* Mercedes Appugliese, Fleur Conlon, Kayoko Minami, Clebio Oliveira, Ute Pliestermann, Hironori Sugata | *desenho de luz:* Maximilian Stelzl | *figurino:* Antonia Limnaios, Toulia Limnaios | *assistência:* Felipe Luck | *relações públicas:* Silke Wiethe | *mídia visual:* Cyan | *Administrador de turnê:* Maximilian v. Aulock | A Cie. Toulia Limnaios é produzida e coproduzida por Halle Tanzbühne Berlin; possibilitado pelo suporte do Departamento Cultural da Cidade de Berlim e do Fundo Germânico para Artes de Palco

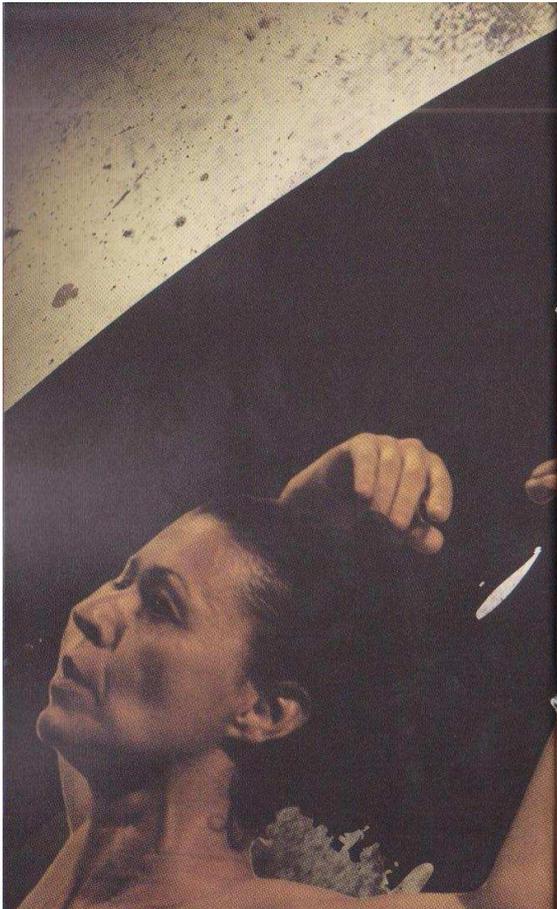
A Cie. Toulia Limnaios foi fundada em Bruxelas pela coreógrafa e intérprete Toulia Limnaios e pelo compositor Ralf R. Ollertz, em 1996. Dois anos mais tarde, mudou sua sede para Berlim (Alemanha). Em 2001, foi agraciada com o prêmio ao desenvolvimento da *Resumo Neuer Tanz*. Em 2003 abriu seu próprio teatro, o HALLE - TanzBühne. Seu amplo repertório de 25 obras passou pela Áustria, Bélgica, Brasil, França, Irlanda, Itália, Lituânia, Letônia, Grécia, Polónia, Senegal, Espanha, Suíça e Venezuela.

www.toula.de

20 de outubro | 21h | Teatro José de Alencar
22 de outubro | 19h | Teatro São João - Sobral

Foto: Cyan





39

Denise Stutz (RJ)

Três solos em um tempo (2008)

Três criações sob a questão da memória inscrita de um corpo revelam numa só obra as relações de uma identidade na dança, na cena e no movimento desta bailarina. *DeCor* (2003), *Absolutamente Sô* (2005) e *Estudo para Impressões* (2007) se entrelaçam num jogo com o espaço e o tempo, numa interlocução com a plateia, que é convidada a um olhar de contemplação, imagens e pensamentos.

texto, direção e interpretação Denise Stutz | *música* Claire de Lune - Claude Debussy | *cenário e iluminação* Keller Veiga | *assistência de cenografia* Michelly Ferreira, Guilherme Stutz | *programação visual* Paula Delacave | *produção* Fomenta

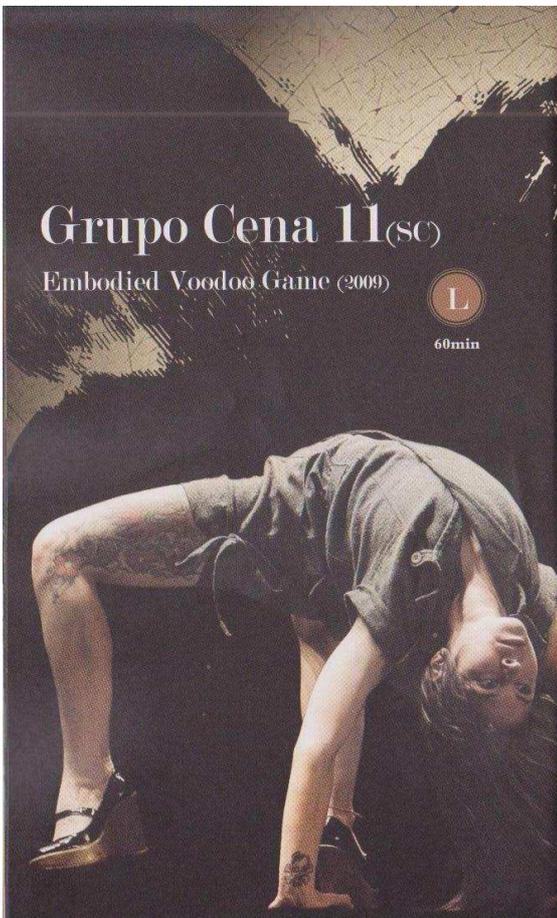
Denise Stutz iniciou seus estudos de dança em Belo Horizonte. Em 1975, junto a outros 10 bailarinos, fundou o Grupo Corpo. Trabalhou com Lia Rodrigues como bailarina, professora e assistente de direção. Foi professora do Curso Técnico da Escola Angel Viana. A partir de 2003 começa a desenvolver trabalho solo, apresentando-se na França, Espanha e África. O solo *DeCor* foi apontado pela crítica de "O Globo" como um dos dez melhores espetáculos apresentados no Rio de Janeiro, em 2004. Em 2008 trabalhou uma releitura dos seus trabalhos em *3 solos em 1 tempo*, apresentando-se no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Goiânia, Madri e Berlim.

19 de outubro | 18h | Sesc Senac Itacema

18 ANOS

40 min

Foto: Marta Asparen



41

Grupo Cena 11 (SC)

Embodied Voodoo Game (2009)

L

60min

Corpo vodu e video-game: as funções de corpo do Grupo Cena 11 correlacionadas com o conceito de game play – qualidade de engajamento do jogador que inclui sua experiência interativa com um sistema de jogo. Esta formulação coreográfica do Grupo focaliza a função de corpo vodu como elemento correlato à investigação corpo-joystick-jogador, no desenvolvimento de sistemas de jogos interativos.

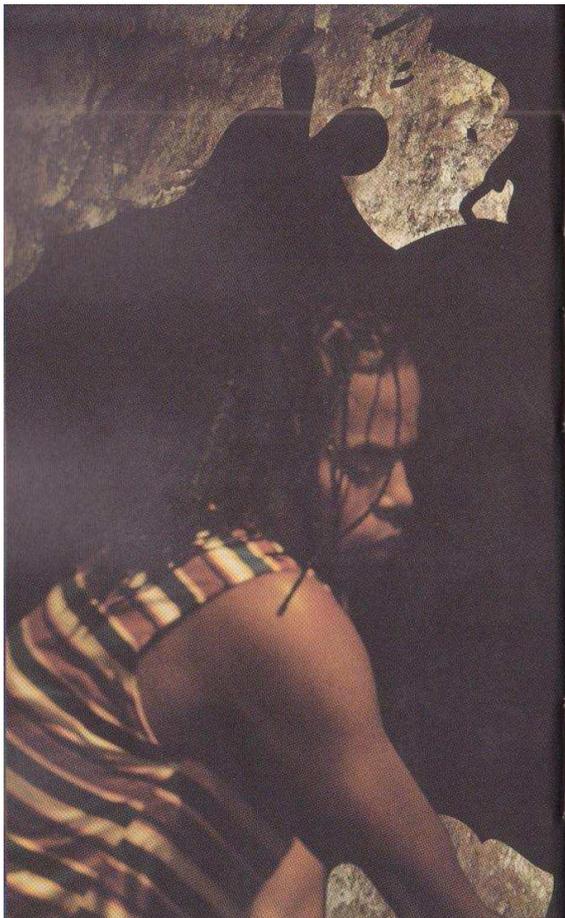
direção artística e coreografia: Alejandro Ahmed | *elenco e coreografia:* Adilso Machado, Aline Blasius, Cláudia Shimura, Jussara Belchior, Karin Serafin, Leticia Lamela, Marcos Klamm, Mariana Romagnani | *trilha sonora e coordenação de montagem:* Hedra Rockenbach | *operação de som, luz e projeção:* Alejandro Ahmed e Hedra Rockenbach | *figurino:* Karin Serafin | *ilustrações:* Pedro Franz | *fotos e operação de câmera:* Cristiano Prim | *acelerômetro:* sistema desenvolvido para "PF4ESR1" (*Pequenas Frestas de Fluição Sobre Realidade Insistente*, 2007) por Tiago Romagnani | *núcleo de criação:* Alejandro Ahmed, Karin Serafin, Hedra Rockenbach | *cabelos:* Robson Vieira | *sede e preparação técnica:* Academia Catarinense de Ginástica | *opio:* Colégio Catarinense | *co-produção:* Itaú Cultural

O Grupo Cena 11 Cia. de Dança desenvolve uma técnica particular e instaura projetos de pesquisa e formação, sempre com o propósito de confluir teoria e prática no entendimento de dança. Em 1994, sob direção de Alejandro Ahmed, produz seu primeiro espetáculo, *Respostas sobre dor*, e a partir de 1998 atua profissionalmente, circulando por todas as regiões do país e fora dele, como na Alemanha e em Portugal. O Grupo trabalha no sentido de agregar e trocar com artistas, público e teóricos, conceitos éticos e estéticos sobre o corpo e o ambiente onde este está inserido.

www.cena11.com.br

21 de outubro | 21h | Theatro José de Alencar

Foto: Cristiano Prim



Fortaleza|CE

43

Grupo N[∞]

Sistemas...
Nada a declarar...
Somos vários... (2008)

L

40 min

Corpo pessoa, corpo brincante, corpo ambiente, corpo cultura, corpo memória, os vários sentidos e significados evocados por essa palavra que é corpo foram impulsionadores na pesquisa e composição da dança dos distintos corpos. Espaço/tempo de encontro com o outro, numa relação que ansiava o contato, o contágio e na qual se desdobravam novas possibilidades de sentidos e saberes.

direção: Carlos Antonio dos Santos | *intérpretes criadores:* Carlos Antonio e João Mourão | *luz:* Felipe Hollanda | *registro visual:* Mônica Maciel | *vídeo-rizoma:* Carlos Antonio dos Santos | *trilha:* Dos Santos | *figurino:* Carlos & João | *fotos:* Dos Santos

Criado em 2003 o Grupo N[∞] é dirigido pelo ator e bailarino Carlos Santos, que iniciou seus estudos na Escola de Dança Núcleo Artístico, direção de Marjore Quest, em Belo Horizonte, de 1982 a 1988. Desde sua formação, o grupo já foi premiado no Edital de Incentivo às Artes da Secult/CE, nos anos de 2004 e 2007, no Edital das Artes da Funcet/CE, em 2006, da Segultior, de 2007/2008 e recebeu o Prêmio Klaus Vianna de Dança, em 2007.

21 de outubro | 19h | Centro Cultural Bom Jardim
23 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Alex Hermes



45

J.Gar.Cia Dança Contemporânea (SP)

Cantinho de nós (2005)

L

55min

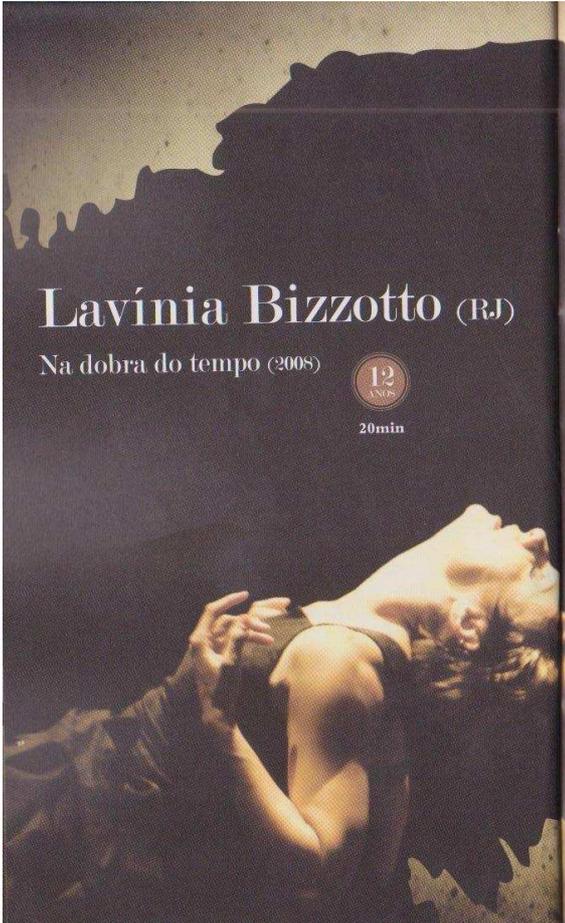
Um lugar, um canto, uma canção, um conto. Inspirado em cantos e contos populares brasileiros a partir do álbum Músicas do Brasil e dos livros Maracatu do Baque Solto (Pedro Ribeiro e Maria Lúcia Montes) e Contos Tradicionais do Brasil (Câmara Cascudo), o trabalho se resume na transformação do ambiente nostálgico e religioso dos cortadores de cana-de-açúcar da zona-da-mata de Pernambuco para um ambiente rítmico, dançante e surreal do carnaval de Olinda.

direção artística e concepção: Jorge Garcia | *coreografia:* Henrique Lima, Jorge Garcia e Marisa Bucoff | *elenco:* Alexandre Magno, Jorge Garcia, Marisa Bucoff, André Graça, Amanda Raimundo | *música:* Cantos Populares Brasileiros e Dj Dolores | *cenário:* Henrique Lima e Jorge Garcia | *figurinos:* Marisa Bucoff e Jorge Garcia | *desenho de luz:* Ari Buccioni | *sonoplastia:* Amanda Raimundo | *produção executiva:* Cria da Casa Produções Culturais (Wilson Aguiar e Priscila Wille) | *designer gráfico:* Sonaly Macedo | *DVD:* Osmar Zampieri

Jorge Garcia foi bailarino de companhias como Cisne Negro Cia de Dança e coreógrafo do Balé da Cidade de São Paulo. Fundou o .P.U.L.T.S., Teatro Coreográfico e o GRUA - Grupo de Improviso, vídeo e performance. Com a J.Gar.Cia Dança Contemporânea, criada em 2005, vem se apropriando da cultura popular brasileira, promovendo diálogos com o cotidiano urbano e a complexidade da vida contemporânea.

18 de outubro | 21h | Teatro Dragão do Mar
22 de outubro | 19h | Sesc Juazeiro

Fotos: Sílvia Machado



Lavinia Bizzotto (RJ)
Na dobra do tempo (2008)

12 ANOS
20min

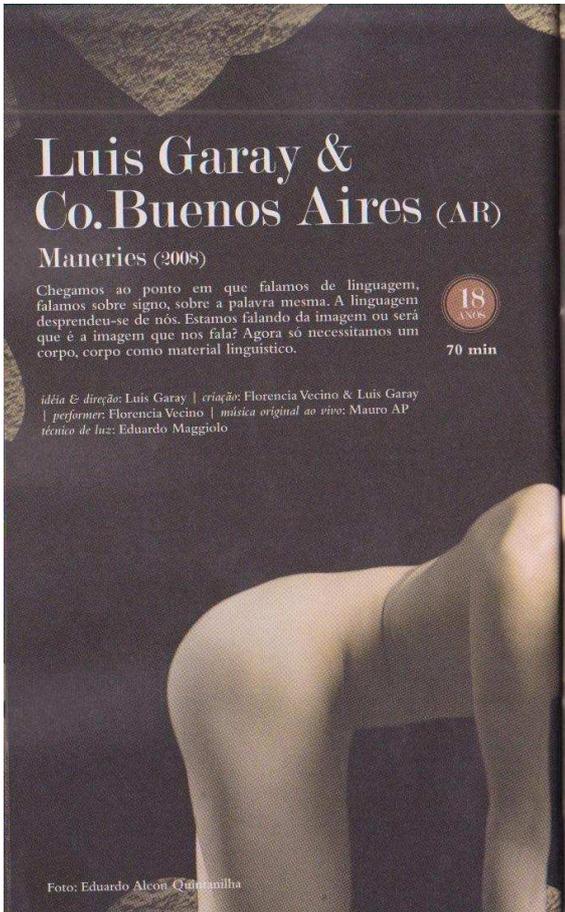
Um solo sobre o virtuosismo do prosaico e do simples, a partir de poses de espera e gestos inacabados. O movimento familiar torna-se estranho pela manipulação de suas dinâmicas, acelerando algumas passagens, borrando ou suspendendo outras. O corpo se permite ver pensando e avaliando possibilidades de ação no momento mesmo da performance, como se cada gesto ou movimento surgisse naquele instante.

intérprete: Lavinia Bizzotto | *coreografia:* Juliana Moraes | *composição e execução musical:* Bruce Henri | *desenho de luz:* André Boll | *figurino:* Lavinia Bizzotto e Juliana Moraes | *produção executiva:* Bruce Henri

Lavinia Bizzotto começou sua carreira como bailarina na Quasar Cia. de Dança, em 1997, onde mais tarde acumulou a posição de ensaiadora do grupo (2004-2007). Trabalha como atriz, bailarina e diretora de movimento de peças, curtas e longas metragens. Foi convidada pelo SESC RJ a participar do projeto *Solos de Dança* (2008), o qual resultou no solo *Na Dobra do Tempo*. Atua profissionalmente na Cia. de Dança Renato Veicira.

20 de outubro | 19h | Sesc Juazeiro
22 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Renato Mangolin



Luis Garay & Co. Buenos Aires (AR)
Maneries (2008)

18 ANOS
70 min

Chegamos ao ponto em que falamos de linguagem, falamos sobre signo, sobre a palavra mesma. A linguagem desprende-se de nós. Estamos falando da imagem ou será que é a imagem que nos fala? Agora só necessitamos um corpo, corpo como material linguístico.

idéia & direção: Luis Garay | *criação:* Florencia Vecino & Luis Garay | *performer:* Florencia Vecino | *música original ao vivo:* Mauro AP | *técnico de luz:* Eduardo Maggiolo

Luis Garay formou-se na Fundación Ballet de Welton de Bogotá, Colômbia, na Cat People Cia de Joensuu (Finlândia), no CND Muihouse-Opera de Rhin e La Cartoucherie de Carolyn Carlson (França) e é pós-graduado no Taller de Danza del Teatro General San Martín, de Buenos Aires (Argentina). Foi indicado ao Prêmio Clarín, em 2005.

22 de outubro | 21h | Sesc Senac Itacema
24 de outubro | 19h | Teatro São João - Sobral

Foto: Eduardo Alcon, Olfatunilha

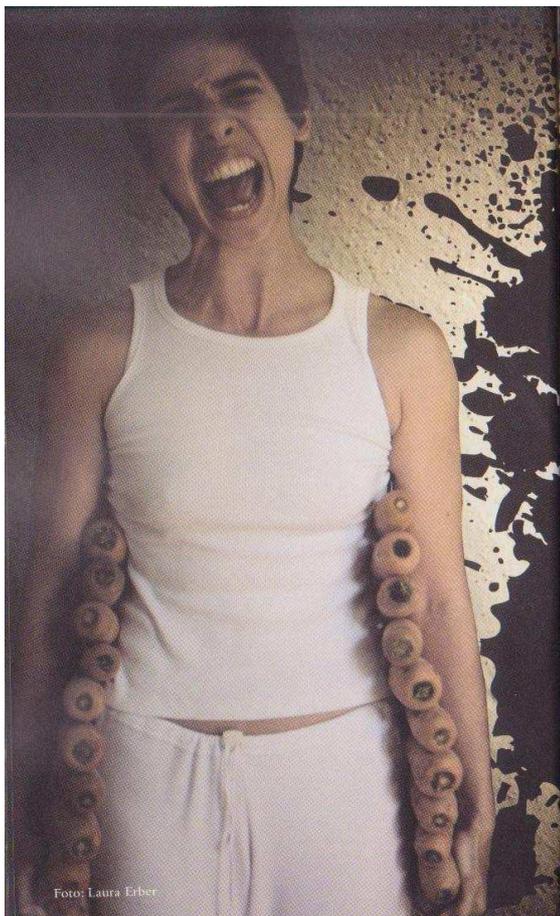


Foto: Laura Erber

Marcela Levi Flávia Meireles (RJ)

12
ANOS

40 min

51

Em redor do buraco tudo é beira (2008/09)

Uma fábula sem história. Um jogo de associações. Um lugar onde o pensamento salta de uma situação para outra sem justificativa. Saltar, interromper, cortar, borrar foram algumas das ações/estratégias usadas para criar espaços e estados provisórios.

direção artística: Marcela Levi | *criação e interpretação:* Flávia Meireles e Marcela Levi | *colaboração dramaturgica:* Laura Erber | *assistência de direção:* Denise Stutz | *luz:* Fábio Retti | *música:* Marcela Levi e Bruno Rezende | *produção:* Marcela Levi | *figurino:* Laura Erber e Marcela Levi | *diffusão:* Carla Mullulo e João Braune - Fomenta Produções | *co-produção:* Bienal Internacional de Dança do Ceará 2009 | *residência artística e apoio:* Espaço SESC - Rio de Janeiro e Bienal Internacional de Dança do Ceará 2009 | *apoio:* Casa da Glória | Projeto contemplado pela Fundação Nacional de Artes - Funarte - no Programa Bolsas de Estímulo à Criação Artística | *agradecimentos:* Sérgio Rezende, Cinetea Mortera, Claudia Garcia, Nicolas Brandier, Wolmir Cordeiro, Maria Alice Rabelo, Karl Erik Schollhammer, Benedito e Inacema Meireles, Micheline Torres e Bia Radunski | O processo de finalização do espetáculo foi realizado em Fortaleza e acompanhado por quatro alunos do Curso Técnico em Dança (IACC/Secult/Senac)

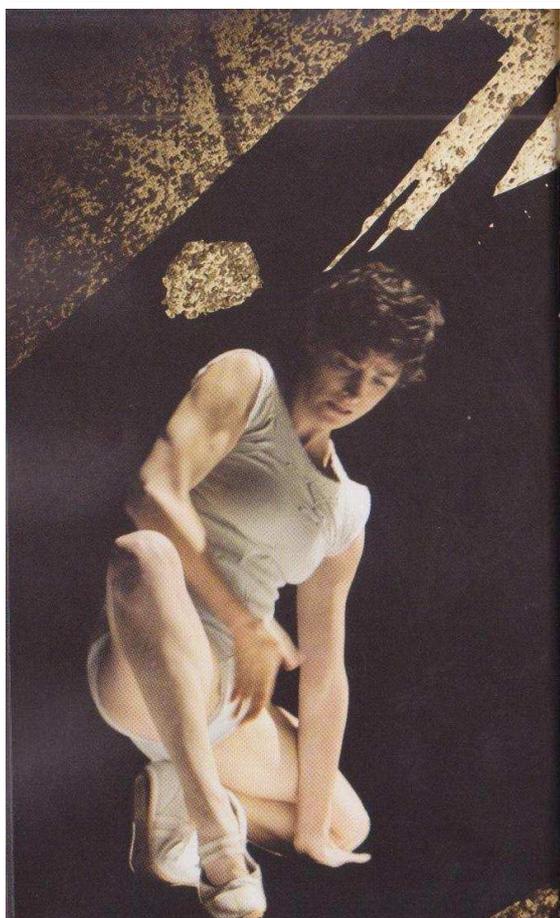
Marcela Levi, performer e coreógrafa, integrou a Lia Rodrigues Cia. de Danças e desenvolve projetos entre dança contemporânea e artes visuais. Tem sido premiada em editais e vem participando de festivais e centros de arte na América Latina e Europa.

Flávia Meireles é performer e colaborou com artistas como João Saldanha, Marcela Levi, Gustavo Ciriaco, Paulo Caldas, Micheline Torres. Leciona no Curso Técnico da Escola Anna Viana.

Laura Erber tem trabalhado em constante trânsito entre linguagens; entre palavra, imagem e corpo. Suas obras foram exibidas em diversos festivais internacionais de cinema e vídeo, além de centros de arte no Brasil e na Europa.

www.marcelalevi.com
www.flaviameireles.com

17 e 18 de outubro | 18h | Sesc Senac - Itacema
23 de outubro | 20h | Cinea Che Guevara - Barra do Coará



Marina Brusco (AR)

Chito (2007)

L

30min

53

Um corpo que se manifesta inseparavelmente do espaço teatral que ocupa, ao mesmo tempo em que se encontra preso a esta paisagem. Uma ambigüidade entre imagem, corpo; sonho e fracasso. A imagem é mantida num buraco, no avesso que habita o humano, e não se configura na imagem desnuda, mas na imaginação.

concepção, direção, coreografia e interpretação: Marina Brusco | *música original:* Jorge Grela | *cenografia:* Mirella Hoijman | *desenho de luz:* Fernando Berreta | *figurino:* Mariela Berenbaum | *colaboração artística e assistência geral:* Silvana Duna | *assessoria teórica:* Alejandra Vignolo | *fotos de divulgação:* Pablo Méndez | *agradecimento especial:* Susana Tambutti | Obra realizada através de subsídio de criação da PRODANZA.

Marina Brusco é coreógrafa, bailarina e professora de dança. Profissionalizou-se no Teatro San Martín (Argentina). Recebeu prêmios e bolsas da Fundación Antorchas, Fondo Nacional de las Artes y ADF e subsídio da Prodanza para criar *Chito*. É professora do Instituto Universitario Nacional de Arte (IUNA), do Centro Cultural Rojas de la Universidad de Buenos Aires e da Escuela de Danzas del estado.

21 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar
24 de outubro | 20h | Cinea Che Guevara - Barra do Coará

Foto: Pablo Mendez



55

L
60min

Norma Claire (GF)

Va, vis (2007)

A dança explora a forte ligação emocional entre mãe e filho. Nelson, filho de Norma Claire, desenvolve um léxico de hip-hop que aplica os movimentos mais tradicionais da mãe – numa dinâmica que revela as particularidades da relação pais – filhos. A música, ao vivo, acentua a cena do universo coreográfico.

Fotos: David Merle

ballarinos: Norma Claire, Nelson Ewandé | *músicos:* Anssoumana Kanté, Adama Conde | *concepção musical e arranjos:* Norma Claire, Pierre Millour e Isabelle Aberdam | *luz:* Patrick Rimoux assistorado por Erick Plaza-Cochet | *figurino:* Erick Plaza-Cochet | *cenografia:* Norma Claire e Erick Plaza Cochet

Coreógrafa e professora, Norma Claire propõe uma arte multicultural, no confluente de sua origem na Guiana Francesa, das raízes africanas e da cultura ocidental na qual se criou. Dessa multiplicidade decorre uma dança mestíca, fluida e expressiva, em diálogo com a linguagem contemporânea. Cria sua companhia em 1992 e, desde 1996, dirige e organiza em seu país projetos importantes: estágios, residências e festivais.

www.compagnienormaclaire.com

25 de outubro | 18h | Teatro Dragão do Mar



57

Paracuru | CE

L
30min

Paracuru Cia. de Dança

Dois pontos (2009)

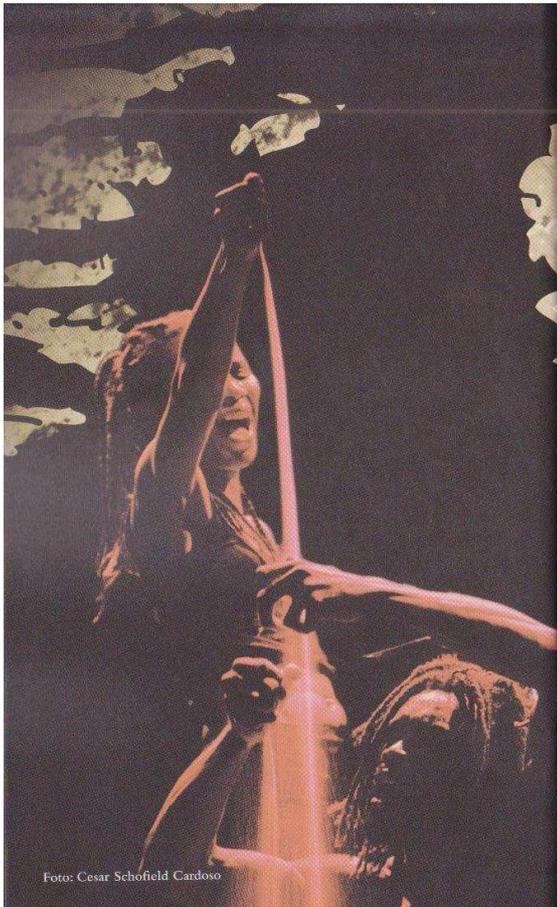
A paixão sem limites e a solidão como elementos vitais.

concepção coreográfica: Ivaldo Mendonça | *direção artística:* Flávio Sampaio | *ballarinos:* Alexandro Santiago, Jefferson Freitas, Jocasta de Castro, Lairton Freitas, Miliane Moura, Rochele Conde, Wanderson de Sousa | *figurino e cenário:* Ivaldo Mendonça | *iluminação:* Flávio Sampaio | *música:* Encre

Criada em 2000 por um grupo de jovens da cidade, e dirigida pelo bailarino Flávio Sampaio, a Paracuru Cia. de Dança levar à comunidade ações artísticas que divulgam a dança. Com estilo contemporâneo, os bailarinos têm em sua formação técnicas de dança variadas, como: danças de salão, danças de rua, jazz, dança moderna e balé clássico. Os bailarinos também atuam como professores da Escola de Dança de Paracuru, que atende 200 crianças e adolescentes.

16 de outubro | 21h | Teatro José de Alencar
23 de outubro | 19h | Teatro São João - Sobral

Foto: Rogerson Barroso



59

Raiz di Polon (CV)

Ruínas (2007)

16 ANOS

20min

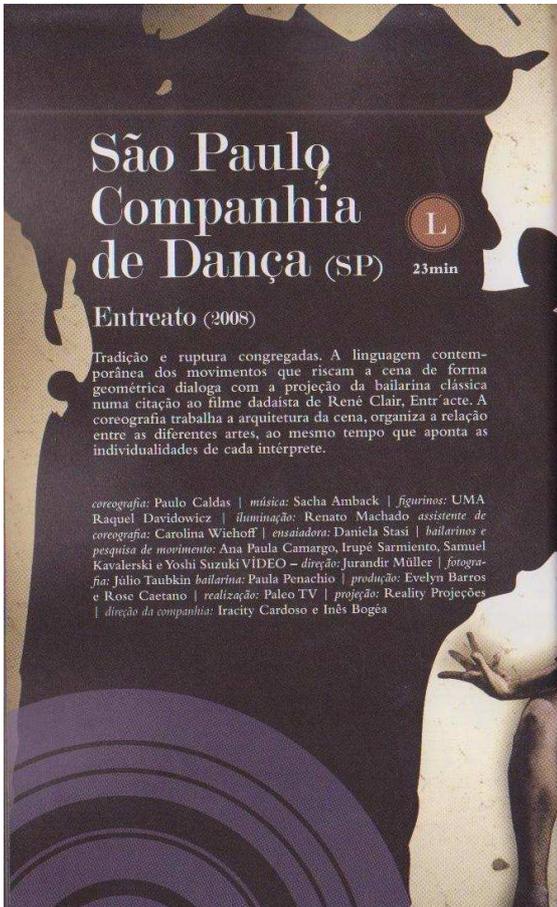
O que está a acontecer conosco "Eu e tu, Praia, Cabo Verde – Humanidade?". Estão as nossas mentes, de fato, arruinadas? Estou à procura! O fato: estas questões perseguem-me; perseguem-te. Já conquistaram um espaço no meu cérebro, arruinando a minha, a nossa "paz de espírito", levando o corpo atrás, numa ruína total e absoluta.

criação: Mano Preto | *direção musical:* Mário Lúcio Sousa | *música original:* Mário Lúcio Sousa, Eugénio Tavares, Abílio Duarte, Jeff Hessney, Raiz di Polon | *intérpretes:* Carlos Oliveira, Elisabete Fernandes, Djamilson Barreto, Luis DaRosa, Mário Lúcio Sousa, Rósy Tavares

Fundada em 1991, Raiz di Polon é um dos muitos grupos de dança cabo-verdianos das várias ilhas do arquipélago. Em 1994 entrou em contato com a dança contemporânea europeia, pelo projeto e espetáculo *Dançar Cabo Verde*, de Clara Andermatt e Paulo Ribeiro. Desde então o grupo desenvolve trabalho pioneiro de promoção de dança contemporânea, em parcerias pelo projeto *Dançar o que é Nosso*; e desde 2006, Raiz di Polon dirige sua própria Escola de Dança.

30 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar
22 de outubro | 20h | Cuca Che Guevara - Barra do Ceará

Foto: Cesar Schofield Cardoso



61

São Paulo Companhia de Dança (SP)

1

23min

Entreato (2008)

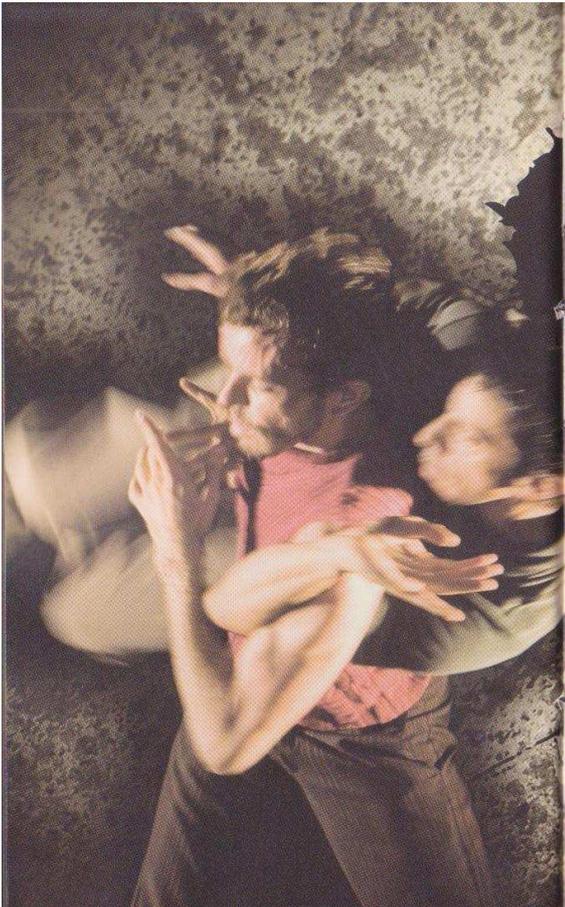
Tradição e ruptura congregadas. A linguagem contemporânea dos movimentos que riscam a cena de forma geométrica dialoga com a projeção da bailarina clássica numa citação ao filme dadaísta de René Clair, *Entr'acte*. A coreografia trabalha a arquitetura da cena, organiza a relação entre as diferentes artes, ao mesmo tempo que aponta as individualidades de cada intérprete.

coreografia: Paulo Caldas | *música:* Sacha Amback | *figurinos:* UMA, Raquel Davidowicz | *iluminação:* Renato Machado assistente de coreografia: Carolina Wiehoff | *ensaiadora:* Daniela Stasi | *bailarinos e pesquisa de movimento:* Ana Paula Camargo, Irupé Sarmiento, Samuel Kavalerski e Yoshi Suzuki VIDEO – *direção:* Jurandir Müller | *fotografia:* Júlio Taubkin *bailarina:* Paula Penachio | *produção:* Evelyn Barros e Rose Caetano | *realização:* Paleo TV | *projeção:* Reality Projeções | *direção da companhia:* Iracly Cardoso e Inês Bogéa

A São Paulo Companhia de Dança, criada em 2008 pelo Governo do Estado, dirigida por Iracly Cardoso e Inês Bogéa, tem em seu repertório obras consagradas, do repertório clássico a criações contemporâneas. A Companhia tem a atribuição de tornar a dança cênica acessível ao grande público, por meio de espetáculos, programas educativos e de formação de platéias, e desenvolve projetos e programas de integração entre dança e outras áreas do conhecimento, criando espaços para debates e discussões, acesso à cultura, à formação e ao aperfeiçoamento dos profissionais da dança.

16 de outubro | 21h | Theatro José de Alencar

Foto: João Caldas



12
ANOS

63

Staccato

Paulo Caldas (RJ)

50min

Quinteto (2008)

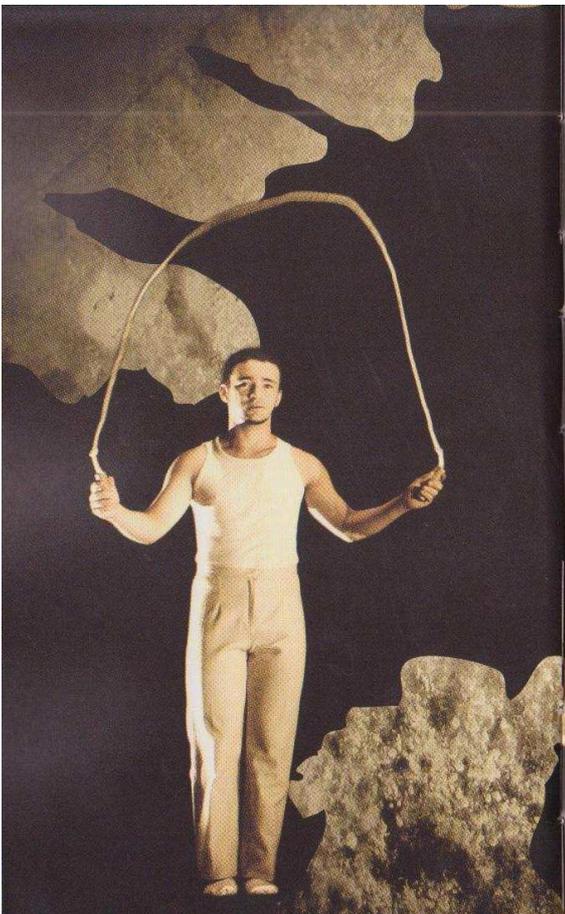
Corpo e movimento no destrinchar de velocidades, lentidões, detenções e deformações. Corpo e movimento em dramaturgia, na produção de vetores do espaço, das tensões no tempo e da arquitetura da cena. Nada para além do corpo, do movimento – em si, para si, a partir de si.

direção e coreografia: Paulo Caldas | *baixarinos e pesquisa de movimento:* Carolina Wichoff, João Paulo Gross, Natasha Mesquita, Paula Maracajá, Tomi Rodrigues | *iluminador:* Renato Machado | *trilha sonora:* Rodrigo Ramalho, Paulo Caldas | *música:* Erkki-Sven Tüür, John Cage, Lepo Sumera, Rodrigo Ramalho | *figurinos:* Ticiane Passos | *foto:* Guilherme Rodrigues | *produção:* Verônica Prates | *apoio:* Centro Coreográfico do Rio de Janeiro | SESC Rio (A Staccato | Paulo Caldas é participante do projeto de Residência Artística do SESC, Rio)

Desde 1993 a Staccato | Paulo Caldas tem investido numa pesquisa de linguagem e numa estética baseada na dramaturgia de movimento. A companhia estabeleceu um universo corporal próprio e em contínua exploração, tanto em sua dimensão expressiva quanto técnica. Ao longo dos anos, sua produção – permeada pela linguagem cinematográfica – foi apresentada na Alemanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Brasil, e tem recebido prêmios e distinções nacionais e internacionais.

Foto: Guilherme Rodrigues

17 de outubro | 21h | Teatro José de Alencar
18 de outubro | 18h | Caca Che Guevara - Barra do Ceará



65

Fortaleza | CE

Teatro Máquina

14
ANOS

Répéter (2009)

40min

Um espaço público, um homem, uma corda, outro homem, uma caixa, quatro rosas, outros dois homens, uma mulher, outra mulher. A espera, o esforço, a surpresa, o non-sense, o duplo, o desencanto. Seis ações em ângulos diferentes, corpos multiplicados, símiles de gestos, espelhamento de situações em torno da despedida.

direção: Fran Teixeira e Márcio Medeiros | *dramaturgia:* Fran Teixeira | *produção:* Joel Monteiro | *elenco:* Aline Silva, Ana Luiza Rios, Edivaldo Batista, Levy Mota, Joel Monteiro e Márcio Medeiros | *arte gráfica:* Frederico Teixeira | *figurino:* Fran Teixeira | *iluminação:* Teatro Máquina | *sonoplastia:* Frederico Teixeira e Levy Mota | *operação de luz:* Tomaz de Aquino | *operação de som:* Jonathan Pessoa

O grupo Teatro Máquina investiga, desde 2003, o teatro como lugar de revisão de si mesmo, através da noção de troca de função (*Funktionswechsel*) brechtiana, em que a dança, a performance, a intervenção sonora, o espaço cênico e o texto dramático se interpenetram e se re-significam. Em seu último trabalho, *O Cantil* (2008), recebeu indicação na Categoria Especial do 21º Prêmio Shell de Teatro de São Paulo, pela técnica desenvolvida coletivamente.

www.teatromaquina.com

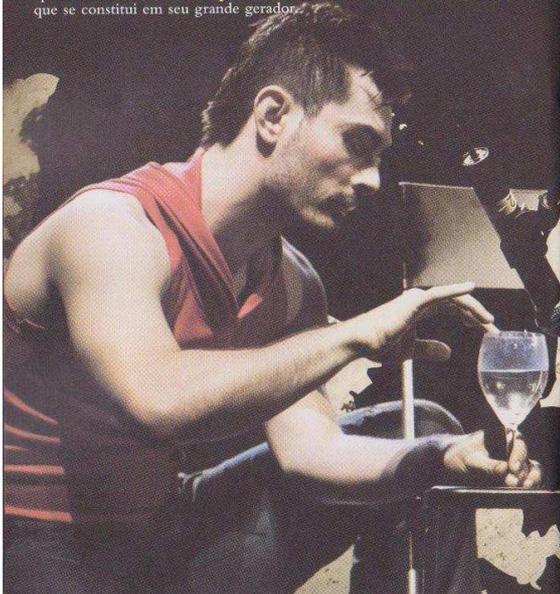
18 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar
23 de outubro | 19h | Centro Cultural Bom Jardim

Foto: Chico Gomes

Vanilton Lakka (MG)

Interferência inacabada...
preste atenção no ruído ao fundo (2007)

Interferência significa intromissão. Num processo de comunicação, uma interferência produz distorções na recepção de seus sinais, que podem ser sonoros, que hibridizam e reinventam matrizes. A pele, aqui, se apresenta como tecido de captura das sonoridades ao mesmo tempo em que se constitui em seu grande gerador.



L coreógrafo e intérprete: Vanilton Lakka | luz: Bruno Rodrigues | música: interferências sonoras DJ/Performer Fernando Prado

40min

Vanilton Lakka, criador intérprete premiado pela Associação Paulista de Críticos de Artes (2005), é Bacharel em Ciências Sociais e membro da Rede Sudamericana de Dança-RSD. Desde 2004 realiza o projeto Circuladança, nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Integra a Cia. Mário Nascimento e desenvolve propostas que discutem a técnica corporal, o formato de obras de dança, a análise e a composição de movimentos em diferentes mídias, como a web, o cinema de dedo e o telefone.

23 de outubro | 18h | Sesc Senac Itacema

Foto: Gorka

67

Vera Mantero (PT)

uma misteriosa Coisa,
disse o e. e. cummings* (1996)

18
ANOS

34 min

O espírito e o paíntro com sua grandeza, amplitude, elevação não anulam o corpo nem têm vergonha do desejo e do sexo, mas vontade de anular a bocalidade, a assustadora burrice, a profunda ignorância, a pobreza de horizontes, o materialismo.

concepção e interpretação: Vera Mantero | caracterização: Alda Salavisa (desenho original de Carlota Lagido) | adereços: Teresa Montalvão | luzes: João Paulo Xavier | adaptação e operação de luzes: Bruno Gaspar | produção executiva: Fórum Dança | apoio: Casa da Juventude de Almada Re.al / Amascultura | produção: Culturgest, Lisboa, 1996 - "Homenagem a Josephine Baker"



Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois (1991)

Cada vez que me ponho a fazer qualquer coisa no campo da arte, da criação, deixo imediatamente de acreditar nela. E as perguntas me habitam: o que a dança diz? O que eu posso dizer com a dança? O que estou a dizer quando danço?

intérprete criadora: Vera Mantero | coreografia: André Lepecki | música: Thelonius Monk "RUBY, MY DEAR" | figurino: Vera Mantero | desenho de luzes: João Paulo Xavier | adaptação e operação de luzes: Bruno Gaspar | produção: Pós D'Arte, 1991 | apoio financeiro: Instituto da Juventude | outros apoios: Comp. de Dança de Lisboa | Uma encomenda do Festival Klapstük 91 no âmbito da Europália Portugal 91

Olympia (1993)

De repente, e apenas por breves minutos, todos os monstros, todos os rebeldes de Goya a Artaud são convocados para testemunharem a história do uso do corpo pela cultura do poder e da rebeldia dos corpos.

concepção e interpretação: Vera Mantero | luzes: João Paulo Xavier | adaptação e operação de luz: Bruno Gaspar | texto: Jean Dubuffet | música: fragmentos de música dos Pigmeus Bakma, Camarões

Vera Mantero foi bailarina do Ballet Gulbenkian (1984/1989). Estudou técnicas de dança contemporânea, voz e teatro, trabalhou com Catherine Diverrés, Alain Buffard, Anna Halprin. Orienta workshops de criação/composição e improvisação. Em 2002 recebeu o Prémio Almada (IPAE/Ministério da Cultura Português) e em 2009 o Prémio Gulbenkian de Arte (Fundação Calouste Gulbenkian), pela sua carreira como criadora e intérprete.

24 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Jorge Gonçalves

69



Foto: Alex Hermes

Programação ESPECIAL

Ocupa-se (2009)

O *Ocupa-se* é um movimento que acontece desde maio de 2009 e é realizado sempre aos sábados. Durante o dia há aulas, exposições e exibição de vídeos, e à noite espetáculos, performances, instalações e festas, sempre com artistas convidados e integrantes do CEM.

Convidados: Paulo José / Honório Felix / Elano Chaves / Daniel Pizamiglio / Cia. Ponto Dança. Nas PICKUPS: Wladimir Cavalcante / Elano Chaves e Jesuíta Barbosa.

17 de outubro | 22h | Artelaria

Apenas para ser VIVIDO (2009)

'Como você se vê daqui a 10 anos?' o espetáculo-instalação trata de encontros com o tempo, a vida, a dança. Um dia para ser vivido por quem anseia por trocas. A convite de Sílvia Moura, artistas vão conviver um dia juntos. Eles percorrerão ruas do Centro e Praia de Iracema, visitando lugares e fazendo interferências. Ao final, realizarão performances e dirão em uma carta como se vêem em daqui a 10 anos, quando farão novo encontro para novas experiências.

direção e coreografia: Sílvia Moura | **assistente:** Paulo José | **vídeo:** Paulo José e Heiner Voigt | **textos:** Honório Felix | **música:** Uirá dos Reis | **fotos:** Alex Hermes, Hélio Creston | **elenco:** Integrantes do CEM, ex-integrantes do CEM, CEM + de Trinta | **convidados:** Honório Felix, Robson Rodrigues (Tango) e os que aparecerem no caminho. **Realização:** CEM e Núcleo DOC Dança da ARTELARIA Produções

19 de outubro | 9h | Saída da Praça José de Alencar e percurso pelo Centro
19 de outubro | 19h às 22h | Estacionamento do Espaço Vila Maria

Terça se Dança (2003)**Convidados:**

IND GENTE - Uma dança para a solidão - CEM
Ensaio sobre Cinderela - Paulo José / Jaime Ferreira e Yuri Salgado.

O Terça se Dança é um projeto do CEM em parceria com o SESC, atualmente residente no Sesc Senac Iracema, que teve início em 2003. O projeto tem sido referência para grupos e companhias de Fortaleza e de outras cidades do Ceará, caracterizando-se como um espaço para experimentações, espetáculos e performances de artistas convidados.

30 de outubro | 20h | Sesc Senac Iracema

Programação ESPECIAL

71

Programação ESPECIAL

Dançando no Poço (2009)**Apresentações:**

A Cadeirinha Eu - Solo de Sílvia Moura
Em BUSCA - CEM - Centro de Experimentações em Movimentos
Hip Hop - Walterberg de Sousa e Grupo Arte em Rua
Dança flamenga - Grupo Tablado
Danças Circulares - Cleo Ramos

Projeto de intervenção na comunidade Poço da Draga. O grupo CEM vem realizando uma aproximação com os moradores do Poço da Draga, com o objetivo de viabilizar o acesso aos espetáculos, projetos e aulas aos que se interessam por dança e arte, possibilitando uma ampliação na qualidade de lazer da comunidade.

24 de outubro | 17h | Comunidade Poço da Draga

A cadeirinha e eu (1994)

Solo de Sílvia Moura que trata dos percursos de uma mulher, da infância à vida adulta, com humor e delicadeza, numa mescla de teatro e dança e travando um diálogo de cumplicidade com a plateia.

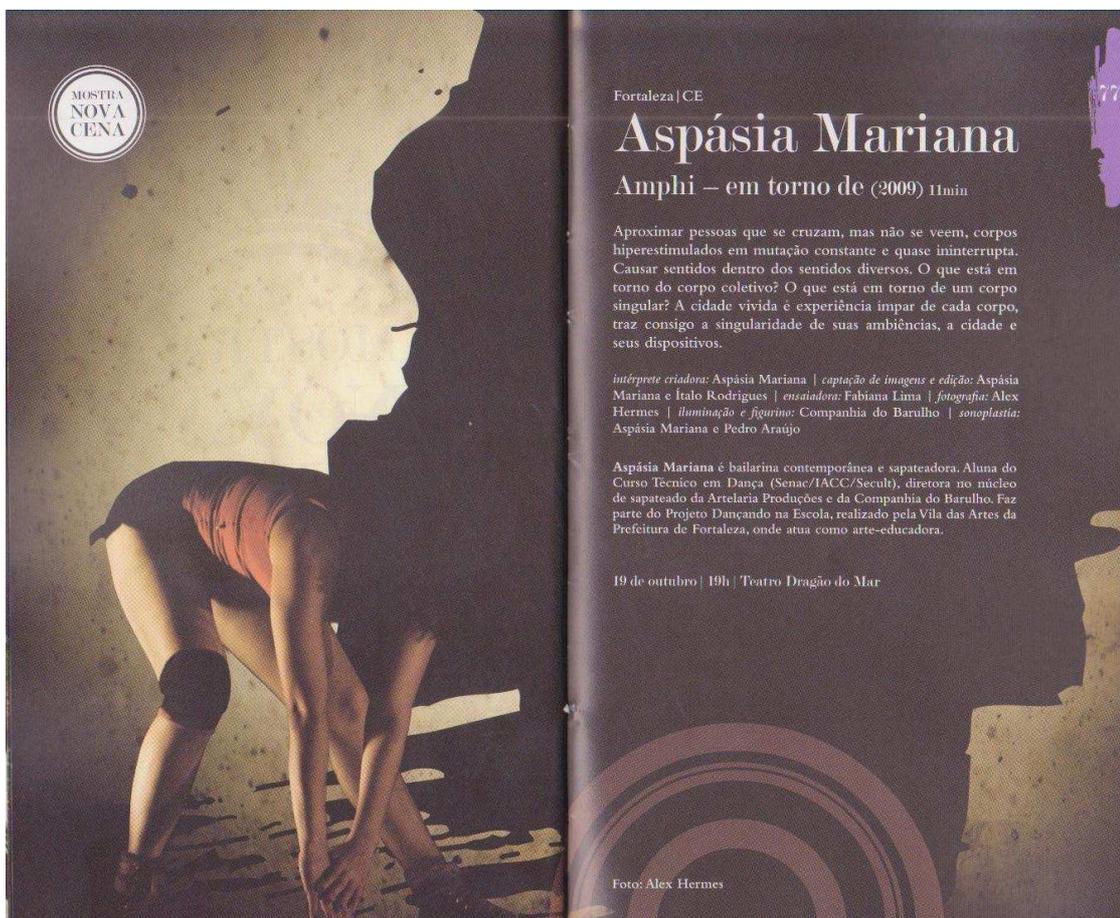
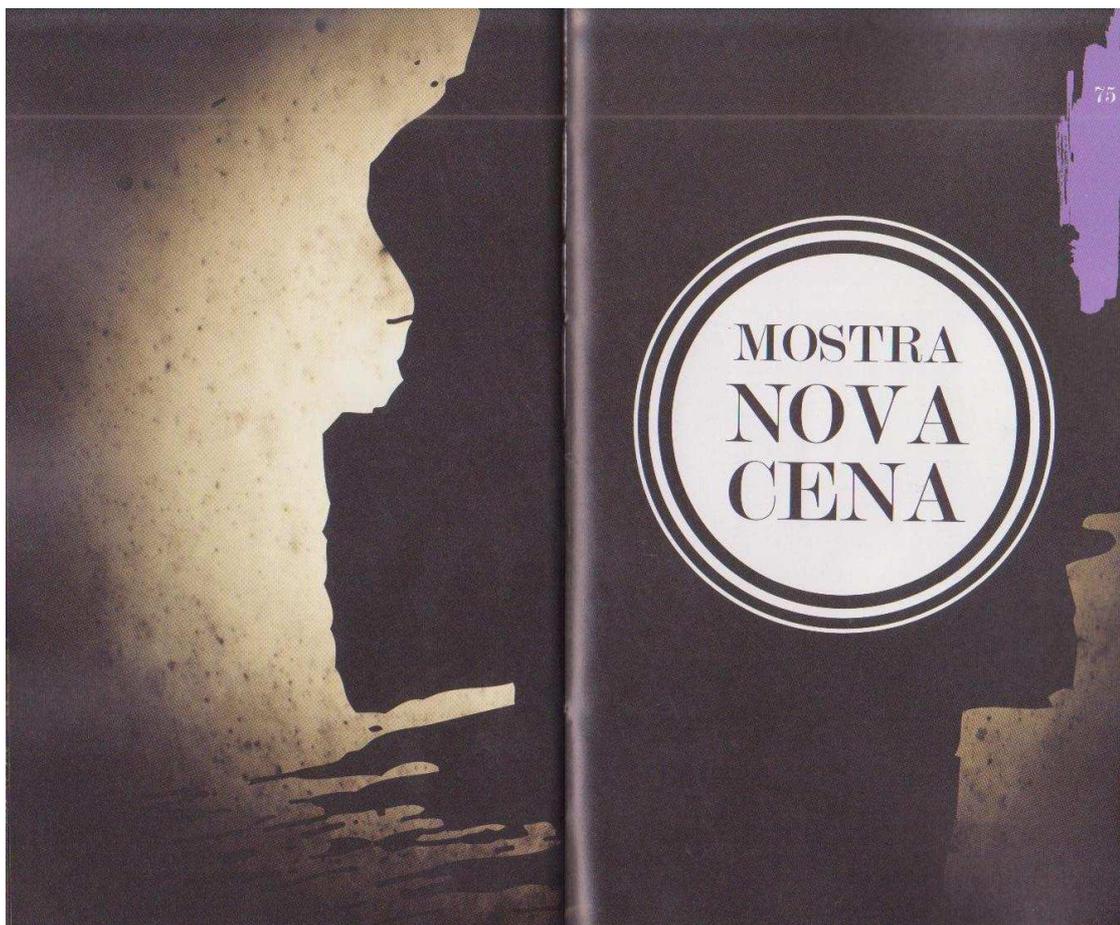
concepção, interpretação e figurino: Sílvia Moura | **trilha sonora:** Loreena McKennitt

Sílvia Moura é bailarina, coreógrafa e atriz. Integrou o Grupo de Dança Dora Andrade e formou, no final dos anos 80, o Em Crise, grupo de atores e bailarinos. Foi aluna do Colégio de Dança do Ceará e, em 2002, criou o CEM com o objetivo de dar acesso à formação e pesquisa em dança contemporânea.

Criado em 2002, o CEM - Centro de Experimentações em Movimentos mantém oficinas permanentes de formação e processos coletivos de criação de espetáculos, mostras, performances e instalações contemporâneas em dança e teatro. Suas atividades acontecem na Artelaria, no Teatro José de Alencar e no Sesc Senac Iracema, lugares onde, hoje, o grupo reside.

www.cemovimentos.blogspot.com

25 de outubro | 18h | Cua Cua Guayara, Bairro do Ceará



Fortaleza | CE

Aspásia Mariana

Amphi – em torno de (2009) 11min

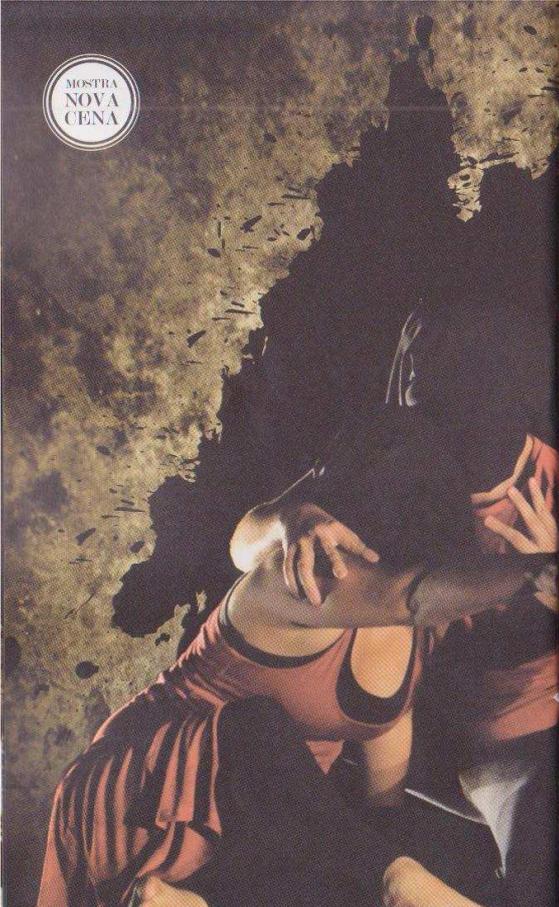
Aproximar pessoas que se cruzam, mas não se veem, corpos hiperestimulados em mutação constante e quase ininterrupta. Causar sentidos dentro dos sentidos diversos. O que está em torno do corpo coletivo? O que está em torno de um corpo singular? A cidade vivida é experiência impar de cada corpo, traz consigo a singularidade de suas ambiências, a cidade e seus dispositivos.

intérprete criadora: Aspásia Mariana | *captação de imagens e edição:* Aspásia Mariana e Ítalo Rodrigues | *ensaiadora:* Fabiana Lima | *fotografia:* Alex Hermes | *iluminação e figurino:* Companhia do Barulho | *sonoplastia:* Aspásia Mariana e Pedro Araújo

Aspásia Mariana é bailarina contemporânea e sapateadora. Aluna do Curso Técnico em Dança (Senac/IACC/Secult), diretora no núcleo de sapateado da Artelaria Produções e da Companhia do Barulho. Faz parte do Projeto Dançando na Escola, realizado pela Vila das Artes da Prefeitura de Fortaleza, onde atua como arte-educadora.

19 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Alex Hermes



MOSTRA NOVA CENA

Fortaleza | CE

Cambada

Exercício: GESTALT (2009) 10min

A multiplicidade dos signos, as possibilidades de utilizar uma mesma partitura de movimentos, um experimento em cima dessas possíveis ressignificações que o corpo do ator/bailarino pode ter. Busca-se uma atmosfera das tragédias shakespearianas para embasar as estéticas do casal em cena; e é dessa esfera de morte e amor proibido que nasce a cadeia de ações tratada em cena.

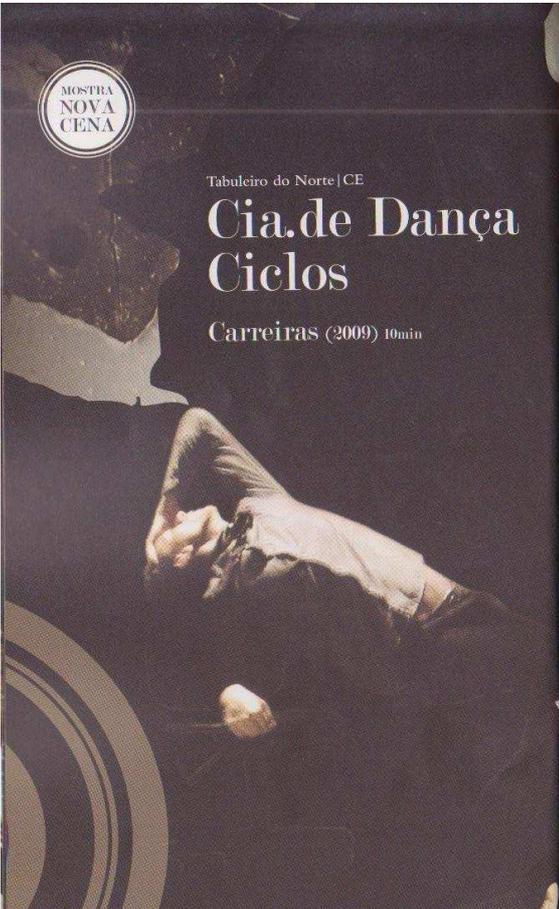
direção: Jonathan Pessoa | *elenco:* Andrei Bessa e Raquel Mendes | *preparação corporal:* Jonathan Pessoa | *trilha sonora:* Jonathan Pessoa e Andrei Bessa (a partir de trecho da música Yesaya de Leonardo Trincabelli) | *fotos:* Levy Mota | *operação de som:* Walmick Campos | *operação de luz:* Jonathan Pessoa

O coletivo artístico Cambada surgiu em 2006 a partir de grupos de exercícios teatrais realizados no Curso Superior em Artes Cênicas do IFCE. Os integrantes transitam entre o audiovisual, a dança e a fotografia.

www.blogdocambada.blogspot.com

19 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Levy Mota



MOSTRA NOVA CENA

Tabuleiro do Norte | CE

Cia. de Dança Ciclos

Carreiras (2009) 10min

Um trabalho sobre a crise enfrentada pelo homem contemporâneo, as voltas com a alta competitividade no mundo do trabalho; a pressão sofrida pela busca constante de crescimento profissional e as transformações do indivíduo nesse processo.

direção, concepção, coreografia e produção: Duaram Gomes | *intérpretes:* Hecilândio Freire, Junior Rodrigues, Jucinéria Garcia, Samuel Maia | *iluminador:* Fernando Feritas | *trilha sonora:* Wim Mertens | *sonoplastia:* Joêmes Jorge

A Cia. de Dança Ciclos surgiu num projeto de dança desenvolvido pela Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho, em 2002, com o espetáculo Migração. Em 2003, com Ciclos o grupo foi selecionado para a IV Bienal Internacional de Dança do Estado do Ceará. Tornando-se independente em 2005, a companhia foi contemplada pelo Programa BNB de Cultura, pelo Edital de Incentivo às Artes da Secult e participou da III Mostra ProDança.

19 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Edna Maia



MOSTRA NOVA CENA

Trairi | CE

Cia. Flex de Dança Contemporânea

Vendas invisíveis (2009) 10min

Dificuldades no caminho, riscos que corremos. Provações. Que saídas podemos ter? Um labirinto circunstancial que se atualiza pela ação artística no corpo e na cena.

direção, concepção, interpretação e produção: Thiago Soares e Manoel Saldanha | *trilha sonora:* Psy Trance - Let It be (Benny Benassi) - Mixagens (DJ Dexter)

A Cia Flex de Dança Contemporânea estuda e desenvolve métodos de transição conceitual a partir de técnicas de dança contemporânea, clássica, break, técnicas circenses e artes marciais, aliados a pesquisas nas áreas de Física, Filosofia e outras ciências sociais.

19 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Alex Hermes

83



MOSTRA NOVA CENA

Fortaleza | CE

Cláudio Leitão

Faunourbanóide (2009) 12min

Tentativa lúdica de observação da cidade através das diferenças de dinâmicas, níveis, equilíbrio precário e tônus muscular, em uma pesquisa que teve por base o caminhar e o arrastar pelo chão e suas mais diversas direções lançadas pelo olhar do ser humano habitante das metrópoles.

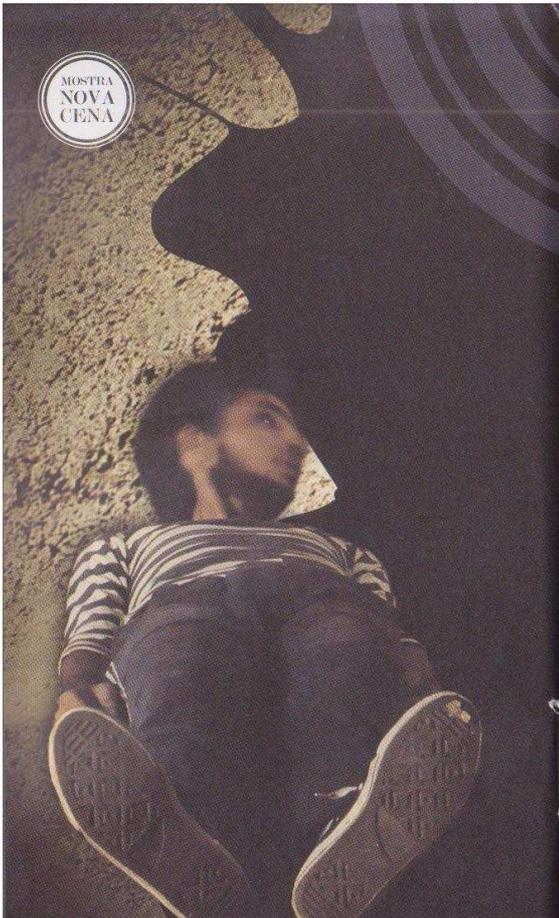
intérprete criador: Cláudio Leitão | *música:* Sinfonia Coral de César Frank | *figurino e iluminação:* Marina Carlejal

Cláudio Leitão iniciou formação artística pela dança-teatro, sob orientação de Liliana Costa (1998-1999). Fez aulas de dança contemporânea com Andréia Bardawill, no Alpendre - Casa de Arte, Pesquisa e Produção, e em 2001 apresentou o esboço do trabalho intitulado *Divertimento - Curupira*, apresentado na V Bienal de Dança do Ceará. Estudou balé de 2002 a 2006, com professores como Denise Galvão, Tereza Passos, Socorro Quintela e Ernesto Gadelha e cursou Artes Marciais durante um ano.

19 de outubro | 19h | Teatro Dragão do Mar

Foto: Linhares Junior

85



MOSTRA NOVA CENA

Itapipoca | CE

Cacheado Braga

Ausência (2007) 9min

No verso do experimento, um poema de Drummond. Pra dizer que não existe falta na ausência, posto que ela, a ausência, é um estar em si. No corpo da experiência, objetos submersos em um balde d'água são puxados para fora, e inspiram o movimento presente.

concepção e interpretação: Cacheado Braga | trilha sonora: Autoral | fotos: Thiago Soares

Cacheado Braga cursa Licenciatura Plena em Pedagogia, na Faculdade de Educação de Itapipoca - FACEDI/UECE, é bolsista em pesquisa acadêmica sobre arte-educação pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, arte-educador, videomaker e intérprete criador da Cia. Balé Baão de Dança Contemporânea, de Itapipoca.

19 de outubro | 19h | Entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Foto: Thiago Soares



MOSTRA NOVA CENA

Fortaleza | CE

Daniel Pizamiglio

eu, ROXO - Intervenção Urbana de Dança (2009) 12min

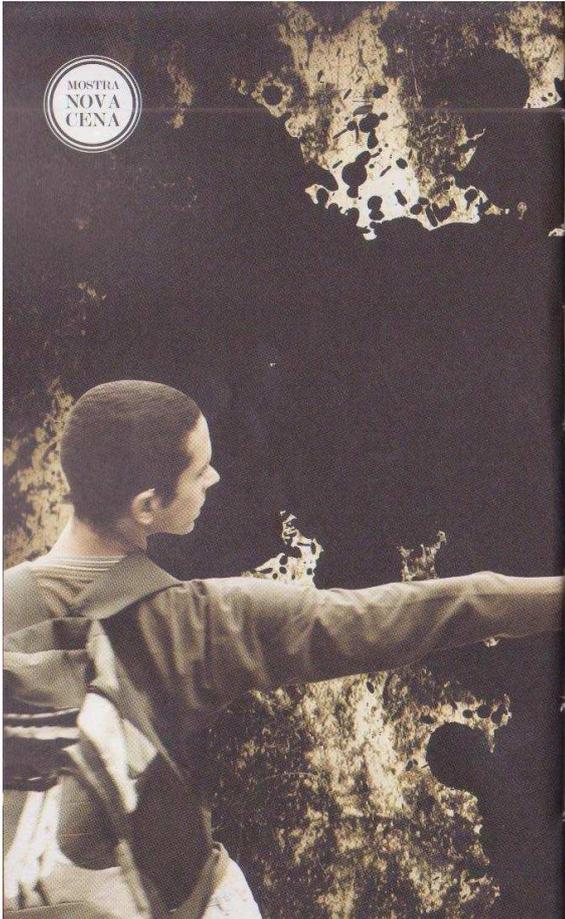
Uma simples experiência sobre a cor. Algo borrado. Coisas das incompreensões. A cor de dentro, a cor de fora

criação de dramaturgia e performance: Daniel Pizamiglio | fotos: Alex Hermes e Tiago Malhas

Daniel Pizamiglio é aluno da segunda turma do Curso Técnico em Dança do Ceará (IACC/SENAC/Secult); aluno ouvinte do Dança e Pensamento, curso de extensão numa parceria da Vila das Artes com a Universidade Federal do Ceará-UFC; aluno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFCE no curso de Licenciatura em Teatro, com pesquisa em dramaturgia na arte da performance.

19 de outubro | 17h | Fachada do Sesc Senac Itacaram

Foto: Leonardo Mouramateus



MOSTRA
NOVA
CENA

Fortaleza | CE

Em 2 Cia de Dança

É Carona (2006) 15min

Em uma estrada fria, de um lugar qualquer... só se sabe do que é desconhecido! Dois corpos esperam qualquer coisa que os tire dali para outro lugar. A estrada sinuosa só dá a certeza de que o futuro é um lugar que fica longe. Lá só se chega de carona.

intérpretes criadores: Felipe Araújo e Henrique Castro | *figurino, produção e direção:* Felipe Araújo | *arte gráfica:* Henrique Castro | *fotografias:* Velma Zeldi | *iluminação e sonoplastia:* Emanuel Santos | *agradecimentos especiais:* Joca Andrade e Izabel Gurgel

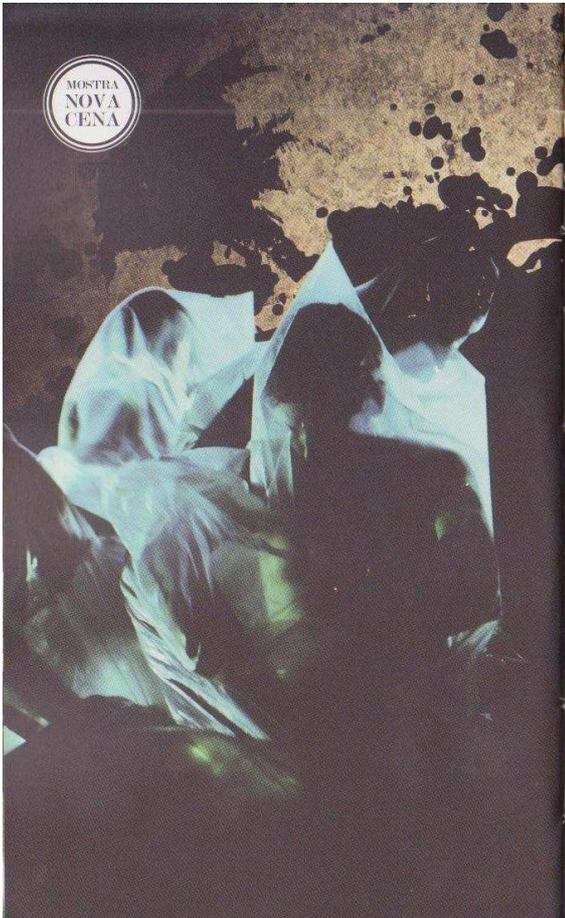
Felipe Araújo é bailarino, professor e assistente coreográfico do CEM - Centro de Experimentações em Movimentos. Concluiu o Curso Técnico em Dança em 2007 (IACC/SENAC/SECULT) e é aluno do curso superior de Belas Artes da UNIFOR.

Henrique Castro começou fez o Curso Princípios Básicos de Teatro - Teatro José de Alencar, do qual se tornou professor colaborador. É estudante do Curso Técnico em Dança (IACC/SENAC/SECULT) e colabora com o Grupo Fuzuê, trabalhando com o diálogo circo-dança-teatro.

19 de outubro | 19h | Entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Foto: Velma Zeldi

91



MOSTRA
NOVA
CENA

Fortaleza | CE

Emanuel Breno e Marcio Medeiros

Ensaio de Fragilidades (2008) 13min

Inauguramos instâncias. Lugares de afetos prováveis. Tentando fundar uma tentativa de uma dança possível. Uma dança como ato político de percepção para a vida. Nessa fragilidade, o espectador é co-criador e uma plataforma de ensaio é instaurada para a fuga e para a discussão/construção de um pensamento menos arbitrário na vida e na arte.

argumento e direção: Emanuel Breno e Marcio Medeiros | *fotos:* Thalita Lopes, Levy Mota e Aline Silva | *vídeo:* Levy Mota, Emanuel Breno e Marcio Medeiros | *trilha:* Emanuel Breno e Marcio Medeiros | *músicas:* autorais

Emanuel Breno integra o Grupo Fuzuê onde vem sistematizando pesquisa nas linguagens circo-dança-teatro. Com o Fuzuê, foi contemplado com a Bolsa Funarte de Incentivo à Criação ou ao Aperfeiçoamento de Números Circenses, em 2009. É aluno do Curso Técnico em Dança do Ceará (SENAC/SECULT/IACC).

Marcio Medeiros integra o Grupo Teatro Máquina e a Cia. da Arte Andanças, formou-se pelo Curso de Artes Dramáticas (CAD-UFC) e pelo Curso Técnico em Dança do Ceará (SENAC/SECULT/IACC). Finalizou o Curso de Extensão Dança e Pensamento (Prefeitura Municipal de Fortaleza/UFC) Pesquisa dramaturgia na junção das linguagens dança, teatro e performance.

19 de outubro | 19h | Entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Foto: Thalita Lopes

93

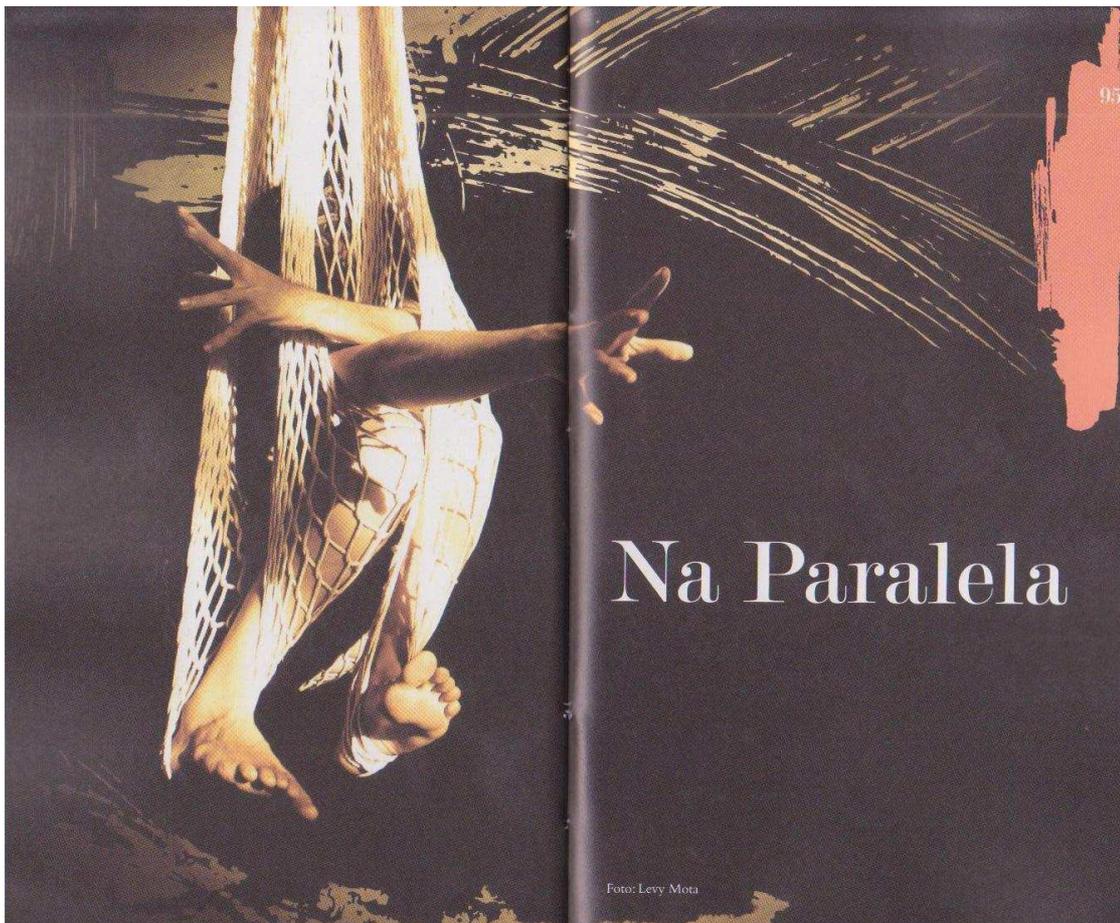


Foto: Levy Mota

Na Paralela

Na Paralela

Intervenção Alpendre
Alpendre - Casa de Arte, Pesquisa e Produção

18 a 25/10
14h às 19h - Instalação Permanente *A Coberta D'alma* dos artistas Lima Filho e Emanuela Franco (fotógrafos) e Socorro Souza (artista plástica) em colaboração com o Núcleo de DOC-DANÇA da Artelaria Produções.

18/10 - Domingo
15h - Ensaio aberto do espetáculo *Ox Tempos* - Cia da Arte Andanças
Direção: Andréa Bardawil
18h - Performance *Sólidos e Frágeis - Segundo Verso* / Qual é a Dança que eu vejo? - Núcleo de DOC-DANÇA da Artelaria Produções
Direção: Paulo José

24/10 - Sábado
17h - Mostra de Vídeo-dança / Produção Alpendre
Direção: Alexandre Veras

25/10 - Domingo
16h - Performance *A Coberta D'alma* - Núcleo de DOC-DANÇA da Artelaria Produções em colaboração com os artistas Lima Filho e Emanuela Franco (fotógrafos) e Socorro Souza (artista plástica)
Direção: Paulo José

18 a 25 de outubro | Alpendre

Nas Praças Ato Compacto
Centro Cultural Banco do Nordeste-CCBNB

02/10, sexta-feira
Praça dos Leões
Em 2 Cia de Dança
É Canoa

09/10, sexta-feira
Praça José de Alencar
Cia. Etra de Dança Contemporânea
Entre e Saia para as Entre Salas

16/10, sexta-feira
Praça do Ferreira
Arte em Rua Cia de Dança
Tillogia e Serubano

23/10, sexta-feira
Praça BNB
Grupo Fuzuê
Respiro

30/10, sexta-feira
Praça do Passeio Público
Cia Faces da Dança
Eu...Tu

02 a 30 de outubro | Praças

Mostra de Vídeo-dança
Centro Cultural Bom Jardim - CCBJ
Rede Cultural Mercosul
Curadoria Silvína Szperling
> www.videoanzaba.com.ar

ARGENTINA

Danza para simetrías
(Dança para simetrías - 2005) 3min
Mariano Ramis, Sílvia Mórtola

Orillando (Margeando - 2006) 6min
Claudia Sánchez, Mónica Fracchia

Chámame
(Me chama - 2008) 9min
Susana Szperling - Silvína Szperling

BOLÍVIA

En lo cotidiano me sumerjo
(No cotidiano, mergulho - 2008) 8min
Claudia Sánchez, Mónica Fracchia

BRASIL

FF (2007) 5min
Karenina dos Santos, Leticia Nabuco, Marcelo Stroppa, Tatiana Gentile

Quando aprendeu a pular...
(2008) 7min
Luciana Ponso, Roberta Arantes

Partida (2006/7) 13min
Luiz Carlos Bizerril, Alexandre Veras, Ernesto Gadelha

CHILE

Quando Bailo, Bailo; Cuando Duermo, Duermo
(Quando Danço, Danço; Quando Durmo, Durmo - 2007) 8min
Carola Sánchez Bordas - Elizabeth Rodríguez

PARAGUAI

El Prado
(O Prado - 2008) 30min
Javier Valdez, Laura Melgarejo, Sergio Nuñez, Marco Tapia

URUGUAI

Algunas personas haciendo filosofía
(Algunas pessoas fazendo filosofia - 2005) 3min
Javier Valdez, Laura Melgarejo, Sergio Nuñez, Marco Tapia

Chance (2007) 5min
Amibal Caroano, Gabriel Bendaham

VENEZUELA

Sin color (2007) 3'
Walter Castillo Acero

20 a 23 de outubro | 17h | CCBJ

Pro Dia Narecer Feliz

Café Teatro das Marias e Hey Ho

CAFÉ TEATRO DAS MARIAS

17/10, sábado

Tradição: Unidos da Cachorra
Show: Água de Quartinha e Samba de Cravos
Performance: Grupo N ∞ (Me + Hum), Brino Correia (Esperal)

18/10, domingo

Tradição: Cortejo com a Cia de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jereissati, de Horizonte (Associação Pro Criança e adolescentes de Horizonte – Academia Vânia Dutra).
Show: Arthur Menezes
Exibição do vídeo-dança *O que tenho de você?*. Com as intérpretes criadoras Sylvia Sousa e Ana Cristina Mendes, e direção de Sabina Colares.
Performance: CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (Dead-line)

19/10, segunda

Tradição: Banda Cabaçal Fulô da Aurora
Show: Breculé e Coletivo Auê
Performance: Elane Fonseca, Plínio Renan e Joyce Custódio (*Sô mais uma sobre amor...*)

20/10, terça

Tradição: Afoxé Acabaca
Show: Encontros Casuais, Osvaldo Zarco e convidados
Participação especial: Trupe Ilumiar. Com Priscila Rebouças, Gizela Guimarães, Mayara Cavalcante, André Cavalcante e Magno Pontes.
Performances: Rubéns Lopes (Solo) / Tatiana Valente e Maurilene Moreira (*60 ml de oxigênio*) / Henrique Castro (*Exercício do só*).

HEY HO

21/10, quarta

Tradição: Boi da Jandaiguaba. Com Babi Guedes e Tambores da Jandaiguaba.
Show: Fulô da Aurora, Babi Guedes e convidados

22/10, quinta

Tradição: Malabares com Camila das Marias
Show: Vitrola São Jorge e convidados

23/10, sexta

Show: Coletivo Auê (Babi Guedes, Breculé, Carlos Rocco, Cia. Vatá, Daniel Medina, Dora Moreira, Fulô da Aurora, Henrique Didimo, Osvaldo Zarco, Philipi Bandeira, Samba de Rosas, Sambahempclube e Vitrola São Jorge). Performance: Vídeo-instalação *Arestas do corpo*. Com as bailarinas Elane Fonseca e Thaitiane Paiva e os realizadores audiovisuais Henrique Didimo e Philipi Bandeira.

17 a 23 de outubro | 22h30 |
Café Teatro das Marias Hey Ho

99



Ações de Formação

Foto: Sílvia Machado

Ações de Formação

Interiorização

Dança clássica, moderna e contemporânea
Flávio Sampaio e Paracuru Cia. de Dança (CE)



Foto: N. Sampaio / G. G. G.

Oficinas de balé clássico, dança contemporânea, hip hop, história da dança – compreendendo os períodos romântico e moderno – e mostra de vídeos comentada, mostrando as diferenças entre as principais correntes estéticas.

Bailarino, coreógrafo e maître de balé, Flávio Sampaio dançou no Balé do Teatro Guairá (PR) e no Corpo de Balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi professor da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. Dirigiu o Colégio de Dança do Ceará, é autor do livro *Balé Essencial* e dirige a Escola de Dança de Paracuru e a Paracuru Cia. de Dança, desde 2003.

Sobral (48h/a)
11 a 13 de setembro | 8h às 12h e 14h às 18h | (1ª fase)
02 a 04 de outubro | 8h às 12h e 14h às 18h | (2ª fase)
Sesc Sobral
Juazeiro do Norte (48h/a)
25 a 27 de setembro | 8h às 12h e 14h às 18h | (1ª fase)
09 a 11 de outubro | 8h às 12h e 14h às 18h | (2ª fase)
Sesc Juazeiro

Composição coreográfica
Minna Tuovinen e Martin Heslop (Finlândia), As2 wrists dance company – Projeto MovesOn



Foto: Martin Heslop

Creative Bodily Communication (CBC – Comunicação Corporal Criativa) é um curso que dá ferramentas e habilidades para a improvisação coletiva. A técnica contribui na análise de movimento em dança e se configura como base para a criação coreográfica. **Improtango** é uma maneira de explorar a improvisação em movimento usando elementos de dança contemporânea e do tango argentino.

Minna Tuovinen e Martin Heslop estudaram no Laban Centre de Londres e na Erick Hawkins School em Nova York, onde também dançaram em várias companhias, e apresentaram suas próprias obras. Em 1999 criaram sua própria companhia de dança: As2wrists, e se apresentaram em diversos festivais nacionais e internacionais. Ministraram aulas em toda Finlândia, assim como palestras e conferências na Espanha, Alemanha, Inglaterra e Suécia. Ambos são professores titulares da Theatre Academy in Helsinki, Finlândia.

19 a 23 de outubro |
Escola de Dança de Paracuru

Residência artística

Composição em tempo real
João Fiadeiro (Portugal)



Foto: José Luis Neves

O método, desenvolvido e sistematizado por João Fiadeiro desde 1995, é influenciado pelos avanços em disciplinas científicas como neurobiologia, ciência econômica, ciência da computação, filosofia da linguagem e da mente; e defende que a ação livre pressupõe uma leitura “distanciada” do contexto em que se é interpelado a agir, bem como do controle das condições de visibilidade do movimento.

João Fiadeiro é da geração de coreógrafos do final da década de 80 que, na sequência do movimento pós-moderno americano e dos movimentos da *Neuvelle Danse* francesa e belga, deu origem à Nova Dança Portuguesa. Dançou na Companhia de Dança de Lisboa (1986-1988) e no Ballet Gulbenkian (1989-1990). Em 1990 fundou a Companhia R.E.AL, que acolhe e representa artistas transdisciplinares e acompanha artistas emergentes através da organização de laboratórios artísticos.

10, 11 e 17 de outubro - 14 às 19h |
12 e 16 de outubro - 10 às 14h |
Alpendre

Curso

Dança Contemporânea e Improvisação/Corpo Presente
Denise Stutz (RJ)



Foto: Ricardo Mesquita

A experimentação de um corpo que se move a serviço da imaginação e dos sentidos, impulsionado por imagens, associações e memórias. Jogos corporais que ampliam a percepção de espaço, tempo e pessoas. Processos de composição, construção de sentido e pensamento que se juntam na descoberta da questão que nos move.

Denise Stutz iniciou estudos de dança em Belo Horizonte. Em 1975, junto a outros bailarinos, fundou o Grupo Corpo. Trabalhou com Lia Rodrigues como bailarina, professora e assistente de direção. Foi professora do Curso Técnico da Escola Angel Viana. Começa a desenvolver trabalho solo em 2003. Os solos *DeCor* (2004), *Absolutamente Sá* (2005) e *Estudo para Impressões* (2007) se transformaram na releitura intitulada *Três solos em um tempo* (2008), apresentada no Brasil e exterior.

12 a 15 de outubro | 14h às 18h |
Café Teatro das Marias

103

Cursos

Dança contemporânea
Jorge Garcia (SP)



Foto: Sampaio / G. G. G.

A aula consiste em construir o movimento unindo relaxamento-músculo-esqueleto, através da conscientização das articulações, tendo como objetivo a composição de movimentos. Serão abordadas técnicas de contato-improvisação, observação, escuta e utilização do espaço, manipulação, apoios e alguns jogos teatrais.

Jorge Garcia combinou estudos em danças populares brasileiras, dança contemporânea e balé clássico com o futebol e o surf. Realizou diversos trabalhos independentes, fundou o P.U.L.T.S., Teatro Coreográfico e o GRUA - Grupo de Improviso, vídeo e performance. Coreografou grupos internacionais e trabalhou em óperas, teatro, circo e cinema. Em 2005, criou a J.Gar.Cia Dança Contemporânea.

12 a 16 de outubro | 9h às 12h |
Vila das Artes

Educação somática e processos criativos
Sílvia Soter (RJ)



Foto: Sampaio / G. G. G.

Neste curso serão propostos diferentes “ateliês” – espaços de experimentação – a partir da prática da educação somática, que buscam ampliar os recursos criativos daqueles que trabalham com dança e com técnicas corporais em geral.

Sílvia Soter é bailarina, graduada em dança pela Universidade de Paris 8 (França/1996), Mestre em Teatro pela UNIRIO (2005), crítica de dança do jornal O Globo e professora de Ginástica Holística formada na França. Com Roberto Pereira organizou a publicação *Lições de Dança*. É professora do Curso de Dança da UniverCidade (RJ), onde criou o Curso de pós graduação em Educação Somática. É dramaturga da Lia Rodrigues Cia. de Danças e autora do livro *Cidadãos dançantes: a experiência de Ivaldo Bertazzo com o corpo de dança da Mare* (UniverCidade Editora/2007).

12 a 15 de outubro | 19h às 22h |
Theatro José de Alencar

Oficina

Corpo a Corpo com o Professor
Inês Bogéa
São Paulo Companhia de Dança



Foto: República Arcevech

O projeto *Corpo a Corpo com a São Paulo Companhia de Dança* foi concebido para aprofundar o contato entre o público e o universo da dança. A palestra oferece uma abordagem multidisciplinar dessa arte, utilizando-a como tema ou elemento para atividades educativas e de sensibilização, tanto para o ensino regular quanto para ações de arte-educação, educação inclusiva e ensino de artes.

Inês Bogéa é doutora em artes (Unicamp, 2007) e professora no Curso de Formação de Professores e Educadores Sociais em Arte do Centro Universitário Maria Anrônia – USP. Foi bailarina do Grupo Corpo (1989-2001). Escreveu sobre dança para o jornal *Folha de S. Paulo*, de 2000 a 2007, e é autora de *O Livro da Dança* (Companhia das Letrinhas, 2002) e *Contos do Balé* (Cosac Naify, 2007). Desde 2008 é diretora da São Paulo Companhia de Dança.

14 de outubro | 19h | Vila das Artes

Técnica de Martha Graham
Daniela Stasi
São Paulo Companhia de Dança



Foto: Antonio Carlos Cardoso

Tendo como eixo central a contração e “release” da região pélvica, associada a inspiração e à expiração, os movimentos da técnica de Martha Graham – uma das pioneiras da dança moderna americana – se desdobram pela coluna, chegando às extremidades. A aula, feita com os pés descalços, é dividida em três etapas: solo, centro e diagonais.

Daniela Stasi formou-se em dança na Universidade Federal da Bahia, em Dance Movement Therapy na New York University e no método Pilates na Pilates Studio. Foi bailarina do Balé da Cidade de São Paulo (1981-1983) e da Martha Graham Dance Company (1985-1993). No Brasil, trabalhou com Maria Duschene, Klaus Vianna, Ruth Rachou, entre outros. Já atuou como professora no Balé da Cidade de São Paulo, no Centro Cultural São Paulo e hoje é professora e ensaiadora da São Paulo Companhia de Dança.

16 de outubro | 14h às 16h |
Vila das Artes

105

Os Bons Encontros

Conversas entre os coreógrafos e integrantes de companhias convidadas, debatendo os processos de construção dos espetáculos, suas proposições estéticas e suas formas de habitar. Mediação: Marcos Moraes (SP)

19 de outubro
Fran Teixeira e Marcio Medeiros (CE), Jorge Garcia (SP), Flavio Sampaio e Paracuru Cia. de Dança (CE)

20 de outubro
Denise Stutz (RJ), Marcela Levi e Flávia Meireles (RJ)

21 de outubro
Raiz di Polon (Cabo Verde) e Gerson Moreno (CE)

22 de outubro
Marina Brusco (Argentina) e Valéria Pinheiro (CE)

23 de outubro
Lavinia Bizzoto (RJ) e Luis Garay (Argentina)

24 de outubro
Alain Buffard (França), Vanilton Lakka (MG) e Carlos Antônio dos Santos (CE)

19 a 24 de outubro - 14 às 15h30 | Foyer do TJA

Conversa com coreógrafos e bailarinos

Airton Tomazzoni (RS) e Thereza Rocha (RJ) são comentaristas dos trabalhos selecionados para a Mostra Nova Cena



Airton Tomazzoni é coreógrafo, diretor, pesquisador e produtor cultural. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, onde leciona, colunista do site *Idança.net* e colaborador da revista *Aplauso*. Diretor do Centro Municipal de Dança/Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. Integra a equipe de pesquisadores da Base de Dados do programa Ramos Dança/Itaú Cultural. É coordenador da pesquisa historiográfica *Porto Alegre: um século dança*.



Thereza Rocha é pesquisadora de dança, dramaturga e diretora de espetáculos. Doutoranda em Artes Cênicas (UNIRIO). Colunista do portal *Idança.net* e professora dos cursos de dança e de teatro do Centro Universitário da Cidade – UniverCidade (RJ), onde coordena o Curso de Pós-graduação Estudos Avançados da Dança Contemporânea: coreografia e pesquisa. Idealizadora e realizadora, com Roberto Pereira e Charles Feitosa, do I e II Encontro Internacional de Dança e Filosofia (RJ -2005 e 2006).

20 de outubro | 9h às 12h | Alpendre

Dança em Palavras

A bailarina Denise Stutz é a convidada do programa Dança em Palavras para uma conversa sobre seu trabalho artístico com o público em formação do Centro Cultural Bom Jardim.



Denise Stutz iniciou estudos de dança em Belo Horizonte. Em 1975, junto a outros bailarinos, fundou o Grupo Corpo. Trabalhou com Lia Rodrigues como bailarina, professora e assistente de direção. Foi professora do Curso Técnico da Escola Angel Viana. Começa a desenvolver trabalho solo em 2003. Os solos *DeCor* (2004), *Absolutamente Só* (2005) e *Estudo para Impressões* (2007) se transformaram na releitura intitulada *Três solos em um tempo* (2008), apresentada no Brasil e exterior.

20 de outubro | 10h | CCBJ

Palestras

Cinderela, o príncipe e o que é que eu tenho a ver com isso?
Marcos Moraes (SP)



Um olhar independente sobre a tensão entre os processos criativos e os meios de produção a partir do corpo institucional vigente. Como conciliar os princípios dialéticos e ao mesmo tempo fazemos a crítica ao *status quo* das políticas culturais no país? Pode haver um ponto de equilíbrio entre a militância, a sobrevivência e o espírito livre da criação artística?

Marcos Moraes é artista, docente, terapeuta corporal, gestor e produtor cultural. Formado em "Técnicas Psico-corporais para o Desenvolvimento Harmônico" pelo Espaço de Desarrollo Armónico – Rio Abierto de Montevideo (Uruguai), atualmente desenvolve pesquisa em *Live Arts*, nas linguagens da dança, do vídeo e da performance. Foi coordenador de Dança da Fumarte/MinC e colabora com eventos e festivais, tais como *dança em face - Festival de Vídeo & Dança*, *Panorama de Dança do Rio de Janeiro* e a *Bienal Internacional de Dança do Ceará*.

20 de outubro | 16h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Entre a poética e a política: a carne da escrita
Thereza Rocha (RJ)



Discutir a fricção entre poéticas e políticas pode passar pela visita a obras recentes das coreógrafas Denise Stutz e Marcela Levi, criadoras-intérpretes de fortes escritas de dança. Um diálogo acerca do corpo que dança e dos discursos que ele pode estabelecer. Seguindo as pistas de Jacques Rancière, a parilha, aliás, é tanto tema como método desta conversa de dança a meio caminho entre a carne e o conceito.

Thereza Rocha é pesquisadora de dança, dramaturga e diretora de espetáculos. Doutoranda em Artes Cênicas pela UNIRIO e Colunista do portal *Idança.net*. Professora dos cursos de dança e de teatro do Centro Universitário da Cidade – UniverCidade (RJ), onde coordena o Curso de Pós-graduação Estudos Avançados da Dança Contemporânea: coreografia e pesquisa. Idealizadora e realizadora, com Roberto Pereira e Charles Feitosa, do I e II Encontro Internacional de Dança e Filosofia realizado no Rio de Janeiro (2005 e 2006).

21 de outubro | 16h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Pensar, dançar: habitar a imanência
Mária Cristina Franco Ferraz (RJ)



Entre dança e pensamento podemos traçar diversas confluências. A partir do conceito deleuziano de plano de imanência, pretendemos explorar os vínculos entre ambos os movimentos: pensar e dançar. Estarão em jogo determinada concepção ou imagem do pensamento e certa visão da dança, tal como desdobrada pelo pensador português José Gil.

Mária Cristina Franco Ferraz é Professora Titular de Teoria da Comunicação da UFF, desde 1994, com estágios de pós-doutoramento no Centro de Pesquisa em Literatura e Cultura (Berlim/2007) e no Instituto Max-Planck de História da Ciência (Berlim/2004). Doutora em Filosofia pela Universidade de Paris 1-Sorbonne (Paris/1992) e Mestre em Letras pela PUC/RJ (1982). Coordenadora na UFF do Doutorado Erasmus Mundus "Cultural Studies in Literary Interzones". Autora de obras como *Nietzsche, o bufão dos deuses* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994 e Paris: Harmattan, 1998), entre outras.

22 de outubro | 16h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Mesa-redonda

Poéticas e Políticas: que planos de composição estamos ajudando a traçar?
Marcos Moraes, Mária Cristina Franco Ferraz e Thereza Rocha

Subverter concepções artísticas ou concepções sobre a arte é subverter formas de habitar, subverter modos de vida. Como estimular o surgimento de novos formatos de produção, exibição e circulação de trabalhos artísticos, reconfigurando os pactos estéticos já estabelecidos e investindo em novas – e sempre provisórias – relações com o público? Como potencializar bons encontros que deixem rastros éticos em nossas experiências estéticas?

23 de outubro | 16h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Workshops

Balé Clássico
Flávio Sampaio (CE)
20 de outubro | 10h às 12h | Sala de Dança do Sese Senac Itacema

Dança Contemporânea
Raiz di Polon (Cabo Verde)
21 de outubro | 10h às 13h | Sala Hugo Bianchi – TJA
Hugo Bianchi – TJA
Marina Brusco (Argentina)
22 de outubro | 10h às 13h | Sala Hugo Bianchi – TJA
Hugo Bianchi – TJA
Lavinia Bizzoto (RJ)
23 de outubro | 9h às 13h | Sala Hugo Bianchi – TJA
Vanilton Lakka (MG)
23 de outubro | 10h às 13h | Sala de Dança do Sese Senac Itacema

Fórum Latino-americano de Videodança

O Fórum Latino-americano de Videodança se reúne pela terceira vez, agora em Fortaleza, acolhido pela Bienal Internacional de Dança do Ceará, em parceria com o *dança em foco* - Festival Internacional de Vídeo & Dança (RJ), com o objetivo de aprofundar e ampliar suas redes de trabalho, solidariedade e intercâmbio de ideias.

Um encontro em que nos alegramos ao ouvir as notícias dos colegas, em descobrir pensamentos diferentes acerca da linguagem, desconstruir nossas ideias prévias, conhecer experiências de gestão e contribuir para a construção e o crescimento dos novos.

Terreno fértil para cultivo de planos em comum, para sonhos futuros e para o diálogo sincero e fecundo, o Fórum é o lugar no qual todos nós, que trabalhamos com videodança, gostaríamos de pertencer. Assim poderemos cantar mais alto. Ver imagens, ouvir sons e conversar com o vizinho, a dançar, além de compartilhar um espaço que se constrói junto; um espaço que se desenvolve e se projeta num intervalo para o futuro.

Com a alegria que nos faz pensar e partilhar este espaço-tempo da web, de bits e pixels, luz e som, de corpos e suor, acontecerão atividades públicas e grupos de trabalhos específicos, mostras de vídeos da América Latina e conversas, nos intervalos curatoriais. Virão visitantes de outras partes do mundo interessados em conversar conosco e esperamos que muitas surpresas surjam desse encontro.

Boas vindas a todos os amigos do México, Uruguai, Cuba, Paraguai, Chile, Brasil, Argentina, Colômbia, Equador, França e Portugal. O Fórum é nosso!

Silvina Szperling
Coordenadora
III Fórum Latino-americano de Videodança

13 a 17 de outubro | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

111



Após: Centro Cultural da Espanha em São Paulo/AECID e Centro Cultural da Espanha em Buenos Aires
Realização: *dança em foco* - Festival Internacional de Vídeo & Dança e Bienal Internacional de Dança do Ceará

Mosaico Latino-americano Mostra Latino-americana de Videodança

13/10, terça-feira

15h - Colômbia: Videomovimiento Festival internacional de videodanza
Curadoria: Soraya Vargas e Dixon Quiñan
16h - Chile: FIVC1.0. Festival Internacional de Videodanza do Chile. (42 min.)
Curadoria: Brisa Muñoz Parra
17h - México: Agite y sirva. Festival Itinerante de Videodanza
Curadoria: Ximena Monroy

14/10, quarta-feira

15h - Bolívia: Cuerpo digital. Festival Internacional de Videodanza
Curadoria: Sofía Orihuela
16h - Uruguai: FIVU. Festival Internacional de Videodanza del Uruguay
Curadoria: Diego Carrera
17h - Cuba: Festival Internacional de Video-danza de La Habana
Curadoria: Roxana de los Ríos

15/10, quinta-feira

15h - Paraguai: Crear en Libertad Encuentro Internacional de Danza y Artes Contemporáneas de Asunción
Curadoria: Javier Valdéz e Juana Miranda
16h - Argentina: Festival VideoDanzaBA
Curadoria: Silvina Szperling
17h - Brasil: *dança em foco* - Festival de Vídeo & Dança (RJ) e Encontro Terceira Margem/Bienal Internacional de Dança do Ceará (CE). Curadores: Paulo Caldas, Eduardo Bonito e Alexandre Veras

13 a 15 de outubro | 15h às 17h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Encontros e debates

Apresentação dos grupos de trabalho em torno dos seguintes temas:
- Difusão: plataformas tradicionais e inovadoras;
- Formação;
- Linguagem, curadoria e crítica;
- Redes de colaboração;
- Produção e financiamento

13 a 16 de outubro | 9h às 12h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Mesa-redonda: Dança em novos formatos

Participantes: Ivani Santana (BA) e Alexandre Veras (CE)

15 de outubro | 9h às 12h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Painel de Festivais e Canais de TV

Participantes: Lynette Kessler (Dance Camera West, Los Angeles, EUA); Alberto Magno (FRAME, Porto, Portugal); Bibiana Ricciardi (canal 4, Buenos Aires, Argentina); Paulo Linhares (TV Povo, Fortaleza-CE, Brasil)

16 de outubro | 9h às 12h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Intervalos curatoriais

Conversa com curadores de três importantes festivais da América Latina.

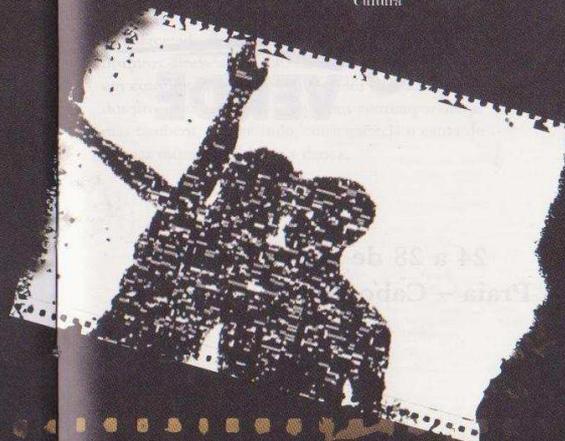
Encontro Terceira Margem/ Bienal Internacional de Dança do Ceará (CE) Alexandre Veras Costa

Festival Internacional de Video-dança de Buenos Aires (Argentina) Silvina Szperling

dança em foco - Festival de Vídeo & Dança (RJ) Paulo Caldas e Eduardo Bonito

13 a 15 de outubro | 19h | Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

113



BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ



24 a 28 de novembro
Praia – Cabo Verde – África

Ampliando fronteiras e relações artísticas com países do hemisfério sul, o projeto VII Bienal Internacional de Dança do Ceará – CONEXÃO CABO VERDE visa fortalecer processos colaborativos de criação em sua programação, a ser realizada de 24 a 28 de novembro, na cidade de Praia (Cabo Verde/África).

A Bienal de Dança leva para o continente africano companhias e artistas cearenses e brasileiros, com espetáculos, residências artísticas e encontros.

Com esse movimento, delinea-se um painel rico e multifacetado de propostas provenientes de contextos distintos. Breve apanhado de obras feitas em cenários em constante mutação, atravessados pela intensidade dos processos culturais e políticos contemporâneos, mas também, e sobretudo, consequência e causa de formas outras de habitar a dança.

Programação 2009



Dia 24/11
21h – *Batucadeiros* – Tradição de terra (Cabo Verde)
Local: Porta de Entrada
21h30 – *Ruínas* – Raiz di Polon (Cabo Verde)
Local: Teatro da Assembleia
22h30 – *Quinteto* – Staccato | Paulo Caldas (RJ)
Local: Teatro Assembleia
00h – *Compilation* – Cia. Vatá (CE)
Zefinha vai à feira – Dona Zefinha (CE)
Local: Praça Alexandre Albuquerque

Dia 25/11

19h – Performances – Grupo Bibinha Cabral (Cabo Verde)
Local: Hall de entrada Teatro Assembleia
21h – *De-vir* – Cia. Dita (CE)
Local: Teatro Assembleia
22h – *Dois pontos* – Paracuru Cia. de Dança (CE)
Local: Teatro Assembleia
23h – *Água de meninos* – Artelaria Produções (CE)
Local: Estacionamento do Teatro Assembleia

26/11

18h – * *Olhar ∞* – Grupo N∞ (CE)
Local: Centro Cultural Português
20h – *Desespero para a felicidade ou se eu não gostar nada é para sempre* – Marcio Medeiros (CE)
Local: Teatro Nacional
21h – *Caçadores de Pipa* – Cia. Vatá (CE)
Local: Teatro Nacional

27/11

19h – *Sólidos* – Cia. Balé Baião de Dança Contemporânea (CE)
Local: Teatro Nacional
20h – *Entre e saia para as entre salas* – Cia. Etra de Dança Contemporânea (CE)
Local: Teatro Nacional
21h – *Respiro* – Grupo Fuzuê (CE)
Local: Teatro Nacional
21h30 – *O Corpo é a Mídia da Dança?* – Vanilton Lakka (MG)
Local: Praça Alexandre Albuquerque
22h30 – *Cantos e Causos* – Dona Zefinha (CE)
Local: Praça Alexandre Albuquerque
23h – *Nho Nani* – Nho Nani (Cabo Verde)
Local: Praça Alexandre Albuquerque

28/11

18h – *Tanbanca de Acha Grande* – Tanbanca (Cabo Verde)
Local: Cortejo Praça
19h – *Os Tempos* – Cia. da Arte Andanças (CE)
Local: Centro Cultural Português
21h – *Mentiras Sinceras* – CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (CE)
Local: Hall de entrada Teatro Assembleia
22h – *Um Cantinho de Nós* – J.Gar.Cia Dança Contemporânea (SP)
Local: Teatro Assembleia
00h – *Farra na Praia* – DJ Guga de Castro (CE)
Local: Praça Alexandre Albuquerque

Programação

FORTALEZA

Dia 02/10

16h – NA PARALELA – Ato Compacto | CCBNB – *Entre e saia* – **Em 2 Cia. de Dança (CE)** | Local: Praça dos Leões

Dia 09/10

16h – NA PARALELA – Ato Compacto | CCBNB – *Entre e saia para as entre salas* – **Cia. Etra (CE)** | Local: Praça José de Alencar

Dias 10 a 17/10

14h às 19h (Dias 10 e 11/10) e 10h às 14h (Dias 12 a 16/10) – **Residência artística** ministrada por **João Fiadeiro (Portugal)** – **Composição em tempo real** finalizando com demonstração de trabalho (Dia 17/10 – de 14h às 17h) aberta ao público | Local: Alpendre

Dias 12 a 15/10

14h às 18h – **Curso 1** ministrado por **Denise Stutz (RJ)** – **Dança contemporânea e improvisação Corpo presente** | Local: Café Teatro das Marias

Dias 12 a 16/10

9h às 12h – **Curso 2** ministrado por **Jorge Garcia (SP)** – **Dança contemporânea** | Local: Vila das Artes

Dias 12 a 15/10

19h às 22h – **Curso 3** ministrado por **Silvia Soter (RJ)** – **Educação Somática e processos criativos** | Local: Teatro José de Alencar

Dia 14/10 – Quarta-feira

19h – **Corpo a corpo o Professor com São Paulo Companhia de Dança** palestra com **Inês Bogéa (SP)** | Local: Vila das Artes

Dia 16/10 – Sexta-feira

14h às 16h – **Oficina** ministrada por **Daniela Stasi/São Paulo Companhia de Dança (SP)** – **Técnica de Martha Graham** | Local: Vila das Artes
16h – NA PARALELA – Ato Compacto | CCBNB – *Trilogia e Ser urbano* – **Arte em Rua Cia. de Dança (CE)** | Local: Praça do Ferreira
20h30 – **ABERTURA:**

Dois pontos – Paracuru Cia. de Dança (CE)

Entreato – São Paulo Companhia de Dança (SP)

Étude révolutionnaire e *La mère* (Isadora Duncan), *Lamentation* (Martha Graham), *Une danse blanche avec Eliane* (Dominique Bagouet) e *Tivo* (Russel Maliphant) – **Ballet de Lorraine (França)** | Local: Teatro José de Alencar

Dia 17/10 – SÁBADO

18h – **Em redor do buraco tudo é beira – Marcela Levi e Flávia Meireles (RJ)** | Local: SESC SENAC Iracema
19h – *L'après midi d'un Fauller* – **Cia. Dita (CE)** | Local: Teatro Dragão do Mar

21h – Quinteto – Staccato | Paulo Caldas (RJ)

Local: Teatro José de Alencar

22h – OCUPA-SE – Performances com o CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (CE)

Local: Teatro José de Alencar

Local: Artelaria

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Unidos da Cachorra (caçada); **Performances:** Grupo N ∞ (*Me + Hum*) e Brino Correia (*Esperai*); **Show:** Água de Quartinha e Samba de Cravos | Local: Café Teatro das Marias

Dias 18 a 25/10

14h às 19h – NA PARALELA – Intervenção Alpendre – Instalação permanente *A Coberla D'alma* – Artistas Lima Filho e Emanuela Franco (fotógrafos) e Socorro Souza (artista plástica) | Local: Alpendre

Dia 18/10 – DOMINGO

15h – NA PARALELA – Intervenção Alpendre – Ensaio aberto: **O Tempo – Cia. da Arte Andanças (CE)** | Local: Alpendre

18h – **Em redor do buraco tudo é beira – Marcela Levi e Flávia Meireles (RJ)** | Local: SESC SENAC Iracema

18h – **Quinteto – Staccato | Paulo Caldas (RJ)** | Local: Cuca Che Guevara | Barra do Ceará

18h – NA PARALELA – Intervenção Alpendre – Performance: *Sólidos e frágeis – Segundo Verso / Qual é a Dança que eu vejo?* – **Núcleo de DOC-DANÇA da Artelaria Produções (CE)** | Local: Alpendre

19h – **Repêter – Teatro Máquina (CE)** | Local: Teatro Dragão do Mar

21h – **Cantinho de nós – J. Gar. Cia Dança Contemporânea (SP)** | Local: Teatro Dragão do Mar

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

21h – **Embodied voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Boi da Jandaguaba; **Show:** Banda Cabaçal Fulô da Aurora, Babi Guedes e Tambores da Jandaguaba | Local: Hey Ho

21h – **Les possédés – Cie. Toulou Limnaios (Alemanha)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Boi da Jandaguaba; **Show:** Banda Cabaçal Fulô da Aurora, Babi Guedes e Tambores da Jandaguaba | Local: Hey Ho

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Boi da Jandaguaba; **Show:** Banda Cabaçal Fulô da Aurora, Babi Guedes e Tambores da Jandaguaba | Local: Hey Ho

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Boi da Jandaguaba; **Show:** Banda Cabaçal Fulô da Aurora, Babi Guedes e Tambores da Jandaguaba | Local: Hey Ho

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Boi da Jandaguaba; **Show:** Banda Cabaçal Fulô da Aurora, Babi Guedes e Tambores da Jandaguaba | Local: Hey Ho

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Boi da Jandaguaba; **Show:** Banda Cabaçal Fulô da Aurora, Babi Guedes e Tambores da Jandaguaba | Local: Hey Ho

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

Programação

17h – **Mostra Nova Cena – eu, ROXO – Daniel Pizamiçlio (CE)** | Local: Fachada do SESC SENAC Iracema

18h – *Três solos em um tempo* – **Denise Stutz (RJ)** | Local: SESC SENAC Iracema

19h – **Mostra Nova Cena Intervenções CDMAC: Ausência** – Cacheado Braga (Tapipoca/CE); *É canona* – Em 2 Cia. de Dança (Fortaleza/CE); *Ensaio de fragilidades* – Emanuel Breno e Márcio Medeiros (Fortaleza/CE)

Local: Entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Teatro Dragão do Mar: Ampli – em torno de – Aspásia Mariana (Fortaleza/CE); *Exercício – GESTALT* – Cambada (Fortaleza/CE); *Carcerais* – Cia. de Dança Círculos (Taboão do Norte/CE); *Vendas invisíveis* – Cia. Flex (Trairi/CE); *Fannounbanoude* – Cláudio Leitão (Fortaleza/CE)

Local: Teatro Dragão do Mar

19h às 22h – **Apenas para ser VIVIDO – CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (CE)** – Performances resultantes de um dia de convivência entre artistas convidados por Silvia Moura para um percurso por ruas do Centro e Praia de Iracema

Local: Estacionamento do Espaço Vila Maria – Praia de Iracema

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Banda Cabaçal Fulô da Aurora; **Performances:** Elane Fonseca, Plínio Renan e Joyce Custodio (*Só mais uma sobre amor...*); **Show:** Breculé e Colévio Ané | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

Dias 20 a 23/10
17h – NA PARALELA – Rede Cultural Mercosul – **Mostra de Videodança** – Curadoria: Silvana Szperling (Argentina) | Local: Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)

Dia 20/10 – **TERÇA-FEIRA**
9h às 12h – Conversa com coreógrafos e bailarinos da **Mostra Nova Cena** – Comentadores: **Airton Tomazzoni (RS)** e **Thereza Rocha (RJ)** | Local: Alpendre

10h – **Dança em Palavras** com **Denise Stutz (RJ)** – Visita de artistas convidados a espaços de formação | Local: Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)

10h às 12h – **Workshop** ministrado por **Flávio Sampaio (CE)** – **Balé clássico** | Local: Sala de Dança do SESC SENAC Iracema

14h às 15h30 – **Os Bons Encontros** com **Denise Stutz (RJ)**, **Marcela Levi e Flávia Meireles (RJ)** – Conversa com coreógrafos que tiveram seus trabalhos apresentados na noite anterior

Mediação: Marcos Moraes (SP) | Local: Foyer do Teatro José de Alencar

16h – Palestra: **Marcos Moraes (SP)** – Tema: *Cinderela, o Príncipe e O que é que eu tenho a ver com isso?* | Local: Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

18h – **Sólidos – Cia. Balé Baião de Dança Contemporânea (CE)** | Local: SESC SENAC Iracema

19h – **Ruínas – Raiz di Polon (Cabo Verde/África)** | Local: Teatro Dragão do Mar

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

Programação

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

21h – **Embodyed voodoo game – Cena 11 (SC)** | Local: Teatro José de Alencar

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Afóxe Acabaca (caçada); **Performances:** Rubens Lopes e Evan Teixeira (*Todas as notas para você*), Tatiana Valente e Marilenei Moreira (60 ml de oxigênio) e Henrique Castro (*Exercício do sô*); **Show:** Encontros Casuais, Oswaldo Zarco e convidados. Participação especial: Trupe Ilumiar | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e Sylvia Sousa/Direção: Sabina Colares); **Performances:** CEM – Centro de Experimentações em Movimentos (*Dead-line*); **Show:** Arthur Menezes | Local: Café Teatro das Marias

22h30 – NA PARALELA – Pro Dia Nascer Feliz – **Abertura:** Cortejo com a Cia. de Dança de Horizonte e músicos do Centro Cultural Tasso Jercissati/Associação Pro Criança de Horizonte/Academia Vânia Dutra; **Exibição de vídeo-dança:** *O que tenho de você* (Ana Cristina Mendes e

Equipe da VII Bienal Internacional de Dança do Ceará

Direção Geral David Linhares
Direção Executiva Camila Esmeraldo
Coordenação Executiva Paulo Victor Gomes Feitosa
Direção Artística Ernesto Gadelha
Direção Pedagógica Andrea Bardawil
Direção Local, Nova Cena e Interior Cláudia Pires
Coordenação Pedagógica Interior Flávio Sampaio
Coordenação Executiva Interior Osiel Gomes
Elaboração de Projetos Enildo Sanderson
Comunicação Thais Gonçalves e Thathiane Paiva

Produtores Fausto Augusto Cândido, Giza Diógenes, Isabel
Silvino, Marina Carneal, Rodrigo de Oliveira, Sonia Ribeiro
Anjos Alessandro Pereira, Aspásia Mariana, Felipe
Damasceno, Jamille Moraes, Maurilene Moreira, Patricia
Cavalcante, Silvana Marques e Thiago Braga
Articuladores Ângela Souza, Graça Martins, Heber Stalin,
Paulo José e Sílvia Moura

Curadoria Internacional, Nacional e Interior
David Linhares e Ernesto Gadelha
Curadoria Nova Cena David Linhares, Ernesto
Gadelha e Cláudia Pires
Curadoria Local Airton Tomazzoni

Coordenação geral do Fórum Latino-americano de Videodança
Sílvia Szperling
Coordenação local do Fórum Latino-americano de Videodança
Andrea Bardawil e Alexandre Veras

Direção Técnica Internacional Fabrice Olivvier e
Jean-Marc L. Hostis
Direção Técnica Nacional Walter Façanha
Coordenação Técnica Nacional Leonardo Porto Carrero
Coordenação de Cenotécnica Bertrand de Courville
Equipe técnica André Souza, Fábio Oliveira, Gedson de
Oliveira, Guilherme da Silva Leite dos Santos, Jessé
Pereira, João Mourão, Marcos Alexandre, Ozeias Firmino
da Silva (Nêgo) e Wallace Rios
Coordenação de som Carlos Calvet Pamplona
Coordenação de iluminação Samir Cassouf

Assessoria de Imprensa Dégage
Direção de arte, Projeto gráfico e Web design
Linhares Junior (Wetrailer)
Assessoria Contábil Waney Rolim Moreira e Luiz
Carlos Mamede
Impressão Gráfica Sérgio

Linhas editoriais

Livro Bienal Internacional de Dança do Ceará
Organização Rosa Primo e Thérèse Rocha
Pesquisadoras Thais Gonçalves e Thathiane Paiva

Revista OlharCE | Revista eletrônica olharce.com
Edição Thais Gonçalves e Thathiane Paiva
Direção de arte, Projeto gráfico e Web design Linhares Junior

Programa de televisão Terceira Margem
Direção geral Alexandre Veras e Luiz Carlos Bizerril
Edição e vinhetas Marco Rudolf
Apresentadora Thais Dabas

Agradecimentos

Abel Rochinha, Ana Gabriela Lima, Anália Timbo, Ana Tomé, Antônio Carlos
Madeira Lopes, Arnaldo Siqueira, Assislan de Paiva, Auto Filho, Caio Quindere,
Camila Albuquerque, Cantídio Fernandes Neto, Carla da Escócia, Carmem
Paula de Vasconcelos Menezes, Carolina Teixeira Rodrigues, Cecília Pereira
Felignann, Cid Gomes, Cláudia Pimentel, Cléssio Sousa, Dané de Jade, Delânia
Azevedo, Diana Pinheiro, Edgar Linhares, Eduardo Bonito, Eliane Costa,
Elisabeth Jagnaribe, Emilson Graça, Fátima Mesquita, Fernanda do Val, Francisco
Claudio Furtoso Leite (Dino), Francisco Marcio Caetano, Gledson Félix,
Glória Maria Ramos Tavares, Idelfonso Colares, Inês Bogéa, Iracily Cardoso,
Isabel Fernandes, Izabel Gurgel, Jean Nascimento, Jerusa Oliveira, João Dummar
Neto, Jorge Cléssio da Silva, José Clerton Martins, José Lima Ferreira, José
Nunes Almeida, José Ulisses Correia e Silva, Jota Ferreira, Jota Júnior, Karine
Alexandrin, Leonel Brum, Lia Rodrigues, Lucas Baldovino, Luiz Gonzaga de
Castro Junior, Luizianne Linx, Maninha Moraes, Mano Granjeiro, Manoel
Raimundo de Santana Neto, Manoel Monteiro da Veiga, Marcelo Bonnes,
Marcelo O. Dantas, Márcia Araújo, Marcos Moraes, Maria Aparecida Ribeiro
Fernandes, Maria Dulce Silva Barros, Michelle Robert, Mônica Simões,
Neidinha Castelo Branco, Oscar Roney, Paulo Damasceno, Paulo Linhares,
Excelentíssimo Presidente da República do Cabo Verde Pedro de Verona
Rodrigues Pires, Regina Studart, Rejane Reinaldo, Roberto Smith, Rodrigo
Galletti, Rômulo de Paula, Sabine du Puytison, Sérgio Araújo, Sérgio Franca,
Sérgio Mamberi, Sileida Franklin, Sílvia Bessa, Sílvia Szperling, Socorro
Linhares, Stefan Danzl, Taciara Portela, Thais Reis, Theresse Barbanel, Ticiane
Pinto, Valéria Pinheiro, Viviane Carneiro, Vivian Reis, Wesley Mendonça, Yara
Rodrigues e Yolanda Markan.

Endereços da programação

FORTALEZA
Alpendre e Escritório da Bienal Internacional de Dança do Ceará
Rua José Avelino, 495 – Praia de Iracema | 85 3219.3803

Artelaria
Avenida da Universidade, 2642 – Benfica

Café Teatro das Marias
Rua Senador Almino, 223 A – Praia de Iracema | 85 3219.4939

Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil – CCBNB
Rua Floriano Peixoto, 941 – Centro | 85 3464.3108

Centro Cultural Bom Jardim – CCBJ
Rua 3 corações, 400. Próximo ao ABC | 85 3497.5981 / 3497.5991.

Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – CDMAC
(Teatro Dragão do Mar, Praça Verde e Auditório do
Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura)
Rua Dragão do Mar, 81 – Praia de Iracema | 85 3488.8600 /
3488.8612 | www.dragaodomar.org.br

**Centro Urbano de Cultura, Arte Ciência e Esporte –
CUCA Che Guevara**
Avenida Castelo Branco, 6417 – Barra do Ceará

Estacionamento do Espaço Vila Maria
Rua Pessoa Anta, 142 – Praia de Iracema | 85 3231.1831

Hey Ho
Rua José Avelino, 604 – Praia de Iracema | 85 3219.3931

SESC SENAC Iracema
Rua Boris, 90 C – Centro | 85 3452.1242 | mcad@ce.senac.br

Theatro José de Alencar – TJA
Praça José de Alencar, 3/11 – Centro | 85 3101.2567 / 3101.2583 |
tja@secult.gov.br | teatrojosedalencar.blogspot.com

Vila das Artes | Escola Pública de Dança de Fortaleza
Rua 24 de Maio, 1221 – Centro | 85 32521444

JUAZEIRO DO NORTE
Teatro Patativa do Assaré – SESC Juazeiro
Rua da Matriz, 227 – Centro | 88 3512.3355 / 3511.5569

PARACURU
Escola de Dança de Paracuru
Rua Pedro Barroso Meireles, 175 – Boca do Poço | 85 3344.2090

SOBRAL
Teatro São João
Avenida Dom José, 881 – Centro | 88 3611.2712 / 3611.2956 |
teatrosaojoao@yahoo.com.br e teatrosaojoao@sobral.org

SESC Sobral
Praça Deputado Francisco Monte, 902 – Centro | 88 3611.0954

BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ

www.bienaldedanca.com

APRESENTAÇÃO

BR PETROBRAS

PATROCÍNIO

Banco do Nordeste
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
funarte

APOIO CULTURAL

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL

APOIO INSTITUCIONAL

AMBAIXADE DE FRANÇA AO BRASIL
O POVO
BERLIN
CCBA
SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE PARANÁ
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE PARAGUAI
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE PIAUÍ
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE RORAIMA
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DE TOCANTINS

PARCEIROS

CIRCUITO INTERNACIONAL DE DANÇA
dança@terra.com.br
ALPHAVILLE
PoderDança
RIOJARTE
A.H.B.D.

REALIZAÇÃO

SANZA CENTRO DE DANÇA DE SÃO PAULO
iacc CENTRO DE DANÇA DE SÃO PAULO
CENTRO CULTURAL DON JARDIM
TEATRO JOSE DE ALencAR Indústria da Dança
ID Instituto de Dança
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO RIO DE JANEIRO

SESC senac dica UNIAO DAS ARTES

APOIO

Fortaleza
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO CEARÁ
Prefeitura de Sobral
HELENO
CENICA
SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO CEARÁ
TVC

França.Br 2009

Agradecimento Especial
Companhia Energética do Ceará

Alain Buffard França Airton Tomazzoni Rio Grande do Sul Alysson Amancio Cia. de Dança Ceará Andréa Sales Ceará Aspásia Mariana Ceará Ballet de Lorraine França Cacheado Braga Ceará Cambada Ceará CEM Centro de Experimentações em Movimentos Ceará Cia. Balé Baião de Dança Contemporânea Ceará Cia. de Dança Ciclos Ceará Cia. Dita Ceará Cia. Etra Ceará Cia. Flex Ceará Cia. Vatá Ceará Cie. Toula Limnaios Alemanha Cláudio Leitão Ceará Daniela Stasi São Paulo Daniel Pizamiglio Ceará Denise Stutz Rio de Janeiro Emanuel Breno e Márcio Medeiros Ceará Em 2 Cia. de Dança Ceará Flávio Sampaio Ceará Grupo Cena 11 Cia. de Dança Santa Catarina Grupo N α Ceará Inês Bogéa São Paulo J.Gar.Cia Dança Contemporânea São Paulo João Fiadeiro Portugal Jorge Garcia São Paulo Lavínia Bizzotto Rio de Janeiro Luis Garay & Co. Buenos Aires Argentina Marcela Levi e Flávia Meireles Rio de Janeiro Marcos Moraes São Paulo Maria Cristina Franco Ferraz Rio de Janeiro Marina Brusco Argentina Minna Tuovinen e Martin Heslop Finlândia Norma Claire Guiana Francesa Paracuru Cia. de Dança Ceará Raiz di Polon Cabo Verde/África São Paulo Companhia de Dança São Paulo Sílvia Soter Rio de Janeiro Staccato | Paulo Caldas Rio de Janeiro Sílvia Moura Ceará Teatro Máquina Ceará Thereza Rocha Rio de Janeiro Vanilton Lakka Minas Gerais Vera Mantero Portugal